ISSN: 1645-4790

2
dezembro 2002

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

Actas do Colóquio, nos 300 Anos da Missão Espiritana
"A Missão num Mundo Incerto"

Cinquentenário do Seminário da Torre da Aguilha

BV2300
.H65
M5
no. 2
Dez.
2002
Spiritan
Coll.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

Título:
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. Eduardo Miranda (Superior Provincial de Portugal);
P. Barnabé Sakulenga (Superior Provincial de Angola);
P. Gilberto van Tel (Superior Provincial de Brasil);
P. Manuel Martins N. Ferreira (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Alice Areias (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Conselho de Redacção:
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

Comité de Redacção:
Alfredo Teixeira; José Manuel Sabença; António Santos Moreira; Mário Faria Silva; Fátima Gama; António Joaquim Galvão

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Seminário Torre d' Aguilha
2785-599 S. Domingos de Rana
Tel.: 214 447 530 - Fax: 214 447 539
missaoespiritana@espiritanos.org

Assinatura 2002: Portugal 12€, Outros Países 15€
Edição Avulso: 7€

Design gráfico e capa:
Victor Silva

Composição, paginação e impressão:
Gráfica Povoense, Lda.

ISSN: 1645-4790

Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 750 exs.

BV2300
.H65
M5
no. 2
Dez. 2002
Spa.
Col.
021346784

sumário

- Editorial 3

"A MISSÃO NUM MUNDO INCERTO"
- As Actas do Colóquio, nos 300 anos da missão espiritana

- Programa do Colóquio 11
- Abertura do Colóquio
  – por P. EDUARDO MIRANDA 13
- As incertezas do mundo contemporâneo
  – por Dr. MÁRIO SOARES 15
- Justiça, paz e integridade da criação na era da globalização
  – por TEOTÓNIO DE SOUZA 27
- Que missão para a Europa?
  – por D. JOSÉ POLICARPO 37
- A Missão nas fronteiras e as fronteiras da missão
  – por P. PIERRE SHOUVER 45
- Amazónia, missão e espiritualidade da terra-água
  – por D. SÉRGIO CASTRIANI 53
- África, a missão da esperança e a espiecialidade da inculturação
  – por P. JERÓNIMO CAHINGA 61
- *Mesa redonda:* experiências de missão na América Latina 73
- *Documentos:* comissão pastoral da terra 85
- *Exposição missionária:* alarga o espaço da tua tenda
  – por SECRETARIADO DO ANO ESPIRITANO 89

CINQUENTENÁRIO DA TORRE D'AGUILHA

- Seminário da Torre da Aguilha: 50 anos ao serviço da Missão
  – por P. ADÉLIO TORRES NEIVA 93
- Remodelação da Igreja do Seminário da Torre da Aguilha
  – por Arq. LÍBANO MONTEIRO 109

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

editorial

um mundo incerto: desenraizamento e relativização cultural

Depois da falência dos mecanismos da "guerra fria" e do esgotamento da política dos dois blocos está a erguer-se um novo mundo para uns policêntrico, para outros acentrado, onde as diferenças ideológicas parecem recuar perante a afirmação dos substractos culturais. E estes fundam-se sempre numa determinada reserva da qual faz parte um património religioso

A História mostra-nos que as religiões desempenharam um papel importante na construção das fronteiras culturais. Elas foram um poderoso recurso no domínio da construção social da diferença. Na mitologia europeia encontramos frequentemente essa figura do "outro" paradoxalmente tão próximo e tão distante. O "pagão" (o camponês), o "selvagem", o "negro" preencheram esse arquétipo. Mas também esse "outro interior", o judeu, o semelhante-dissemelhante por excelência — já que a figura do radicalmente não-semelhante, o "outro exterior", foi preenchida pelo turco, o muçulmano, empurrado para o lado de lá de uma fronteira vigiada militarmente e guardada em toda a sua extensão.

Mas hoje descobrimos que o "outro", o exótico, não se confina à figura do longínquo. Ele está perto porque se multiplicam aquelas zonas onde as culturas se tocam promovendo novos desenhos multiculturais na geografia humana. Neste novo contexto de transformação das escalas do "local", do "trans-local" ou do "global", descobrimos espaços geográficos que já não podem ser identificados de modo exclusivo com uma determinada configuração histórico-cultural e assistimos a encontros entre culturas que no passado se anatematizaram mutuamente. Este é, também, o tempo em que se multiplicam os discursos acerca da perda de identidade e do desenraizamento cultural, e em que cada momento de recessão económica conduz à proliferação de redes de solidariedade defensiva.

A este propósito, multiplicaram-se os discursos acerca da perda do sentido de identidade cultural ou acerca da crise que afecta a capacidade de identificação simbólica, capacidade que permite aos indivíduos, sob o

ponto de vista cognitivo, reconhecerem-se e distinguirem-se. Ora esse desenraizamento promove o desmoronamento das imagens estáveis do mundo, os reservatórios das representações colectivas. Neste contexto, religiões que se pretendem universais são particularizadas e religiões que sempre foram particulares se mundializam.

Este novo regime de encontros culturais pode promover fenómenos diversos (por vezes, paradoxalmente diversos): a redefinição do olhar do "eu" sobre o "outro"; o refúgio em universos simbólicos que permitem continuar a imaginar unida e coerente uma realidade profundamente fragmentada; novas formas de mestiçagem cultural que ilustram uma clara desarticulação entre crer e pertencer.

Depois da falência dos mecanismos da "guerra fria" e do esgotamento da política dos dois blocos está a erguer-se um novo mundo — para uns policêntrico, para outros acentrado — onde as diferenças ideológicas parecem recuar perante a afirmação dos substractos culturais. E estes fundam-se sempre numa determinada reserva da qual faz parte um património religioso. Acontecimentos recentes, como a falência dos regimes autoritários de Leste, os novos desenvolvimentos da crise do Médio Oriente, ou os conflitos nos Balcãs vieram recordar que a diferença cultural mais irredutível não é fundamentalmente alimentada pela língua, como pretendeu certo nacionalismo romântico, mas pelo substracto religioso-cultural.

No caso da comunidade europeia, neste tempo em que o capital simbólico do Estado-Nação foi abalado por políticas de promoção da unidade europeia, vive-se frequentemente a necessidade de reactivar as identidades intermédias, não apenas geográficas, mas também identidades culturais determinadas por diferenças linguísticas e religiosas. Quando a credibilidade do político e as prerrogativas do Estado são fortemente desqualificadas, a religião surge frequentemente como um recurso mobilizador que visa dar uma novo alento à nação e à região. Nesse contexto, podemos descobrir uma nova atenção concedida à religião popular e aos lugares da memória religiosa das nações, capital simbólico que pode alimentar o fogo sagrado que celebra e sustenta os laços comunitários, capacidade que falta em geral ao Estado burocrático e às instâncias internacionais ou multinacionais.

As "comunidades esclesiais de base" ilustram o modo como a religião, privilegiando a sua dimensão comunitária pode ser factor de resistência face a poderes políticos e económicos demolidores das culturas locais

A evolução do campo religioso num país da América Latina como o Brasil é a este respeito significativa. As "comunidades esclesiais de base" ilustram o modo como a religião, privilegiando a sua dimensão comunitária pode ser factor de resistência face a poderes políticos e económicos demolidores das culturas locais. Alguns dos protestantismos latino-americanos também dinamizaram resistências às estratégias de uniformização. O sucesso da nova vaga do pentecostalismo (que tem expressão tanto no campo católico, como no protestante, como até nas suas margens) parece depender precisamente da sua proximidade da própria cultura religiosa popular brasileira e da sua capacidade de resposta aos problemas decorrentes do desenraizamento cultural e desfavorecimento sócio-económico de grande parte da população.

Ainda no contexto da América Central e do Sul, vale a pena recordar movimentos culturais recentes como a chamada "nova religião maia" da Guatemala que, independentemente daqueles traços que denunciam uma reconstrução mitificada das origens da religião maia, é um testemunho claro dessa demanda de referências culturais capazes de preencher o desejo de singularidade e reconhecimento e vençam a indiferenciação.

Nos Estados árabes muçulmanos, alguns movimentos de oposição usaram as narrativas fundadoras do Islão para criticar certos regimes ditatoriais (v.g. Argélia). Algumas elites chegaram a ver no sistema democrático ocidental uma solução. Mas o problema palestiniano tem desgastado a confiança nesse sistema democrático, favorecendo uma reactivação das formas de socialidade e civilidade tradicionais islâmicas centradas na família.

Mas se antes encontrámos alguns exemplos que nos permitem afirmar que o desmantelamento de algumas das fronteiras que dividiam as culturas promovem a revitalização da memória religiosa, teremos de dizer também que, paradoxalmente, não faltam testemunhos do efeito erosivo de tal fenómeno sobre as identidades religiosas. Nos actuais contornos da globalização "societal" contemporânea os indivíduos experimentam, de facto, a fragilidade das fronteiras simbólicas que organizavam os sistemas culturais a que pertenciam. Essa fragilidade possibilita a apropriação de bens culturais que têm origem no território do "outro" integrando-os de uma forma pragmática no seu universo de interesses.

O sincretismo de que aqui se está a falar não é um fenómeno religioso novo. A história das religiões apresenta-nos inúmeros testemunhos de cruzamentos entre deuses, de descobertas de figuras míticas na epiderme de outras, de práticas antigas com nomes novos. No entanto, o fenómeno do sincretismo tem, hoje, aspectos novos. Antes de mais, porque nele se mistura um certo politeísmo e um pragmatismo eminentemente moderno. Ou seja, as novas mestiçagens religiosas estão ao serviço das necessidades dos indivíduos e dos grupos, explicam-se pelas suas trajectórias biográficas.

O fenómeno do sincretismo tem aspectos novos porque nele se mistura um certo politeísmo e um pragmatismo eminentemente moderno

E sob este ponto de vista, o discurso etnográfico acerca dos sincretismos (em particular negro-africanos e afro-brasileiros) e as leituras ditas pós-modernas acerca de uma nova ordem cultural fundada sobre a fragmentação do sentido parecem aproximar-se. Muitos dos discursos sócio-antroplógicos acerca da modernidade radicalizada nas sociedades pós-industriais não estão longe dos trabalhos antropológicos sobre a África subsariana e a América Latina. De facto, em qualquer destas geografias, o fenómeno da mestiçagem cultural (e em particular, religiosa) não corresponde ao modelo biológico, que sugere a fusão de formas culturais, mas ao modelo mecânico, que se traduz em práticas de montagem de elementos que têm origem em conjuntos simbólicos diversos.

As pesquisas antropológicas mostram que as sociedades "exóticas" (para nós europeus) têm um talento especial para assimilar conteúdos culturais exógenos (cristãos, islâmicos ou outros) sem a necessidade de abandonar as categorias indígenas que constituem a matriz das suas crenças e pertenças.

No caso africano, a antropologia mostrou que os santos católicos nem sempre expulsaram as figuras divinas tradicionais, porque nos deparamos com uma lógica "mole" de assimilação e ambivalência, que se traduz numa propensão para coleccionar deuses, para os acomodar e recompor segundo interesses vários, ignorando o princípio da não-contradição. É esta mesma versatilidade que, na América Latina, impõe limites ao "exclusivismo" que o catolicismo e o protestantismo procuram implementar.

Em alguns casos estes fenómenos de mestiçagem assumem contornos trágicos. Veja-se o caso do líder da Verdade Suprema, grupo religioso japonês, acusado de ter derramado um gás altamente tóxico no metropolitano de Tóquio. No propósito de construir um conjunto eficaz de referências simbólicas, o líder religioso elaborou um discurso-amálgama onde se misturam as linguagens dos apocalipses cristãos e certas mundividências budistas. Assim se constrói uma argumentação religiosa sincrética que pretende demonstrar que o colapso ecossistémico iniciado pela tecnociência deve ser acelerado e onde se promete uma via segura de salvação para os eleitos.

Os estudos que conheço sobre a religião no Japão mostram que o papel geopolítico que este país foi assumindo depois da Segunda Guerra Mundial terá conduzido a uma progressiva perda de confiança no sistema simbólico xintoísta de interpretação do mundo, menos permeável aos ideais de modernização reinantes. Por isso, aí, como nas nações do sudoeste asiático tem triunfado o sincretismo; aquele sincretismo moderno que é a arte da combinação modulada com base nas exigências subjectivas dos indivíduos ou dos clãs familiares e que permite suportar os custos da expansão das estruturas da modernidade.

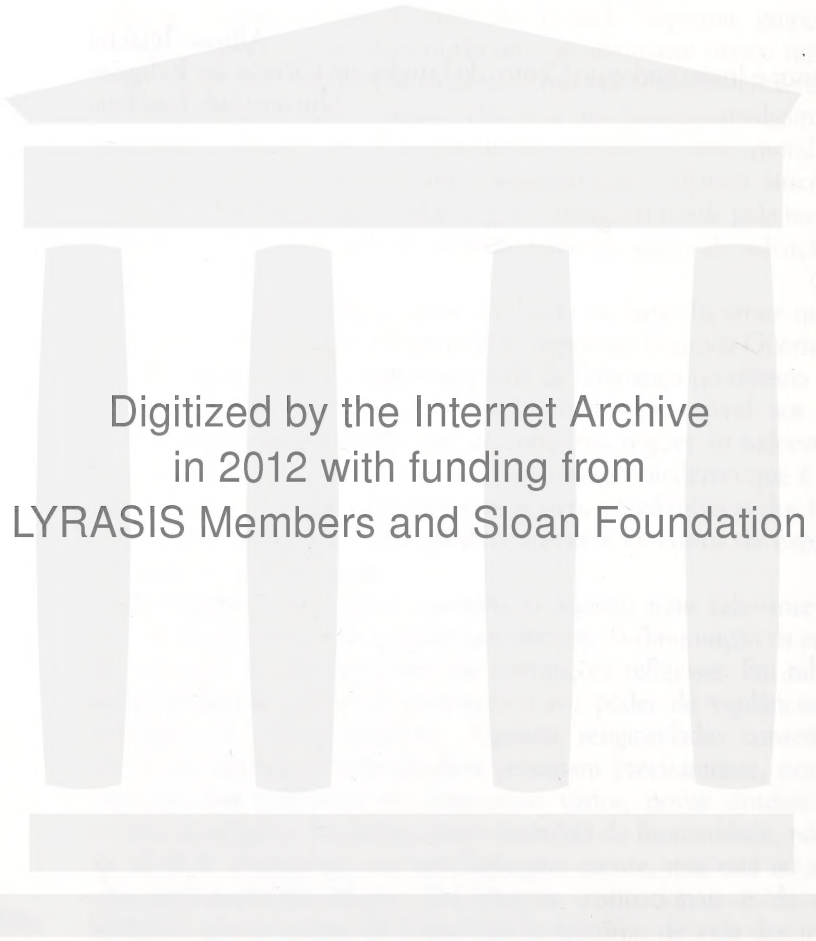
Se ficarmos pelo espaço europeu, o aspecto mais relevante não será tanto este sincretismo mas aquilo que decorre da diminuição da capacidade de regulação do crer por parte das instituições religiosas. Em tal situação, estas instituições não têm garantido o seu poder de vigilância sobre as fronteiras do campo religioso. Algumas religiosidades contemporâneas de recorte místico e individualista procuram precisamente, neste não já universo mas pluriverso de fragmentos vários, novas sínteses. Aqui, o recurso às religiões históricas, como memória da humanidade, não se situa ao nível da perpetuação de uma linhagem crente, mas está ao serviço de uma espiritualidade liberta dos ditames institucionais e da coerência histórica, que se adapta de forma ágil às histórias de vida dos indivíduos. Neste percurso se prescinde da memória codificada das religiões bem como das exegeses e teologias dos peritos e se valoriza sobretudo uma espécie de autodidactismo religioso.

Pensar a Missão num contexto em que se multiplicam os factores de desenraizamento social e de relativização cultural é uma tarefa desafiante

Pensar a Missão num contexto em que se multiplicam os factores de desenraizamento social e de relativização cultural é, certamente, uma tarefa desafiante. Os espiritanos, na celebração dos 300 anos da Missão Espiritana, não quiseram ficar na contemplação da sua memória, na evocação dos seus heróis; decidiram enfrentar o desafio de reflectir sobre as condições actuais da Missão, nesse mundo que experimentamos cheio de incertezas. Dessa

disponibilidade resultou o material de reflexão e os testemunhos que aqui se juntam, neste segundo fascículo da Revista Missão Espiritana. Publicam-se, assim, as actas do Colóquio "A Missão num mundo incerto", realizado no Seminário da Torre d'Aguilha, de 7 a 9 de Junho, no contexto da celebração do jubileu espiritano. Será, pois uma oportunidade para alguns prolongarem a reflexão que aí fizeram e para outros contactarem com as experiências e as mundividências que aí foram partilhadas.

Alfredo Teixeira
Professor e Investigador no Centro de Estudos em Ciência das Religiões
Universidade Lusófona



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
LYRASIS Members and Sloan Foundation

http://archive.org/details/missoespiritanan02cong

"A Missão num Mundo incerto"

As Actas do Colóquio, nos 300 Anos da Missão Espiritana

Programa do Colóquio

"A Missão num mundo incerto"

NOS 300 ANOS DA MISSÃO ESPIRITANA

7 a 9 de Junho de 2002

Sexta-feira, 7 de Junho:

21.30 h – Sessão de Abertura:

Saudação – **Pe. Eduardo Miranda**, Superior Provincial da Congregação do Espírito Santo em Portugal

– **Alfredo Teixeira**, pela Comissão Organizadora

Conferência inaugural: ***As incertezas do mundo contemporâneo***
Exmo Sr. Presidente **Dr. Mário Soares**

Sábado, 8 de Junho:

9.30 h – ***Justiça, Paz e Integridade da Criação na era da Globalização***
Teotónio de Souza, Universidade Lusófona
Moderador: **António Rego**, jornalista

11.00 h – Pausa

11.30 h – ***Que Missão para a Europa?***
D. José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa

12.15 h – Inauguração da **EXPOSIÇÃO MISSIONÁRIA: *Alarga o espaço da tua tenda***
pelo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, **D. José Policarpo**

13.00 h – Almoço

15.00 h – ***A Missão nas fronteiras e as fronteiras da Missão***
Pe. Pierre Schouver, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo

16.00 h – ***Amazónia, missão e espiritualidade da terra***
D. Sérgio Castriani, Bispo de Tefé – Amazónia (Brasil)

17.00 h – Pausa

17.30 h – Mesa redonda: ***Experiências de missão na América Latina***
Moderador: **Domingos Rocha**, espiritano

19.00 h – Eucaristia

20.00 h – Jantar

21.30 h – Concerto Coral: ***As vozes do mundo***
Grupo Vocal Discantus

Domingo, 9 de Junho:

9.30 h – ***África, a missão da esperança e a espiritualidade da inculturação***
Pe. Jerónimo Cahinga (angolano), teólogo biblista, Conselheiro Geral Espiritano

11.00 h – Eucaristia (transmitida pela TVI)

13.00 h – Almoço

15.30 h – 17.30 h:
– Animação africana
– Lançamento da Revista **'Missão Espiritana'**
– Conferência de Encerramento:
Uma perspectiva histórica sobre a missão espiritana
Pe. Adélio Torres Neiva*, historiador e director da revista **Encontro**

* Ler artigo *"Uma perspectiva histórica sobre a missão espiritana"*, por P. ADÉLIO TORRES NEIVA na Revista Missão Espiritana N.º 1, pp. 13-28.

abertura do colóquio:
a missão num mundo incerto

Uma celebração jubilar evoca necessariamente o património histórico, recebendo dele inspiração para viver com paixão o presente e abrir-se ao futuro com confiança e esperança

O colóquio "MISSÃO NUM MUNDO INCERTO" que hoje iniciamos é um dos vários eventos previstos ao longo deste Ano Espiritano (iniciado em 2 de Fevereiro de 2002 e a concluir no Pentecostes de 2003) para celebrar os 300 anos de Missão Espiritana. O objectivo geral do Jubileu Espiritano é revisitar as intuições originais e à luz das mesmas responder de forma criativa aos desafios do nosso tempo. Com este colóquio pretendemos sobretudo lançar um olhar de lucidez sobre este nosso mundo pois é ele que marca a nossa agenda missionária.

Uma celebração jubilar evoca necessariamente o património histórico, recebendo dele inspiração para viver com paixão o presente e abrir-se ao futuro com confiança e esperança.

Lembro as palavras de João Paulo II quando, há anos atrás, lançava esta enérgica interpelação aos religiosos/as de todo o mundo: "vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir! Olhai o futuro, para o qual vos projecta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas."[1]

A todos dou as boas vindas e desejo que num mundo incerto tenhais a certeza de que a vossa presença amiga e solidária é estimulante porque nos abre a uma nova compreensão de missão onde a colaboração, a partilha e a interdependência são elementos fundamentais.

Permito-me destacar a muito apreciada presença entre nós de pessoas que representam o rosto de povos e Igrejas que vamos percorrer ao longo deste fim de semana.

O P. Pierre Schouver, Superior Geral da Congregação, faz-nos sentir Família Missionária Espiritana em Cor Unum et Anima Una.

D. Zacarias Kamuenho, presidente da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e Príncipe, meritoriamente prémio André Sakarov, desde sempre amigo dos Espiritanos, quer estar connosco e trazer a comunhão da

[1] Vida Consagrada, n.º 110.

Igreja angolana. Registamos a referência explícita aos 300 anos de Missão Espiritana numa das últimas cartas pastorais da CEAST (Conferência Episcopal de Angola e São Tomé).

D. Sérgio Castrianni, bispo de Tefé-Amazónia (Brasil) traz o rosto jovem da América Latina que cada vez mais se impõe na Congregação.

Sem me antecipar a quem vai apresentar o conferencista desta noite, não posso deixar de referir que o Sr. Dr. Mário Soares já em 1994, então na qualidade de Presidente da República, esteve nesta casa, durante um Capítulo Provincial onde, à porta fechada, teve uma bem interessante conversa com os Missionários Espiritanos sobre o então complicado dossier de Angola. Sr. Dr.! se repetimos o convite é porque apreciamos o modo de comunicar o seu jeito de ver o mundo.

Que todos vos sintais bem nesta viagem por um mundo incerto para que nele possamos melhor realizar a missão certa.

P. Eduardo Miranda
Torre d'Aguilha, 7 de Junho de 2002

as incertezas do mundo contemporâneo

O ex.mo Sr. Presidente Dr. Mário Soares, pelo seu prolongado desempenho de múltiplas funções políticas ao mais alto nível, nacional e internacional, conhece melhor do que ninguém o mundo em que nos movemos, com as suas incertezas e contradições. O texto que aqui apresentamos é da responsabilidade da Redacção enquanto se trata da transcrição, tanto quanto possivel fidedigna, da conferência proferida pelo Dr. Mário Soares na abertura do Colóquio: "A missão num mundo incerto".

É para mim, uma honra, e tenho de começar por agradecer o convite que me foi feito para estar hoje aqui convosco, justamente, num colóquio que é comemorativo dos 300 anos da missão espiritana.

Como disse o apresentador, e bem, não é uma casa desconhecida para mim. Tive a honra e o prazer de conhecer os dois irmãos Alves Correia, precisamente antes de um, o P. Joaquim Alves Correia, ser, digamos, obrigado por Salazar a expatriar-se de Portugal e ir para a América, onde morreu, logo depois da guerra. Lembro-me muito bem dele. Eu era jovem aluno da faculdade de Letras e contactei com ele porque havia, nessa época, um grupo de jovens (dos quais ainda são vivos dois, o Dr. João Sá da Costa, que certamente alguns conhecem, e o Dr. Ferreira da Costa), católicos conciliares "avant la lettre", que tinham um grupo católico chamado *Metanóia*. Eram jovens estudantes democratas anti-regime salazarista mas, realmente, muito católicos com uma acção importante na universidade. Entrei em contacto com eles e quiseram que eu conhecesse o P. Joaquim Alves Correia, amigo dum amigo meu, antigo professor do liceu, o Dr. Raul Rego, que foi depois director do jornal República e um grande jornalista português, infelizmente já falecido. Foi através deles que fui a uma casa, que suponho ser vossa. Depois, lembro-me bem dum artigo que ele escreveu, chamado o *"O mal e a caramunha"*; aliás, há pouco, falava-me nisso o sr. Padre Provincial. É um artigo muito interessante que ele escreveu no jornal República, precisamente, a denunciar uma série de dislates que

aquele regime tinha dito sobre coisas passadas, que não vale a pena agora recordar, e que lhe valeu, não direi a deportação, porque ele não foi formalmente deportado, mas o obrigou a expatriar-se do país. Por isso mesmo, nunca o esqueci.

O P. Alves Correia tem um livro realmente notável (os dois irmãos eram notáveis, quer um, quer outro, mas sobretudo o P. Joaquim) chamado *A LARGUEZA DO REINO DE DEUS*, que foi recentemente, ou pelo menos há uns anos, reeditado por vós. É um livro muito interessante que eu li nessa altura, em 1945. Daí vem a minha simpatia pela vossa missão. E quando em 1994 o P. Bongo (que conheci por causa da situação de Angola e de Cabinda também) me disse que gostaria que eu fosse à missão espiritana, fui com o maior prazer e um grande gosto porque tinha todas essas informações e essa referência. Agora, mais uma vez, fui convidado e estou muito grato por este convite, para falar dum tema que se insere dentro do vosso colóquio: 300 anos de missão espiritana num mundo incerto. Querem, portanto, que eu fale sobre as incertezas do mundo contemporâneo.

O mundo contemporâneo é um mundo perigoso

O mínimo que se pode afirmar do mundo contemporâneo, o mínimo dos mínimos, é que ele é incerto

Começo por dizer que o mínimo que se pode afirmar do mundo contemporâneo, o mínimo dos mínimos, é que ele é incerto. Mas, além de incerto, é um mundo perigoso. Assim dizia um jornalista, também ele conhecido certamente de muitos de vós e que morreu recentemente em condições dramáticas, Vítor Cunha Rego, numa coluna que assinava na última página do Diário de Notícias, e que acabava quase sempre a dizer, *realmente o mundo está perigoso.*

O mundo está muitíssimo perigoso quer no plano económico, quer no plano político, quer no plano social, quer no plano ecológico... em todos os planos: o mundo está, infelizmente, desregulado e sem norte. Estamos a atravessar, sem exagero, aquilo a que se pode chamar uma verdadeira crise de valores, uma crise de civilização. Para situarmos esta crise diria, sem recuarmos muito, que desde o final da guerra mundial até à altura em que acabou a guerra-fria (1989, 1990, 1991), o mundo estava dividido de duas maneiras: o ocidente e o oriente. Por um lado, uma sociedade que se dizia livre, que propunha a liberdade; por outro, uma sociedade que se dizia igualitária, mas que infelizmente não o era: a sociedade comunista. Além disso, estava dividido ainda doutra maneira mais subtil, mas também importante: entre o norte, desenvolvido e rico, e o sul, pobre.

Há necessidade de diálogo e de ajuda do norte ao sul porque este diálogo é um verdadeiro imperativo de sobrevivência, sobretudo para o norte

Um grande socialista do final da segunda metade do século XX, Willy Brandt, propôs que se estabelecesse o diálogo entre o norte e o sul e apresentou um relatório nas Nações Unidas sobre como discutir as relações entre o norte e os problemas do sul. Dizia nesse relatório, logo nas primeiras páginas, (conheço bem o relatório porque prefaciei a edição portuguesa): há necessidade de diálogo e de ajuda do norte ao sul porque este diálogo é um verdadeiro imperativo de sobrevivência, sobretudo para o norte: porque, dizia ele, se não houver este diálogo a vida do próprio norte vai tornar-se impossível; a vida sobre a terra vai tornar-se impossível.

Foi desta visão do mundo que nasceu aquilo que durante muito tempo se chamou os *países não alinhados*, nem entre o ocidente nem entre o oriente, que se formaram após a Conferência de Bandung. Eram os não alinhados, ou aqueles que estavam neutrais, e que faziam um certo jogo entre os dois lados, os dois blocos: o bloco do ocidente, chamado da liberdade (Estados Unidos e Europa) e o bloco soviético. E iam-se defendendo com este jogo. Os países que iniciaram o jogo eram países que estavam, nessa altura, a sair do colonialismo, como a Índia, o Egipto e a Jugoslávia. Foram estes três países que lançaram, fundamentalmente, o movimento dos não alinhados.

Hoje, com a queda da cortina de ferro e o colapso do partido comunista, o mundo deixou de ser bipolar, como era, para ser um mundo unipolar, com a emergência de uma única grande potência, os Estados Unidos. É uma potência simultaneamente militar (sem paralelo com qualquer outra, com um poder militar nunca visto na história mundial) e económica, embora aqui não seja muito diferente do poderio da União Europeia no seu conjunto. É uma grande potência tecnológica e mediática, sobretudo mediática, visto que hoje quem vê a CNN, ou as grandes cadeias de televisão americanas percebe perfeitamente quais são os temas que interessam aos americanos. E isso repercute-se em todas as outras ondas: aquilo que não interessa aos Estados Unidos não é notícia e deixa de ser iluminado. E é por isso que há países que desaparecem do mapa, são esquecidos ou estão a caminho de entrar numa decadência extrema e ninguém fala neles, ninguém os foca, porque, como isso não interessa à potência dominante e aos grandes meios de informação, que estão todos coordenados entre si através de interesses económicos, não os iluminam nem os explicam.

Aquilo que não interessa aos Estados Unidos não é notícia e deixa de ser iluminado

Esta mudança levou a que a potência emergente, que era e é os Estados Unidos da América, dissesse que se tratava do triunfo da democracia que eles chamam liberal. E lançaram, como duas ideias correlativas, quase idênticas, a ideia de democracia liberal, isto é, uma democracia concentrada nos problemas políticos essenciais e não nos problemas sociais, nem nos problemas ecológicos, nem nos problemas económicos (também se pode falar no problema económico, social e cultural). Estão focados nas questões de democracia política, principalmente, e também na necessidade de defender o livre comércio e a economia do mercado. Eles divulgaram, justamente depois da queda do muro de Berlim e do colapso do comunismo, a ideia de que livre mercado e democracia eram a mesma coisa. Ora realmente não são. O mercado livre é uma coisa e a democracia é outra.

A economia de mercado precisa de valores que a orientem

É claro que quando conhecemos tudo o que se passava por detrás da cortina de ferro depois do colapso do comunismo, percebemos que realmente nas sociedades comunistas, que eram sociedades estatizadas, as pessoas não eram livres porque eram todas funcionárias do Estado, dependiam do Estado, e quem depende das pessoas tem a sua liberdade limitada. Podemos dizer, que sem economia de mercado não há liberdade, e, portanto, não há democracia. Mas a inversa não é verdadeira, porque com a econo-

Sem economia de mercado não há liberdade, e, portanto, não há democracia

A economia de mercado leva ao triunfo dos mais fortes ou dos que têm mais sorte, por isso é indispensável que haja um valor que se sobreponha ao simples jogo do mercado para impor regras e valores

mia de mercado pode-se ir muito longe em regimes de ditadura. O exemplo mais conhecido, para não citar outros, é o exemplo do Chile no tempo de Pinochet. Era uma ditadura realmente violenta com mortes de milhares de pessoas, pessoas perseguidas, presas, etc., e, não obstante, tinha uma liberdade comercial muito grande e até teve um certo desenvolvimento económico. Simplesmente, o desenvolvimento económico não era bem partilhado por todos, era só para alguns. Isto é o que está a acontecer hoje em muitos outros países.

A economia de mercado é, portanto, importante para o desenvolvimento e progresso do mundo, mas não pode ser desacompanhada de valores que a orientem. A economia de mercado leva ao triunfo dos mais fortes ou dos que têm mais sorte, à concentração da riqueza nas mãos de alguns e ao desenvolvimento da miséria da maior parte. Leva a muitas desigualdades e conduz a muitas injustiças. É por isso que é indispensável que haja um valor que se sobreponha ao simples jogo do mercado para impor regras e valores, para fazer com que, através duma melhor repartição da riqueza, haja menos pobres e mais pessoas com mediania, para poder haver uma maior igualdade entre os cidadãos.

A ciência está a permitir aos homens fazerem coisas que podem vir a ser verdadeiras monstruosidades

O que se tem visto, desde então, através do fenómeno da globalização, é que houve uma revolução nestes últimos anos, no final do séc. XX e no princípio do nosso século. Uma revolução que está em marcha e que é de duas ordens. Em primeiro lugar é uma revolução tecnológica e bio-tecnológica porque a ciência está a permitir aos homens fazerem coisas que podem vir a ser verdadeiras monstruosidades, como por exemplo a clonagem de seres humanos, que hoje é possível e está ao alcance da humanidade. Coisas verdadeiramente horrorosas e que podem vir a criar verdadeiros monstros. Em segundo lugar, a ciência tem feito um progresso extraordinário na rapidez das comunicações: o desenvolvimento da nformática. Hoje toda a gente comunica com toda a gente através dos telefones, através dos vídeos, através dos audiovisuais. Hoje já se pode fazer uma conferência audiovisual, telefónica ou a ver a outra pessoa daqui para a África do Sul ou daqui para a América. É uma questão de linha telefónica e de dinheiro para pagar. Efectivamente, eu próprio já tenho participado nalgumas conferências dessas. Às vezes a três e a quatro pessoas, cada uma em seu sítio e em seu continente. A ver os outros e a conversar e a tratar como se estivéssemos juntos. Isto é um progresso impensável, extraordinário. Já se pode saber se existe ou não água em Marte; estamos a saber da existência de planetas que estão a séculos luz de distância do nosso; estamos a ter um conhecimento extraordinário do mundo e do universo; conhecemos o mundo inteiro e só nos faltam alguns conhecimentos das grandes profundidades oceânicas. Mas conhecemos integralmente tudo o resto e temos o inventário disso tudo. No entanto, apesar disso, a situação dos homens não melhorou na terra. E cada vez piora mais.

A Globalização é um facto, mas precisa de regras e princípios que a regulem

A este fenómeno da rapidez das comunicações, do intercâmbio do comércio, etc., foi dado o nome de *globalização*. Toda a gente já ouviu falar da globalização. O mundo é global. As economias estão globalizadas. Estão em contacto umas com as outras. É um fenómeno realmente inelutável; não se pode lutar contra uma coisa que é como a força da gravidade. Não se pode lutar contra uma globalização que está aí. Mas pode-se, sim, impor que essa globalização não seja selvagem, que tenha regras e princípios, que obedeça a valores.

O mundo é global. As economias estão globalizadas

Aliás, a natureza do próprio capitalismo, tal como o conhecemos no passado, mudou. Antigamente o capitalismo tinha uma vinculação nacional. Falava-se do capitalismo americano, do capitalismo francês, inglês, etc; falava-se do capitalismo japonês e havia sempre uma vinculação entre o capitalismo ou o imperialismo e o Estado Nação. Mas a natureza do próprio capitalismo mudou: hoje já não há capitalismo propriamente industrial. Antes, a riqueza advinha da produção, quer da agricultura quer da indústria, mais da indústria porque era mais importante do que a agricultura; fazia-se riqueza trabalhando a terra ou trabalhando o subsolo e transformando os produtos do subsolo para fazer automóveis, aviões ou qualquer espécie de artefactos. Hoje não é assim, porque a melhor maneira de fazer dinheiro e mais rápido (e também de o perder) é jogar na Bolsa. É o que os brasileiros chamam «economia de casino». Joga-se na Bolsa e ganham-se fortunas ou gastam-se fortunas. Quando abre a Bolsa de Tóquio, sente-se qual é a intenção com que se estão a fazer as apostas: o que é que está a subir e a descer. Joga-se, a seguir, pela via telefónica ou outra, na Bolsa de Hong-Kong, depois na de Singapura, passa-se para a de Paris, para a de Londres, para a de Frankfurt, para a de Nova York, para a de Washington e acaba-se na de Los Angeles e na de S. Francisco; depois começa-se outra vez em Tóquio quando está a acabar o dia. Ora, o resultado de 24 em 24 horas com este tipo de especulações, é que se fazem fortunas fabulosas nunca vistas.

Pode-se, sim, impor que essa globalização não seja selvagem, que tenha regras e princípios, que obedeça a valores

Só um exemplo pequeno: um amigo meu, que é português, industrial importante, tinha uma fábrica. Um belo dia vendeu a fábrica. E eu perguntei-lhe:

- então tem uma fábrica que lhe dá tanto dinheiro, ganha tanto dinheiro e vende a fábrica?

E ele respondeu:

- pois vendi.
- E então agora o que é que faz? Não faz nada?
- Não, tenho um pequeno escritório...
- Mas que faz nesse pequeno escritório?
- Tenho lá uns craques (craques quer dizer uns jovens rapazes) que sabem muito daquilo (é preciso ser gente jovem para ter essa aptidão e essa capacidade) e jogam nas Bolsas, vão colocando, vendem, compram, mandam vender e comprar, etc... e a verdade é que num ano ganhei mais do

do que em toda a minha vida! E está a ver que não tive riscos nenhuns. Estive no meu escritório, não tive nenhum risco nem esforço e com aquilo ganhei mais do que em toda a minha vida.

Essa natureza do capitalismo faz com que possamos dizer que hoje já não há imperialismos no sentido de vinculações nacionais. Há um império que, neste momento, ainda está muito relacionado com os EUA, mas é independente dos próprios Estados Unidos. E amanhã os próprios povos dos EUA podem vir a ser vítimas deste mesmo império que eles próprios criaram. Por exemplo, o sr. Bin Laden, segundo o próprio governo dos EUA diz, dois dias antes dos atentados do 11 de Setembro vendeu, através de algumas empresas que eles detectaram, acções em companhias de aviação, em hotelaria e em companhias de Seguros. Vendeu isso na alta e recebeu muito dinheiro. Dois dias depois deram-se os atentados... Houve uma queda e um medo de pânico e, claro, os mais atingidos foram as companhias de seguros que tiveram de pagar aos segurados por aquilo que aconteceu; o turismo, porque ninguém quis fazer turismo durante uma data de meses; e também a hotelaria com tudo o que lhe está associado. Passados uns dias, voltaram a comprar as mesmas acções, na baixa, e encaixaram uma fortuna fabulosa. Os EUA publicaram uma lista dessas empresas, dizendo que eram empresas suspeitas. Mas, a partir daí, deixaram de falar nisso. E deixaram de falar nisso porquê? Porque perceberam que estavam a tocar no cerne do verdadeiro capitalismo e, a tocar nisso, tinham que o regulamentar e não quiseram ou não puderam. Ainda prometeram que os Off Shors iriam parar, mas afinal não pararam, porque não podiam parar. E as coisas continuaram, o que significa que há também a inclusão do chamado dinheiro sujo nesses fluxos de capitais que correm de um lado para o outro e que é uma realidade impressionante e assustadora.

Há também a inclusão do chamado dinheiro sujo nesses fluxos de capitais que correm de um lado para o outro e que é uma realidade impressionante e assustadora

Hoje não se sabe, mesmo nos grandes bancos e casas bancárias muito sérias, se muito do dinheiro que lá está não é dinheiro que vem da droga, da prostituição ou da pedofilia, das redes criminosas, das máfias, das vendas de armas, etc... até de armas nucleares. Portanto, esta é uma situação de degenerescência da própria natureza do capitalismo; é uma degenerescência nova, um fenómeno novo.

Quando, há dias, estive em Espanha num colóquio semelhante a este, um ex-ministro das finanças da Alemanha, que é um homem muito notável a meu ver, chamado Óscar Lafontaine, (alguns já ouviram falar dele, que foi ministro das finanças da Alemanha há poucos anos) disse-me: "quando era ministro das finanças, falava-se muito na história da globalização e eu perguntei ao sr. Henri Kissinger (que foi ministro dos estrangeiros e o chefe do departamento de Estado da América durante muito tempo): – 'sr. Henri Kissinger, dê-me uma definição do que é isso da globalização'. E Kissinger, que é um homem muito directo e brutal respondeu desta maneira: - «para mim, a globalização é o domínio do mundo pelos Estados Unidos»...".

É por isso que muitas pessoas têm vindo a propor que se crie uma série de normas para regular esta globalização. A Alta Comissária das Nações

Unidas para os Direitos do Homem, que é uma antiga Primeira-Ministra da Irlanda, Marie Robinson, diz que é preciso criar uma globalização ética, com valores morais e éticos. Os movimentos anti-globalização deixaram de ter essa natureza de anti-globalização porque a globalização é um facto que está em marcha e que não pode voltar atrás – a globalização vem desde as grandes navegações dos portugueses, desde que o mundo é um só, mas tem-se vindo a acelerar. Portanto, não pode parar. Mas tem que ter preocupações de natureza humana, em primeiro lugar, e de natureza social e ecológica, porque estamos a estragar o mundo em que vivemos e vamos deixar aos nossos filhos um mundo pior do que aquele que recebemos. Quando nasci, por exemplo, não se falava em poluição das águas, nem na poluição dos oceanos. Era coisa que não havia. As praias não estavam poluídas, nem os rios. Não havia buraco de ozono, nem havia desequilíbrio do clima. Tudo isso está a ser feito porque há uma série de fenómenos desencadeados pelo homem que estão a dificultar os equilíbrios do próprio planeta. E, se isso não pára, não sabemos onde iremos ter... É por isso que todos os europeus estamos um pouco zangados com os EUA. Eles não quiseram assinar o protocolo de Kioto que tentava precisamente travar esse desequilíbrio. E não quiseram assinar porque as grandes companhias e as multinacionais deixariam de ganhar se tal acontecesse.

É preciso criar uma globalização ética, com valores morais e éticos

A globalização vem desde as grandes navegações dos portugueses, desde que o mundo é um só

O poder económico e mediático começa a estar acima do poder político

Portanto, o mundo está perigoso porque apesar de se falar muito na necessidade de uma democracia liberal, essa democracia está a tornar-se insuficiente, porque o poder económico e mediático começa a estar acima do próprio poder político. Quando dantes era o poder político quem dominava, hoje o domínio está no poder económico. Viu-se, por exemplo, na eleição do próprio Bush, porque sabemos que grandes companhias, que depois faliram, foram os financiadores do Bush para a campanha. Sabemos que todos os cidadãos podem ser presidentes da república. Mas, na realidade, só alguns, muito poucos, é que o podem ser porque são os que têm acesso ao dinheiro e à informação. Isso é uma perversão da democracia. Porque uma pessoa para ser eleita presidente da república de uma grande nação precisa de reunir capitais que não se sabe donde vêm e que têm um volume tal que um cidadão comum não pode ter.

O poder económico e mediático começa a estar acima do próprio poder político

Também pelo enfraquecimento dos Estados. Os Estados hoje estão indefesos. Uma nação tão velha, tão civilizada, tão extraordinária como a Argentina, está neste momento a desagregar-se. O Estado não tem capacidade de orientação. As pessoas estão entregues a si próprias e a fazer manifestações de rua, porque estão num descontentamento absoluto e ficaram arruinadas. Pessoas que tinham pago para a segurança social durante anos e anos, que tinham um certo rendimento e uma certa segurança em relação ao seu futuro, vêem-se de repente sem nada porque nem sequer podem levantar o dinheiro que têm no Banco. Os depósitos foram todos congelados. Porquê? Porque o Estado da Argentina foi cientificamente destruído para que uns tantos especuladores ganhassem mais fortunas.

Isto não é aceitável. E o pior é que não é só na Argentina. Neste momento começa a haver sinais inquietantes no Brasil, o que é muito grave não só para o Brasil, que é o maior país da América Latina, mas também para Portugal porque fizemos lá brutais investimentos. Se as coisas não correrem bem, vai repercutir-se em Portugal e por aí fora. Nós estamos relativamente protegidos por termos entrado na comunidade europeia e porque a comunidade europeia, com a sua moeda única, é um centro de protecção onde o dólar e a especulação entram com mais dificuldade. Se não, onde é que nós portugueses já estaríamos!

A democracia também está a ser iludida e destruída pela falta de regras para balizar os tais fluxos de capitais que entram e saem do país

Mas a democracia também está a ser iludida e destruída pela falta de regras para balizar os tais fluxos de capitais que entram e saem do país. Aqui em Portugal, vimos, por exemplo, que um grande industrial português fez uma recente reunião, que vem em todos os jornais, para dizer e ouvir o que será o futuro, o que seremos nós em relação à Espanha: só comemos produtos espanhóis, o capital é espanhol, a Espanha entra por aqui dentro... Não basta argumentar que estamos todos no mercado comum, na união europeia. Porque estamos na união europeia, mas ainda não estamos como os outros, ainda não estamos em comum com tudo. Se os outros defendem os seus sectores, temos de defender também os nossos.

A cidadania global, sinal de esperança

O fenómeno da cidadania global. Isto é, as pessoas começam a relacionar-se utilizando um método que resulta da revolução informática que é a internet

Temos esta globalização que temos. E tem surgido um fenómeno novo que é o fenómeno da cidadania global. Isto é, as pessoas começam a relacionar-se utilizando um método que resulta da revolução informática que é a internet. Comunicam umas com as outras, estabelecem acordos e de repente aparecem a manifestar-se quase sem organizações prévias. É um fenómeno novo. E é um fenómeno que tem a ver com a ideia de que aquele é angolano, nós somos portugueses, o outro é chinês e o outro é russo, mas podemos entender-nos porque somos todos humanos e sofremos talvez das mesmas coisas. É um fenómeno novo e um grande sinal de esperança e de persistência contra esse sistema.

É um fenómeno novo e um grande sinal de esperança e de persistência contra esse sistema

Claro que quando se fala desses movimentos que não são antiglobalização, mas defensores duma globalização alternativa com valores éticos, como disse, não podem ser senão movimentos pacíficos. Porque temos duas grandes figuras do séc. XX que nos ensinaram que contra as grandes democracias ocidentais a melhor maneira de lutar é através do pacifismo. Uma foi Gandhi, na Índia; foi o grande pacifista que lutou contra o colonialismo inglês com o pacifismo. É certo que se a Inglaterra não fosse uma democracia, Gandhi teria morrido num campo de concentração; se fosse, por exemplo, contra o colonialismo português do tempo de Salazar, Gandi não tinha resistido porque seria metido num campo de concentração, morto e acabava-se. Na América, outro exemplo é o de Luther King que venceu levantando a bandeira da igualdade racial, de todas as cores e todas as raças. Começou a lutar pela igualdade com aquele belo discurso *«eu tenho um sonho para a América...»* e, como estava num país livre e tinha instrumentos de penetração, (o que ele dizia era reproduzido nos jornais, nas

rádios e na televisão) as pessoas movimentaram-se pela sua consciência e começaram a agir. E ele ganhou, não obstante ter sido morto. Mas isso foi um acidente de percurso, porque foi assassinado. Efectivamente foi um acidente, podia não ter sido, mas foi. E não foi só ele, o Kenedy também foi, como foram muitos outros.

Isto é só para dizer que, relativamente a este movimento de cidadania, podemos ter aqui um factor de esperança e uma ideia nova. As pessoas hoje estão menos desarmadas do que estavam e como as sociedades dominantes são sociedades, apesar de tudo, de alguma liberdade, pelo menos formal, pode-se intervir através da consciência e através das ideias. A luta pelas ideias é sempre a luta triunfante. As ideias vencem sempre o poder da força e o poder do dinheiro.

A luta pelas ideias é sempre a luta triunfante. As ideias vencem sempre o poder da força e o poder do dinheiro

A situação do mundo é unipolar e está extremamente desregulada

Portanto, estamos numa situação do mundo, que é uma situação não multipolar, mas unipolar, com um pólo único de dominação que é os EUA; e temos uma situação extremamente desregulada, porque há dois poderes, que são secundários mas que são poderes e que usufruem também da dominação do mundo: a União Europeia e o Japão. São, digamos, dois sub-agentes dos EUA e nesse sentido pertencemos ao primeiro mundo, quer dizer, o mundo que, apesar de tudo, explora e não é explorado ou é menos explorado.

Mas depois temos o vasto mundo que está realmente abandonado. A África que está à deriva, completamente à deriva, em que os africanos morrem.

Vai realizar-se brevemente em Roma uma Conferência sobre a fome no mundo, organizada pela FAO, que é uma Instituição Internacional dependente das Nações Unidas. O Director Geral da FAO deu, há dois dias, este número impressionante: em cada dia morrem 24.000 crianças de fome no mundo. É um número impressionante e o que é extraordinário, isto é dito pelo Director da FAO é que a ciência dá-nos condições de darmos comida a todos e ainda sobejar. Mas ela não chega lá por causa da organização social, por causa da exploração em que se querem manter certos países para os outros serem dominantes. Isso é que não pode ser.

E quem diz África, diz América Latina. Dei há pouco o exemplo do Brasil. O Brasil é um país com grandes possibilidades, é um continente, mas os EUA têm uma preocupação fantástica com o Brasil; porque não querem que o Brasil seja uma grande potência, esta é que é a verdade. Mas é. O Brasil é uma grande potência. O México é outro país que está cercado. E se formos aos outros grandes países da América Latina: Colômbia é um país onde não se sabe quem manda, se é o Estado, se é a guerrilha do contrabando dos Cartéis da droga. Para não falar da Venezuela onde houve há pouco tempo um golpe de Estado preparado ou, pelo menos, com o beneplácito dos americanos contra o governo legítimo que tinha sido eleito. Isto são factos que assustam, porque realmente a situação do mundo é esta. Mas pediram-me para vos falar da situação do mundo e eu não vos posso dizer que isto está bem. Tenho de vos dizer que está realmente muito perigoso.

O que se passa, no conflito entre Israel e os Palestinianos, temos que reconhecer que é uma tragédia e ao mesmo tempo uma vergonha, que nos humilha a todos

Depois, se passarmos daí para o Médio Oriente e virmos o que se passa, por exemplo, no conflito entre Israel e os Palestinianos, temos que reconhecer que o que se passa é uma tragédia e ao mesmo tempo uma vergonha, que nos humilha a todos. O que se passou na igreja da Natividade, onde estavam encerrados uns tantos palestinianos. Podiam ser acusados de terroristas, e vieram depois a sê-lo, não sei se bem ou mal. É capaz de ser. Mas mesmo na Idade Média (estão aqui dois bispos; sabem isso melhor do que eu), quando um criminoso se refugiava numa igreja não podia ser perseguido dentro da igreja. Eles refugiaram-se na igreja onde nasceu Cristo. E então, apesar disso bombardeia-se a igreja!. Isso não é possível! E qual é a reacção do mundo? Isto chegou realmente a um ponto inimaginável.

Se passarmos do Médio Oriente para a Ásia, onde estamos à beira dum conflito nuclear entre a Índia e o Paquistão, com a possibilidade de haver milhões de mortes, encontramos uma situação difícil. Depois, a China e a Rússia, dois países extremamente misteriosos que estão a fazer de satélites da América neste momento. A Rússia é um caso típico: satélite dos americanos, mas toda a gente percebe que aquele homem que está à frente da Rússia, que era da KGB, está ali com todo o pensamento reservado. Quando ele diz que sim, não está a dizer que sim, talvez esteja a pensar que não ou a ver no sim a melhor maneira de dizer não. E os americanos, numa maneira muito directa, estão a acreditar que sim. Até querem meter a Rússia na NATO que foi uma organização defensiva para conter o comunismo e a Rússia. É uma das coisas cuja lógica as pessoas têm dificuldade de entender. A China foi metida na organização mundial do comércio e é um país onde poderá haver, e eu prevejo que haja, algumas grandes dificuldades políticas, talvez maiores do que aquelas que existiram quando a Rússia deixou de ser comunista.

A marginalização das Nações Unidas

As Nações Unidas são o único sítio onde há legitimidade para discutir os problemas de natureza mundial, de todo o suporte da nossa ordem mundial

Perante estes factores, queria falar-vos ainda dum outro que é gravíssimo: a marginalização das Nações Unidas. Porque até agora a grande e única ordem jurídica mundial estava relacionada com a ONU, com todo o universo das Nações Unidas. As Nações Unidas são o único sítio onde há legitimidade para discutir os problemas de natureza mundial, de todo o suporte da nossa ordem mundial. E o nosso direito internacional baseia-se nas Nações Unidas, na Carta das Nações Unidas. Hoje, as Nações Unidas estão a ser marginalizadas. E, aparece, como se tirado dum chapéu sem ninguém saber donde veio ou como é que foi, o G 7. O G 7 é um grupo de sete países (que agora é de oito com a Rússia a quem deram um lugar lá não porque seja rica, mas para a contentar,) mais ricos da terra que, por serem ricos, tomam para si o direito de governar os outros e de mandar no mundo. Porquê? Com que razão é que os ricos devem dominar o mundo quando os pobres, e os países pobres, têm o mesmo direito? E podem ter pessoas de cabeça muito mais capaz de governar do que os ricos. Não tem nenhum senso. Mas a verdade é que esta situação existe.

E também a desordem ecológica de que já vos falei há pouco.

No meio disto, podíamos dizer que temos, apesar de tudo, as religiões e a fé religiosa que pode de alguma maneira salvar as questões. Mas a verdade é que as religiões neste momento estão a atravessar também uma dificuldade muito grande. E todas as religiões devem ter consciência disso. Porque os judeus, que foram o povo mais perseguido da terra, que foram discriminados, que foram sujeitos ao holocausto, e por isso toda a gente tinha simpatia por eles, transformam-se de perseguidos em perseguidores. E os árabes, os muçulmanos particularmente, para falar de religiões, que estão com séculos de alta civilização, desde o tempo de Córdova nos sécs. XIII e XIV em que nos comunicaram a ciência e a filosofia dos gregos, estão agora num fundamentalismo impressionante, que consegue convencer os seus sequazes de que para ganhar o céu têm que matar outros tantos dos seus inimigos. É isso que fazem os kamikase que se lançam junto dum supermercado ou dentro dum autocarro e se fazem explodir a eles próprios matando todos os que lá estão. Isto é levar o fanatismo a um extremo onde julgávamos que era inimaginável. E estamos no séc. XXI!

E porque é que se chegou a tudo isto? Eu penso que por grandes responsabilidades também do próprio ocidente. Por grandes incapacidades de sermos capazes de dialogar e de compreender os outros e de tentar encontrar formas de solução para os problemas e para os grandes desafios que se põem ao nosso século.

Por grandes incapacidades de sermos capazes de dialogar e de compreender os outros

Os grandes desafios de hoje

Quais são os grandes desafios que se põem hoje à humanidade?

Os desafios são, em primeiro lugar, acabar com a pobreza. É fundamental acabar com a pobreza. É possível acabar com a pobreza, temos meios para fazer isso. Não queremos. É uma questão de organização social. Portanto, é preciso que as vozes de todos se levantem para lutar contra a pobreza.

Em primeiro lugar, acabar com a pobreza. Em segundo lugar é preciso lutar contra a criminalidade organizada

Em segundo lugar é preciso lutar contra a criminalidade organizada. Só o podemos fazer através da nossa própria consciência e do nosso grito de consciência. Isso pode fazer-se com alguma possibilidade de chegar onde queremos se houver leis que regulem o tráfico de armas, sobretudo o marítimo. E que regule a luta contra a droga. Sabemos que se gastam milhões na luta contra a droga, mas ao mesmo tempo alimentam-se aqueles que são os grandes beneficiários da droga, e, portanto continuam a explorar a droga. Podia-se lutar contra a droga, lutar contra os grandes flagelos da humanidade como a sida, de uma maneira resoluta; lutar contra as discriminações, contra as exclusões sociais, contra aqueles que são obrigados a emigrar. Nunca na humanidade se conheceu, como hoje, um movimento tão grande de pessoas que vão de continente para continente à procura dum sítio onde possam ganhar pão e ter uma vida com o mínimo de tranquilidade.

Nunca na humanidade se conheceu, como hoje, um movimento tão grande de pessoas que vão de continente para continente à procura dum sítio onde possam ganhar pão

Estes são, realmente, os grandes flagelos da humanidade que nos põem a nós um grande desafio. Temos que lutar contra eles com as armas que temos da nossa tolerância, do nosso respeito pelos outros, do respeito pela pessoa humana, da nossa capacidade de diálogo.

Eu acredito muito na capacidade das próprias igrejas falarem umas com as outras e encontrarem laços entre elas para se entenderem

Eu acredito muito – encontrei o sr. Bispo num diálogo duma Conferência ecuménica em Assis e tenho ido a outras depois disso – na capacidade das próprias igrejas falarem umas com as outras e encontrarem laços entre elas para se entenderem. O Papa actual tem feito um grande esforço ecuménico nesse sentido e é preciso que esse esforço continue. E temos de saber que a melhor arma contra o terrorismo, que é uma obsessão dos EUA, neste momento, e têm razão, não é vivermos em circuitos fechados, começando por viver numa reserva protegida, num condomínio protegido e policiado, depois numa cidade toda murada e finalmente num conjunto de cidades. O Presidente do Conselho de Ministros de Espanha, Aznar, disse há uma semana: a Europa tem de se blindar contra os imigrantes. É exactamente o contrário que precisamos de fazer. A Europa não pode ser uma fortaleza. A Europa é realmente um dos pólos de maior riqueza mundial, como os EUA, mas não se pode blindar, tem é que criar maneira de dialogar com os outros para poder receber aqueles imigrantes que tem de receber e precisa de receber. A Europa tem de ter imigrantes para que a máquina económica funcione, mas tem que lhes dar o mesmo tratamento que dá aos seus naturais, tem que os tratar com a dignidade de pessoas humanas que são. E é assim que podemos integrar os que são diferentes.

Temos também de pensar em ajudar os países que estão do outro lado do mediterrâneo e que vêm para Portugal ou que estão na parte de Leste e que vêm para os países europeus mais ricos porque são nossos irmãos e é ajudando os outros que nos ajudamos a nós próprios.

Eis a minha mensagem laica.

integração dhármica e a globalização

justiça, paz e integridade da criação

Os discursos ocidentais correm o risco de continuarem a ignorar a matriz cultural asiática, perpetuando os seus erros do passado colonial e do neo-colonialismo em curso.
Subjacente à harmonia no discurso ocidental parece estar o conceito de unificação, que hoje se traduz em discursos e práticas de globalização. É, na realidade, uma unificação que nivela as diferenças, em vez de reconhecer e respeitar a diversidade e o pluralismo. É a esse nível que se compreende o sistema hindu das castas em que o Ocidente somente viu um determinismo kârmico e a crueldade social.

Quero desde logo definir o que pretendo nesta minha breve reflexão. Tenho dois objectivos em vista: (1) Uma análise de conceitos que traduzem visões culturais diferentes e explicativas de conflitos que impedem uma Justiça e Paz para todos, conflitos esses que se tornam mais agudizantes na época de globalização que vivemos; (2) Uma reflexão com proposta sobre globalização de solidariedade e uma ética da inter-culturalidade. Esta segunda parte e a conclusão enquadram-se na perspectiva do evento que se está a comemorar, os "300 anos da missão espiritana". A minha análise e reflexão baseiam-se na minha longa experiência pessoal vivida no mundo asiático e na minha interacção igualmente pessoal e vivida, mas menos longa, com o mundo ocidental.

* Professor catedrático da Universidade Lusófona, Lisboa; Sócio correspondente da Academia. Portuguesa de História, Lisboa; Sócio Efectivo da Sociedade de Geografia de Lisboa. A lista actualizada das suas publicações pode ser consultada em http://www.geocities.com/Athens/Forum/1503/teo_ publ.html

Dois notáveis analistas da sociedade e política internacional contemporânea, Samuel Huntington e Noam Chomsky, têm-nos apresentado as suas leituras bem diferentes do "choque de Civilizações".[1] Samuel P. Huntington considera os defensores do multiculturalismo no Ocidente uma ameaça de primeira ordem para a civilização ocidental, pondo em causa o *credo americano* pelo qual os *Founding Fathers* optaram por *e pluribus unum*.[2] Noam Chorasky, por seu lado, afirmou, numa entrevista, que os Estados Unidos é um dos países mais fundamentalistas do mundo, talvez comparável ao Irão[3], enumerando vários casos de reconhecidos fundamentalistas islâmicos que foram e continuam a ser grandes amigos dos E.U.A. – e não se esqueça que nos anos 80, os E.U.A. escolheram a Igreja católica como alvo a ser abatido na América Latina por ter feito uma "opção preferencial pelos pobres".[4]

Estamos a viver uma nova fase de globalização que teve o seu início com a chamada "era dos Descobrimentos"

Estamos a viver uma *nova fase* de globalização que teve o seu início com a chamada "era dos Descobrimentos", liderada pelos países ibéricos há quase quinhentos anos.[5] Não a vejo como a primeira globalização na história da humanidade, nem será a última. De outra forma não se entenderia como o Islão, o Budismo, o Cristianismo, ou ainda o Hinduísmo, puderam chegar às regiões mais distantes dos seus países de origem. O colonialismo europeu conseguiu substituir essa globalização com novos métodos de produção e estruturação das sociedades. O *Padroado* português do Oriente e outras formas da acção missionária cristã do Ocidente, que acompanharam este processo, participaram activamente na vertente social e cultural da reestruturação das sociedades colonizadas. A criação duma secção da sociedade nativa, afecta aos colonizadores e dependente deles para o seu melhoramento social, foi uma peça fundamental da estratégia de colonização, especialmente quando a exploração colonial se fazia a partir de um país bem distante e com poucos recursos humanos, como era o caso de Portugal.

O que acontece na Ásia descolonizada? Com excepção das Filipinas, a Índia apresenta numericamente o grosso da presença cristã. Os dois países representam de certa forma as tradições religiosas dos dois países ibéricos na Ásia. Serviram de base para as actividades comerciais e missionárias dos rivais ibéricos da época dos Descobrimentos no Oriente. As políticas coloniais anglo-saxónica e americana deixaram as suas marcas no cristianismo na Ásia, mas as tradições do século XVI e XVII continuam a dominar o comportamento das igrejas na Ásia, bem como o relacionamento dessas Igrejas com as sociedades maioritariamente não-cristãs. São elemen-

[1] Samuel P. Huntington, *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, Lisboa, Gradiva, 1998.

[2] *Ibid.*, pp. 361-362.

[3] Noam Chomsky, *Discurso da Dissidência*, Lisboa, Ed. Dinossauro, 2000, pp. 103-107.

[4] Noam Chonisky, *op. cit, p. 105; Nova Iorque - 11 de Setembro*, Lisboa, Ed. Caminho, p. 105.

[5] Walter Femandes & Anupana Dutta (eds.), *Colonialism to Globalisation: Five Centuries afier Vasco da Gama*, Vol. I: *Main Issues Around Colonialism and Globalisation*, New Delhi, Indian Social Institute, 1999, pp. 22-23.

tos dessas Igrejas com longa tradição que constituem as elites cristãs da Ásia.

São elementos dessas Igrejas com longa tradição que constituem as elites cristãs da Ásia

Essas elites sentem-se inseguras perante a aquisição do poder político por parte das elites sociais não-cristãs nos respectivos países. Qualquer discussão de "valores" e "direitos humanos" na Ásia requer uma análise séria dessa vertente social e política, analisando as ambições e preocupações das elites nacionais. Na fase actual de globalização, as elites nacionais da Ásia exploram o fenómeno religioso e as suas implicações histórico-culturais em beneficio dos seus interesses de classe. É o fenómeno que o Ocidente designa muito simplisticamente como *fundamentalismo*. Existem raras excepções, como nos casos de Noam Chomsky ou Roger Garaudy, que têm a coragem intelectual para identificar e denunciar o fundamentalismo ocidental do mercado.[6]

As elites nacionais não-cristãs da Ásia desconfiam que os elementos cristãos das suas sociedades sejam utilizados pelas suas ligações missionárias euro-eclesiásticas e culturais com o Ocidente para a penetração e subversão dos seus mercados e economias. Afora esta preocupação que tem fundamento no passado e não só, as sociedades asiáticas continuam a ser profundamente espirituais, e defendem outros valores culturais que nem sempre têm sido devidamente compreendidos nos debates sobre os "valores asiáticos", debates protagonizados em grande medida pela rivalidade económica entre os interesses capitalistas do Ocidente e os da Ásia-Pacífico. Enquanto o Ocidente se queixa dos avanços económicos dos asiáticos e denunciam a falta de respeito pelos direitos humanos, os políticos asiáticos defendem-se com referências aos "valores asiáticos", salientando o bem-estar social e solidariedade familiar como valores mais importantes do que liberdades individuais.[7] O que é importante frisar, é que os asiáticos desconfiam que o Cristianismo, que Huntington considera uma peça fundamental para a sobrevivência da civilização ocidental, continue a ser um instrumento da nova globalização. Atrevo-me a afirmar que a espiritualidade de *satyagraha* de Mahatina Gandhi e o movimento *sarvodaya* de Acharya Vinobha Bhave serviram numericamente mais as massas populares na Índia do que a muito publicitada e *nobelizada* actividade da Madre Teresa de Calcutá. Resumindo e concluindo, se a Igreja cristã é capaz de contribuir para os milhões dos pobres asiáticos, ela deve reforçar, e não enfraquecer as forças anti-sistémicas na sociedade internacional. Penso que isso só será possível fora do modelo "euro-eclesiástico" tradicional. Vejo porém que é mais fácil a sua instrumentalização pelas forças de globalização para destruir as forças anti-sistémicas que lhes fazem

As sociedades asiáticas defendem outros valores culturais que nem sempre têm sido devidamente compreendidos nos debates sobre os "valores asiáticos"

[6] Roger Garaudy, *Religiões em Guerra?* Lisboa, Ed. Notícias, 2001; Noam Chomsky, *Discurso da Dissidência*, Lisboa, Ed. Dinossauro, 2000; Noam Chomsky, *Nova Iorque: 11 de Setembro*, Lisboa, Ed. Caminho, 2001.

[7] Yeo Lay Hwee & Asad Latif (eds.), *Asia and Europe: Essays and Speeches by Tommy Koh*, Singapore, n.d.; Teotónio R. de Souza, *Orientalismo, Ocidentose e Outras Viroses*, Lisboa, ULHT, *Caderno* 5 do Centro de Ciência das Religiões, 2001.

A globalização de solidariedade é uma solução que proponho para a globalização capitalista, que só pode sustentar um fantasma de justiça e paz

resistência. A globalização de solidariedade é uma solução que proponho para a globalização capitalista, que só pode sustentar um fantasma de justiça e paz. A guerra contra o "terrorismo" encobre, no entanto, a realidade da miséria em que vive a grande maioria da humanidade sujeita aos interesses capitalistas do Ocidente.

***

Observamos na Ásia pós-colonial um crescente empobrecimento das populações. Resulta directamente das políticas de desenvolvimento e empréstimos das agências do capitalismo financeiro internacional. A promoção do consumismo em benefício das elites privilegiadas dos países do Terceiro Mundo e uma destruição sistemática do ambiente e da bio-diversidade estão a reduzir cada vez mais a qualidade de vida para os biliões de pessoas asiáticas. Essa situação alarmante tem tido reacções populares violentas contra as forças de opressão capitalista. Grupos de cristãos, inspirados pela leitura "libertadora" da Bíblia, têm marcado a sua presença com expressões anti-sistémicas. Mas, quase sempre, esse tipo de protagonismo não tem partido das estruturas oficiais da Igreja, que teme pela segurança dos seus interesses institucionais, embora não tenha faltado a sua simpatia e participação discretas, em alguns desses movimentos. A partir dos anos 70 atraíram as atenções o movimento *Minjung* (massas populares) na Coreia, a teologia de "struggle" (luta) nas Filipinas e a teologia dos *"dalits"* (oprimidos e excluídos das castas) na Índia.[8] São respostas asiáticas que brotam duma visão *cultural asiática*, alimentada pelas tradições do Hinduísmo, Budismo e Confucionismo. Vou tentar expôr brevemente a natureza *orgânica* desta visão da realidade.[9] Os discursos ocidentais correm o risco de continuarem a ignorar a matriz cultural asiática, perpetuando os seus erros do passado colonial e do neo-colonialismo em curso. Fiéis à sua maneira ocidental de saberem e agirem em tudo e sempre, bem e melhor, os ocidentais sentem-se obrigados a impor a sua paz (britânica, seguida de americana), baseada nos seus conceitos e ensinamentos sobre os "direitos humanos" e "justiça internacional".

***

Felix Wilfted,[10] um teólogo conselheiro da Conferência dos Bispos da Ásia, citava em 1993, durante um encontro dos bispos asiáticos em Hong-Kong (foi já oficialmente excluído dessas funções pelo Vaticano há

[8] Michael Amaladoss, *Life in Freedom: Liberation theologies from Asia*, Anand, Gujarat Sahitya Prakash, 1997.

[9] S. Radhakrishnan, *The Hindu View of life*, New Delhi, Harper Collins Publishers India, 1996 (3d ed.), p. 93.

[10] Felix Wilfred, "Towards a Theology of Harmony", *Yearbook of Contextual Theologies*, Aachen, Missionswissenschaftliches Institut Missio e.V., 1993, pp. 146-156.

três anos), fez as estatísticas de quase duzentos casos de conflitos menores e maiores no Terceiro Mundo desde a última Grande Guerra. O número dos mortos nesses conflitos tinha excedido o dos mortos na Grande Guerra. Por trás dos conflitos estava a realidade do sofrimento de uma grande maioria das populações, uma realidade que se tenta esconder com meios de comunicação cada vez mais sofisticados, incluindo discursos sobre os direitos humanos, justiça e paz. O citado teólogo indiano oferecia as suas reflexões sobre o que poderia ser uma teologia da *harmonia*, como uma resposta asiática aos discursos ocidentais. Perguntava se a harmonia já existia e era somente necessário descobri-la, ou se era um desafio à injustiça reinante.

Por trás dos conflitos estava a realidade do sofrimento de uma grande maioria das populações

Subjacente à harmonia no discurso ocidental parece estar o conceito de unificação, que hoje se traduz em discursos e práticas de globalização. É, na realidade, uma unificação que *nivela as diferenças*, em vez de reconhecer e respeitar a diversidade e o pluralismo. É a esse nível que se compreende o sistema hindu das castas em que o Ocidente somente viu um determinismo *kârmico* e a crueldade social. Aquando da expansão ariana no subcontinente indiano há 1500 anos antes da nossa era, essa foi uma maneira de integrar proveitosamente para a sociedade todos os grupos étnicos que se foram encontrando. Era uma solução ariana/hindu, alternativa mais suave aos *apartheids* colonialistas ou às limpezas étnicas modernas.[11]

Quero aproveitar das reflexões do citado teólogo indiano e de alguns outros autores para distinguir dois modelos culturais de conceber a realidade: um *modelo orgânico* e outro *modelo arquitectónico*. Só no primeiro modelo vejo a possibilidade de uma verdadeira harmonia. O segundo modelo permite coordenação e não a harmonia. Direi que o modelo arquitectónico prevalece na cultura ocidental, enquanto no Oriente prevalece o modelo orgânico. Digo prevalece, porque é impossível falar de sistemas culturais totalmente e exclusivamente diferentes. Dos dois modelos depende a abordagem que se faz no Ocidente e no Oriente das problemáticas sociais. Não é raro ouvir no Ocidente e nos forums internacionais por eles dominados as acusações de insensibilidade asiática e dos regimes políticos aí vigentes aos valores democráticos e aos direitos humanos. A assistência económica que se oferece aos países do Terceiro Mundo está quase sempre dependente da prática desses valores. Só que na concepção oriental orgânica, a *justiça* não tem espaço ou sentido distinto da ética. A relação ontológica de harmonia entre o todo e as partes *integra* a preocupação pela ética. *Integração* é outro nome da justiça. Quando existe harmonia das partes entre si a justiça está automaticamente presente. No modelo arquitectónico as componentes precisam de ser equilibradas e reguladas, e torna-se necessário falar de ética e de justiça. Trata-se

Quando existe harmonia das partes entre si a justiça está automaticamente presente

[11] Adeodato Barreto, *Civilização Hindu*, Lisboa, Seara Nova, 1935, pp. 142-143. *Vide supra* n. 5: Refere-se à visão orgânica da sociedade e explica o sistema das castas como uma maneira de evitar uma sociedade de rivalidades funcionais. Serviço da comunidade era considerada como um dever sagrado.

geralmente de justiça *distributiva*, assegurando uma partilha justa. Daí que a justiça tem que ser feita. No modelo orgânico, a justiça é algo mais do que distribuição e partilha. É uma comunhão ontológica e vivida que reconhece a diferença e afirma a pluralidade de indivíduos e grupos sociais. A linguagem de democracia e de direitos humanos satisfaz a necessidade de evitar conflitos e evita as tendências centralizadoras, fascistas e globalizantes. Por trás de interesses políticos de ambos os lados, existem as duas visões diferentes de vida. A crescente corrupção e despotismo na Ásia são uma consequência prática quando se impõe à força o modelo arquitectónico sobre os povos asiáticos.

A visão asiática da realidade implica também uma concepção diferente de conflito. No modelo arquitectónico o conflito é visto como antagónico e polarizante, enquanto o modelo orgânico vê o conflito como criativo e indispensável para produzir nova vida. Como dizia o Jesus oriental, "se o grão não cair no solo e morrer, não produzirá nenhum fruto". É diferente do conflito destruidor do modelo ocidental. No Oriente a política do consenso fala mais alto do que os argumentos e confrontos ocidentais. Isso implica também duas concepções diferentes de poder. O modelo arquitectónico tem como ponto de partida objectivos e meios pré-definidos, e o poder para alcançar esses objectivos pode tornar-se *coercivo*. No modelo orgânico, o divino está sempre presente e as suas manifestações históricas evoluem. O poder divino *sustenta* o processo e é a *ausência da consciência* deste poder que resulta no mal e injustiça.[12] É o que se representa na dança cósmica do *Shiva-Natraja*. Os seus gestos impetuosos representam a contínua criação-destruição do universo, a morte contrabalançando o nascimento, a aniquilação sendo o final de cada surgimento. A sua face mantém a calma e um sorriso transcendentes. Revela uma tensão harmoniosa entre o movimento e a tranquilidade.[13]

No Oriente a política do consenso fala mais alto do que os argumentos e confrontos ocidentais

Na visão arquitectónica do Ocidente, manifesta-se uma preocupação constante, para não dizer neurótica, para atingir objectivos, e uma convicção de que no fim dos seus esforços a paz estará à espera. Revela-se neste processo muita arrogância, dogmatismo, militância e complexos de martírio. Existe uma preocupação de fazer vingar o monopólio da verdade. Na visão orgânica os meios são importantes, a caminhada. O fim não depende de nós. Jesus dizia ser ele o caminho, mas assegurar um lugar à direita ou à esquerda do pai, isso não era com ele. Lemos também nos evangelhos: "Quando tiverdes cumprido tudo o que vos mandarem fazer, dizei: 'somos

[12] Francis X D'Sá, "Incarnação cristã e avatar hindu", *Há Lugar para Cristo na Ásia?*, *Concilium* /246, Petrópolis, Ed. Vozes, 1932, pp. 89-99. Enquanto Avatar é uma manifestação divina em tempos de crise, a *Vibuti* é uma manifestação divina no mundo para "todas as estações". É o que há de melhor, sagrado, e mesmo morte. É a sacramentalidade da presença divina no universo. Lemos no *Bhagvadgita*: "Sou a fonte de tudo e tudo procede de mim" (10.7), "Sou a semente de todas as criaturas"(10.39), "Sou aquele que mora no coração de todas as criaturas; sou Seu começo, seu meio e fim" (10.20), passim.

[13] Heinrich Zimmer, *Mitos e símbolos na arte e civilização indianas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, p. 160

empregados inúteis, fizemos o que devíamos fazer' (Lc. 17;10). No Hinduísmo, *Bhagvadgita* recomenda *nishkama karma*, ou uma actividade que não se preocupa com os frutos. Foi o que inspirou e motivou Mahatma Gandhi na sua prática de satyagraha ou não-violência como uma expressão de actividade sem apego.[14] O caminho do meio e a nobre óctupla via (*ashtangika-marga*) de Budha, ou a essência do Taoismo (*Tao* = caminho) inserem-se na mesma tradição asiática[15] (Prefiro utilizar o termo "asiática" e não "oriental"). O semitismo judeu e as suas sequelas cristã e muçulmana, com o proselitismo que lhes é característico, foram profundamente influenciados pelo clima árido do deserto arábico. Prometem aos seus discípulos leite e mel em casa de mais alguém. É marcadamente diferente, tolerante em extremo e sem preocupações de converter adeptos às culturas e espiritualidades asiáticas da Ásia tropical e equatorial. A natureza foi e é generosa e amiga. É por isso respeitada e mesmo venerada como parceira igual nas lutas da humanidade. Não é uma natureza desértica da Arábia, ou natureza fria e congelada do Norte Europeu, hostis desde tempos pré-históricos à luta humana pela sobrevivência. Não é de surpreender que o homem ocidental a procure dominar e manipular. A grande conquista política ocidental não chegou por isso para além da democracia, e esta também muito fraca e limitada na sua aplicação prática à pequena fracção dos humanos. A visão orgânica *«dhármica e cósmica»* oriental não permite nada menos do que se poderia chamar *cosmocracia*. Importa, por isso, falarmos agora dos ritmos e conceitos de tempo que afectam profundamente as ditas visões que definimos.

É marcadamente diferente, tolerante em extremo e sem preocupações de converter adeptos às culturas e espiritualidades asiáticas da Ásia tropical e equatorial

***

Muita pressa e muita agitação no mundo ocidental é provocada pelo seu conceito linear do tempo. A unidade e a harmonia são concebidas em termos de passado, presente e futuro. É uma mundividência em termos de historicidade. O modelo orgânico baseia-se numa visão ontológica de presença contínua. Isso manifesta-se na diferença das músicas oriental e ocidental. A música ocidental distingue movimentos entre o princípio, o centro e o fim. A música indiana não distingue os tempos, e concentra-se na melodia harmoniosa e contínua, criando a impressão de uma eternidade vivida no presente. O mesmo acontece com a preocupação da cultura ocidental em respeitar as filas em que se atende a uma pessoa de cada vez. Acha-se que ordem e paz é possível apenas desta forma. Esta não é uma percepção oriental da ordem e da paz. Pelo contrário, quantos mais forem

A música indiana não distingue os tempos, e concentra-se na melodia harmoniosa e contínua, criando a impressão de uma eternidade vivida no presente

[14] *Poema do Senhor: Bhagvad-Guitá*, trad. Antonio Barahona, Lisboa, Ed. Relógio d'Água, 1996, 223; M.K. Gandhi, *The Bhagvadgita*, New Delhi, 1997 (7th ed.), p. 30. Na lição 18, v. 23: "Qualquer acção prescrita feita sem apego / sem desejo nenhum e nenhum ódio / e também sem jamais esperar seu fruto / esta acção com certeza, que é chamada sáttvica" *(Niyatam sadgahitmaragdveshatah kritam / Aphalprepsuna karma yatatsatvikamuckachayate)*

[15] Ray Billington, *Understanding Eastern Philosophy*, London, Routledge, 1997, pp. 62-64, 107 segs.

atendidos ao mesmo tempo tanto maior é a perfeição do atendente. Na tradição indiana são apreciados os *dasadvani* (que conseguem atender a 10 pessoas ao mesmo tempo) e muito mais os *sadadvani* (que conseguem atender a 100 simultaneamente). A atitude ocidental tem o seu reflexo na exclusão do outro para definir-se a si próprio. A habilidade oriental de tomar consciência de várias coisas ou pessoas ao mesmo tempo implica a sua percepção cultural de todo presente na sua diversidade. O mesmo se aplica à experiência religiosa oriental que não precisa de excluir a validade das outras experiências religiosas. Para a cultura ocidental e os seus monoteísmos intolerantes, isso seria um sincretismo num sentido pejorativo. Tem uma lógica própria de contradição em que A não pode ser A e não-A sem perder a sua identidade, e baseada em silogismos que podem ter premissas falsas e mesmo assim chegar a uma conclusão válida. A lógica hindu-budista-jainista é multi-valente: A não pode ser A e não-A porque não existe A idêntico e as mesmas condições de tempo, espaço e perspectiva nunca se repetem. Os chineses têm uma outra capacidade de passar inteiramente ao lado da lei de contradição. Se um chinês chega à conclusão que irá morrer, isso não é por todo o homem ser mortal, mas porque Lao-Tze e Confúcio também morreram.[16]

***

Numa altura em que as "Guerras de Religiões" voltam a assolar o mundo, é essencial compreendermos a urgência do diálogo inter-religioso. Não pode ser o "ecumenismo" doutrinal e característico do provincianismo ocidental, mas um diálogo de *vivência em solidariedade* no contexto do quotidiano e partilhando as preocupações e as tensões da vida na comunidade local. É um diálogo cheio de riscos e desafios, um diálogo que não permite a ninguém gabar-se da superioridade das suas crenças religiosas. A crescente globalização multiplica as situações de carência e injustiças, tomando a solidariedade da comunidade multi-religiosa uma necessidade urgente ao nível mundial. As Igrejas cristãs ou as outras religiões não podem continuar a viver no isolamento das suas estruturas e dos seus muros. Chegou a hora de reconhecer e apreciar os valores espirituais com que todas elas podem contribuir para uma luta comum contra a *desumanização globalizante* marcada pelos ódios fundamentalistas e inter-étnicos.[17] Já não é oportuno para os adoradores de um Deus "ciumento" dos Judeus, Cristãos ou do Islão agredir os crentes das outras religiões. É mais oportuno reflectir, por exemplo, sobre o comportamento de Mahatma Gandhi que decidiu proclamar que "Verdade" era Deus, ao contrário do que ele mantivera anteriormente. *Sat* em sânscrito significa literalmente "o que é". Aproximava-se desta forma da definição de Deus nas outras religiões, tais como Islão e Cristianismo. Para Gandhi o nome específico de Deus em cada

As Igrejas cristãs ou as outras religiões não podem continuar a viver no isolamento das suas estruturas e dos seus muros

[16] Ram Adhar Mall, "Philosophy and Philosophies - Cross-culturally Considered", Topoi 17, The Netherlands, 1998, pp. 15-27.

[17] *Ibid.*, pp. 328-3 329. Cf. Radhakrishnan, op. cit., pp. 39 segs.

religião era uma questão relativa à tradição histórica de cada religião. Os nomes diferentes não deviam ser barreiras para atingir a verdade. O caminho para todos era o mesmo, nomeadamente, não-violência e auto-disciplina. Isso incluía respeito por todas as religiões como expressões mais ou menos imperfeitas da verdade. Gandhi iniciava assim um diálogo de vida, baseado numa fé que ultrapassava as diferenças das religiões. Foi um diálogo que mobilizou as massas indianas e imobilizou as forças imperiais britânicas.[18] Quando um missionário cristão perguntou uma vez ao Mahatma Gandhi como poderia pregar o Evangelho de uma maneira mais eficaz, ele teve a seguinte resposta: "Basta vivê-lo de começo até o fim. Preguem menos por palavras e mais através das vossas vidas." E respondia a um outro missionário que foi pedir o seu conselho: "Tudo o que eu posso dizer é que deveis ocupar-vos com menos teologia e mais verdade em tudo o que dizeis e fazeis".[19]

Estará a Igreja pronta para deixar de "'pregar as verdades" e entrar em diálogo que se traduza num acompanhamento sem reservas da miséria das massas, mesmo que isso cause um permanente desconforto aos beneficiários da globalização e provoque represálias contra os interesses institucionalizados da Igreja? Até que ponto um tal diálogo com essas consequências seria aceitável pelas estruturas eclesiásticas no Ocidente? Sabemos que no passado a acção missionária cristã foi uma ponta da lança colonial e continuou a ser instrumentalizada pelo neo-colonialismo, no presente. Não vai ser fácil pôr de lado as dúvidas e desconfianças enquanto, como afirmam os bispos da Ásia, "permanece a imagem colonial da Igreja nas suas estruturas eclesiásticas e na sua dependência económica do Ocidente... Isso levanta suspeitas... A igreja continua a ser estrangeira no seu comportamento, na sua organização, no seu culto, na formação dos seus líderes e na sua teologia... A Igreja com as suas instituições de poder e serviços eficientes, nos campos de educação e saúde, aparece como uma empresa de negócios ao serviço das elites, levantando dúvidas acerca da sua missão profética em prol dos pobres e dos marginais."[20]

Admitiam os bispos da Ásia em 1992 que a Igreja asiática precisava de fé maior para ultrapassar o medo do desconhecido e necessitava de coragem para abandonar uma ovelha do rebanho para ir em busca das noventa e nove que estavam fora.[21] Reafirmavam os riscos do diálogo inter-religioso, e rezavam para que a Igreja tivesse a coragem de arriscar a vida para poder encontrá-la (Mc. 8:35).[22]

Se Deus responder a essa prece poderá realizar-se o milagre de diálogo e harmonia das duas visões culturais até hoje em conflito, e poderemos chegar a experimentar o que escreveu S. João no seu Evangelho: "Vai chegar a hora

---

[18] Rustom Barticha, *The Question of Faith*, New Delhi, Orient Longinan, 1993, pp. 74-75.

[19] Citado por Arun Shourie, Missionaries in India: Continuities, Changes, Dilemmas, New Delhi, HarperCoffins Publishers India, 1997, p. 239.

[20] *Ibid.*, pp. 337-340.

[21] Uma inversão bíblica de Lc. 15:4

[22] *Ibid.*, p. 347.

em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade" (Jo. 4:23). Será uma revelação de Cristo ressuscitado, de Cristo desacorrentado, que já não é posse de ninguém. Dá também para compreender S. Lucas quando escreve: "Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul para sentar-se à mesa no reino de Deus. Há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos".[23]

Para concluir, não será com Justiça e Paz, tal como as entendem todos os povos do mundo que o Ocidente estará verdadeiramente preocupado, mas em impor uma Ordem Mundial em que a Justiça defende e protege os direitos dos ricos do Ocidente para orientar a globalização em seu próprio proveito e a Paz assegura que os excluídos se mantenham incapazes de manifestarem a sua frustração e raiva. É o que sugere Samuel Huntington: "O Ocidente venceu o mundo, não pela superioridade das suas ideias, valores ou religião (converteu poucos membros das outras civilizações), mas antes pela sua superioridade em aplicar a violência organizada. Os Ocidentais esquecem, com frequência, este facto; os não ocidentais, nunca."[24] Uma ética da inter-culturalidade e de solidariedade é um ideal que se deverá promover com todos os meios técnicos da globalização. Mas antes que se tornem uma realidade e se reconheça a sua importância para uma Paz verdadeira com "Justiça Duradoira" (não aquela que G. W. Bush proclamou durante alguns dias para justificar os seu combate aos talibãs), poderemos ainda ver muito "terrorismo" capitalista a tentar "apaziguar" os injustiçados da nova Ordem Mundial e de Globalização da Pobreza. Infelizmente a "solução final" pode adquirir novas formas.

Uma ética da inter-culturalidade e de solidariedade é um ideal que se deverá promover com todos os meios técnicos da globalização

[23] Teotonio R. de Souza, "Algumas faces de Cristo na Ásia", *Concilium* /246, 1993, Vol. 2, pp. 173-180.

[24] Samuel P. Huntington, *op. cit.* p. 57.

que missão para a europa?

D. José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa, conhece bem a Europa onde vivemos. As suas funções eclesiais como actual Cardeal Patriarca de Lisboa e como antigo Reitor e Professor da Universidade Católica Portuguesa permitem-lhe uma visão global que nos retrata nesta conferência ao responder à pergunta que Missão para a Europa hoje. O texto que aqui apresentamos é da responsabilidade da Redacção enquanto se trata da transcrição da sua conferência durante o colóquio.

Antes de mais, a minha vinda aqui justifica-se, não tanto pelo que vou dizer, até porque só tenho um curto intervalo de tempo para a minha intervenção, mas pela vontade de sublinhar, com a minha presença, este aniversário e estas celebrações à volta da Congregação dos Padres do Espírito Santo, mostrando-lhes assim, o apreço e a gratidão da Igreja por esta grande Congregação Missionária.

Tinham-me pedido que tratasse o tema da Missão na Europa de Hoje. É um tema árduo. A Europa continua a ser um continente de referência e um continente de clivagens. E numa época em que nos parece, por um olhar geral, talvez superficial, sobre a Europa contemporânea, que é um continente que se afasta progressivamente da Igreja e da perspectiva cristã, por outro lado, estou convencido de que a Europa continuará ainda durante muito tempo a ser a referência inevitável sob o ponto de vista cultural e também sob o ponto de vista eclesial e mesmo em termos missionários. É uma utopia pensar que o eixo da Igreja se pode deslocar definitivamente para outras partes do mundo. A queda radical da Europa como continente de inspiração cristã seria uma perda grave. Nada na história é irremediável, sobretudo quando se acredita no Espírito Santo, mas seria uma perda muito grave.

A queda radical da Europa como continente de inspiração cristã seria uma perda grave

E se quisermos, este é o pano de fundo das reflexões que vos vou fazer.

Em que medida é que uma Europa em crise pode ser ponto de referência cultural, e no caso concreto da missão, também espiritual, para o resto do mundo. Isto tem a ver com os grandes ritmos da sociedade

contemporânea numa época de globalização e de competição em chamar para as diversas áreas do mundo este eixo da história. E sabemos que esse lugar cimeiro, que a Europa ocupou de uma maneira indiscutível durante milénios, hoje é contestado e requisitado. Portanto, há outras partes do mundo que requisitam para si, serem este pólo de referência da cultura e da evolução do mundo contemporâneo. Basta pensar nas Américas, na China e tudo o que gira à volta da China, no pólo da cultura muçulmana que está difuso um pouco por todo o lado...

Neste contexto, assistimos com preocupação, mas com esperança, às políticas culturais e de afirmação da Europa que estão neste momento em ebulição. E faço uma primeira observação, em termos de catolicidade e, mais globalmente, em termos de cristianismo: as diversas igrejas têm de fazer um esforço muito grande, por não perder o ritmo, na evolução da Europa contemporânea e nesta busca de continuar a ser o continente inspirador e unificador do mundo contemporâneo. Têm-se dado passos de gigante entre a aproximação do oriente e do ocidente. Depois da queda do muro de Berlim os sistemas relativizaram-se e a Europa reencontrou-se na possibilidade dum diálogo cultural. Ainda há semanas assistimos à aproximação da Rússia das estruturas do ocidente e os jornalistas sublinham muito a parceria entre a nova Rússia e os Estados Unidos. Mas, não tenhamos ilusões que o grande anseio da Rússia é inserir-se na Europa e ser cada vez mais um ponto de referência na própria Europa.

A Igreja é um organismo que respira com dois pulmões, o oriente e o ocidente

As Igrejas não devem perder o comboio deste processo histórico porque temos dentro do cristianismo clivagens muito sérias entre o oriente e o ocidente. São talvez hoje os dados mais significativos e de mais difícil equação no horizonte do cristianismo na Europa. O Santo Padre repete muitas vezes uma expressão que é sua, original, carregada de significado simbólico, de que a Igreja é um organismo que respira com dois pulmões. Respira com dois pulmões, o oriente e o ocidente, mas são dois pulmões que nem sempre batem certo. E essa é uma realidade que temos de ter em conta, nas reflexões que vou fazer a seguir. Inevitavelmente elas referem-se mais a um dos pulmões, quer dizer, à Europa ocidental, onde nos situamos, mas não podemos nunca desconhecer a outra realidade. Hoje, nas actividades que se realizam em plano europeu (o Sínodo dos Bispos e o simpósio dos Bispos da Europa, por exemplo) é cada vez mais notório que o peso das igrejas do oriente tende a marcar um ritmo. Será ainda cêdo para ver qual é o fruto deste processo, mas é um facto que elas vêm com uma perspectiva, com um dinamismo e com uma problemática, aproveitando-se muitas vezes duma certa letargia das igrejas dos países ocidentais.

Para situarmos esta questão da missão na Europa, penso que o melhor é lançarmos uma vista de olhos à sociedade europeia. E aqui, repito, até porque conheço pouco da Europa oriental, o meu olhar vai sobretudo para a Europa do ocidente que conheço melhor. Lançaremos depois uma vista de olhos às Igrejas e enunciaremos algumas intuições e linhas de força da missão da Igreja na Europa.

Uma vista de olhos sobre a Europa

Aparentemente dá-se um progressivo afastamento da perspectiva cultural cristã. É inegável que aquilo a que podemos chamar de cultura europeia é de matriz cristã, embora nunca exclusiva. Na verdade, no caldear das culturas da Europa outras componentes existiram sempre, entre as quais o judaísmo e o próprio islamismo, não falando já das culturas ancestrais. É inegável também que hoje essa matriz cristã, sem ser negada, é muitas vezes esquecida e é contraditada nas grandes opções que a Europa vai tomando para a construção da sua União.

A grande utopia da Europa desde o império romano, é a utopia da unidade

A Igreja, as Igrejas – em termos da Europa temos de falar sempre no plural – não são completamente inocentes neste processo. Basta confrontar com aquilo que considero a grande utopia da Europa desde o império romano, que é a utopia da unidade, num continente muito díspar, muito diversificado pelas culturas, pela história, pelas línguas, mas com um grande anseio pela unidade. Não vou aqui falar disso, mas é interessante dar uma vista de olhos sobre a história da Europa e ver como através dos diversos impérios, dos diversos processos políticos, a Europa lutou sempre contra clivagens muito rígidas que provocavam a divisão; basta citarmos só que a linha que dividia a chamada cortina de ferro, que acabou por traçar aquilo a que hoje chamamos a Europa do Oeste e a Europa de Leste, é «grosso modo» a mesma linha que dividia o império romano do oriente e do ocidente. É uma questão velha esta de a Europa lutar pelas clivagens que a dividem e construir utopias de unidade. A última conhecêmo-la todos: chama-se União Europeia com este alargamento a Leste. É um grande dinamismo da Europa do nosso tempo que só o futuro dirá se tem o destino de todos os esforços de unidade que a Europa fez na sua história ou se tem melhor sucesso.

Dentro deste grande desígnio de unidade, qual é o testemunho das Igrejas? É, por enquanto, o da divisão. O processo ecuménico tem patinado. Fez avanços significativos numa época pós-conciliar; hoje funciona com um ritmo muito lento e com dificuldades muito acentuadas. Estou profundamente convencido de que as divisões da Igreja não são um fenómeno de consequências apenas internas à vida da mesma Igreja. Pela sua simbologia e pela influência que tem na inspiração cultural e ética da evolução da Europa, a divisão das Igrejas é um dos maiores obstáculos a este processo, a este desígnio de unidade da Europa no seu todo.

As características do afastamento da Europa da matriz cristã são reconhecidas por todos:

Primazia da laicidade

Uma primazia da laicidade, exportada do centro da Europa ocidental para as regiões europeias na sua globalidade, embora aqui, seja preciso reconhecer que se notam evoluções positivas e carregadas de esperança. A última literatura produzida sobre a laicidade (a laicidade do Estado, a laicidade da sociedade) afasta-se um pouco daquela laicidade agressiva e negativa que recebemos da Revolução Francesa e vai muito para um

Relativização ética assente sobre o primado da liberdade individual

sentido positivo da laicidade. Uma laicidade como neutralidade, mas respeitadora e colaborante com as componentes religiosas da sociedade.

Mais grave que a laicidade é a relativização ética assente sobre o primado da liberdade individual. Aliás o primado da liberdade individual é uma herança das correntes filosóficas do séc. XVIII, que atravessou a Europa até aos nossos dias.

Esta Europa desliza aparentemente para uma neutralidade religiosa. Cito-vos um facto que não passou despercebido e está carregado de significado simbólico: o Documento de Nice, ou Carta da Europa assinada em Nice, recusou-se sistematicamente a fazer uma referência sequer ao papel do cristianismo na história da Europa. Foi um dado que nós denunciámos imediatamente, nas Conferências Episcopais da Europa, e que mostra que há neste processo altos e baixos e há coisas que são nítida e sistematicamente feitas para acentuar esta evolução, este distanciamento. É um pouco o complexo de Electra da Europa: tentar matar a mãe, tentar afastar-se da sua matriz original cristã.

A Europa do nosso tempo, apesar desta relativização ética, é uma Europa com valores

Mas temos de reconhecer que a Europa do nosso tempo, apesar desta relativização ética, é uma Europa com valores, que na sua maior parte recebeu do cristianismo. Situando-nos noutros horizontes culturais vêmos que esta matriz da ordem dos valores está presente no apreço pela justiça e pela paz, na afirmação e no respeito da dignidade da pessoa humana, no desenvolvimento da solidariedade e, mais recentemente, na descoberta da harmonia da natureza como essencial para o bem-estar da humanidade e para a verdade do homem.

Contra-valores muito preocupantes num universo cristão cultural

A estes valores somam-se contra-valores muito preocupantes num universo cristão cultural. Aquele que mais me preocupa é o modelo economicista do desenvolvimento. É qualquer coisa que se torna inevitável pelo pragmatismo dos processos económicos contemporâneos e daquilo que os políticos chamam a «real politique». A «real politique», hoje, deixa pouco espaço para o que seria, digamos assim, a utopia dos valores. Quer dizer, as coisas são o que são, as decisões são pragmáticas, são as possíveis, tomadas muito a quente, em cima dos problemas; e daí resulta modelos economicistas de desenvolvimento cada vez mais acentuados que trazem consigo, inevitavelmente, uma progressiva degradação cultural.

A negação da dimensão institucional da família

A crise da família tem algumas características que todos nós conhecemos. Uma delas é a negação da dimensão institucional da família. A família está relegada para o gosto pessoal e individual da vida privada. Se um homem vive com uma mulher, se uma mulher vive com uma mulher ou se um homem vive com um homem, isso são problemas tão privados como usar camisa azul ou às riscas. A tendência vai no sentido de acentuar o enfraquecimento da dimensão institucional da família como estrutura básica duma sociedade organizada.

Uma outra componente é aquilo a que os autores vêm chamando a dimensão funcional da sexualidade desligando a sexualidade e a afectividade do amor. O sexo e o amor têm pouco a ver um com o outro, não

andam indissoluvelmente ligados. Uma pessoa pratica a sua sexualidade numa linha funcional e ama quando isso lhe acontece. Já tive oportunidade de citar isto: foi curioso ver que, naquele site recentemente aberto para a juventude, as primeiras questões inevitáveis que surgiram foi um diálogo sobre a sexualidade e a tese mais comum era que se houver amor tanto melhor, mas que não faz falta. Este desligar da sexualidade e do amor é uma machadada muito forte que, a acrescentar à dimensão institucional da família, gera a crise cujos sintomas todos nós conhecemos.

Depois, os paradoxos desta civilização: ao mesmo tempo que se afirma claramente, e que há estruturas e até leis para a defesa da dignidade da pessoa humana, estende-se a liberdade até às fronteiras de se poder ter poder sobre a vida de outrem, porque isso tem que ser compaginado com uma noção de liberdade individual sem limites. Por enquanto estamos muito nas fronteiras, mas os países quando são invadidos, a primeira coisa a ser invadida é a fronteira, e depois entra-se. Por enquanto, estamos nas fronteiras, no seu início e no seu fim: o direito ao aborto e o direito à eutanásia são exactamente as duas fronteiras deste universo que é a vida humana; uma vez violadas estas fronteiras, não está necessariamente garantido que o resto não seja violado.

O direito ao aborto e o direito à eutanásia são exactamente as duas fronteiras deste universo que é a vida humana; uma vez violadas estas fronteiras, não está necessariamente garantido que o resto não seja violado

E uma última característica da sociedade europeia contemporânea é aquilo a que eu chamaria a urbanização crescente das populações; que é um dado novo, fruto duma alteração radical dos estratos da sociedade. Aliás, o fenómeno não é só europeu, é mundial. A percentagem da população que vive nas grandes cidades, nas grandes metrópoles, descompensou completamente o equilíbrio entre uma sociedade urbana e uma sociedade rural.

Uma vista de olhos sobre as Igrejas

Já referi a separação das Igrejas com itinerários e propostas diferenciadas sob o ponto de vista da fé, mas o mais grave é sob o ponto de vista cultural: esta diferença que há nas Igrejas da Europa entre os baptizados e os crentes, os não praticantes e mesmo os descrentes. Aqui a Igreja Católica ainda é aquela onde esta "décalage" não é tão grave. Quando se pensa, por exemplo, nos nossos irmãos luteranos dos países nórdicos, a diferença entre crentes praticantes da sua fé e baptizados é quase de 100% e 0,25% para a totalidade da população. É um problema sério numa Igreja que se apresenta na sociedade como querendo ter uma influência cultural significativa.

Embora, a Igreja Católica seja de todas ainda a que, apesar de tudo, se apresenta com comunidades visíveis entre os seus baptizados que testemunham a sua fé, pelo menos reunindo-se ao domingo para a celebrar, não podemos descansar sobre os louros. Temos cidades da Europa, por exemplo Marselha, onde o nível da prática religiosa já desce ao 1% da população. Portanto não é assim uma coisa também muito triunfal. É um dos grandes problemas que desafiam a evangelização.

Mesmo entre aqueles que se reúnem para praticar a sua fé, com uma tendência a diminuir progressivamente, refira-se o último recenseamento aqui entre nós, há uma diminuição gradual, que precisa de ser estudada com

O sintoma mais gritante desta fragilidade é a não coincidência ou a não coerência entre a fé celebrada e a fé vivida

os parâmetros comparativos da evolução da própria população no seu todo. Além disso, são comunidades duma grande fragilidade na sua convicção, na sua formação. O sintoma mais gritante desta fragilidade é a não coincidência ou a não coerência entre a fé celebrada e a fé vivida. As pessoas celebram a fé católica, a fé cristã, e vivem como se Deus não existisse. Não são capazes de tirar para a sua vida privada as consequências exigentes duma opção pelo Evangelho de Jesus Cristo. Um Bispo do centro da Europa dizia-me, há meia dúzia de meses, muito desanimado, que o cristianismo não interessa aos nossos concidadãos. Interessa-lhes uma religião simples que satisfaça as suas necessidades religiosas fundamentais, mas esta exigência inovadora do cristianismo não lhes interessa, não estão para isso, ou, porventura, já não são capazes disso.

Eclosão da dimensão carismática

Temos um outro fenómeno, que não podemos desconhecer em termos da missão da Europa: é aquilo que eu chamo como eclosão da dimensão carismática, que é uma reacção. É evidente que quanto mais a Europa se torna numa zona, em que do ponto de vista religioso, a Igreja apresenta este espectáculo de não-praticantes que procuram a Igreja em alguns momentos da sua vida mas sem nenhuma densidade espiritual específica, suscita reacções. Os grandes períodos de eclosão carismática coincidem normalmente com uma reacção da Igreja frente a momentos, digamos assim, de decadência espiritual.

Dentro deste quadro, algumas intuições e prioridades pastorais que podem incarnar a criatividade da missão:

1. *A urgência do ecumenismo.* Não podemos abrandar nem desistir do esforço ecuménico. Digo-o como bispo católico e penso que alguns dos nossos irmãos doutras Igrejas o sentem. Temos de ultrapassar os escolhos institucionais, porque os dogmáticos são cada vez menos graves no escolho ecuménico. O que é muito grave é a conversão profunda de todos os intervenientes no ecumenismo. A única força que pode gerar a aproximação das Igrejas é o Espírito Santo, é o vigor interior da fé e do amor, porque por via do diálogo institucional não iremos longe. Não significa que o diálogo institucional não seja necessário, mas o que está a faltar, para um vigor novo de aproximação das Igrejas, é o deixar cair coisas demasiadamente humanas, embora com peso histórico muito grande, em nome do vigor fundamental de Jesus Cristo e das exigências do Espírito.

A única força que pode gerar a aproximação das Igrejas é o Espírito Santo

2. *Evangelização da cultura.* Não podemos, de maneira nenhuma, deixar cair o esforço de evangelização da cultura. Se há mutação na Europa, nas Igrejas, na sociedade, nos sistemas políticos, porventura nos sistemas económicos, ela é sempre dependente, é sempre condicionada pela mutação cultural. As próprias Igrejas têm o seu destino ligado ao Espírito Santo, mas têm-no também ligado à convicção interior de cada um e a fé dum cristão convencido pode ser sempre um factor de transformação cultural. As grandes massas na evolução das Igrejas estão muito ligadas à mutação cultural. E a mutação

As grandes massas na evolução das Igrejas estão muito ligadas à mutação cultural

cultural faz-se connosco ou sem nós. Faz-se com a presença corajosa de cristãos, sobretudo leigos, apoiados pelos seus pastores, que nas instâncias onde se decide a mutação cultural, sem a preocupação de ganhar, mas com a preocupação de testemunhar, fazem valer as perspectivas cristãs da compreensão do homem e da sociedade; é uma questão absolutamente decisiva e crucial. Já tive oportunidade de desenvolver isto numa conferência um bocadinho mais longa, que fiz em Roma nos 20 anos do Pontifício Conselho para as Culturas, conferência essa que intitulei exactamente «Le Témoignage des chrétiens au chantier des mutations culturelles».

Esta Europa precisa de testemunhas

3. *É absolutamente urgente redescobrir a pastoral kerigmática*. Esta Europa precisa de testemunhas. A pastoral kerigmática não se faz com programas de pastoral. Pode ser programada, integrada em programas, mas não bastam programas. Não se faz só com pregação doutrinal. O kerigma foi sempre papel das testemunhas. E há na Europa hoje testemunhas. A começar nesse gigante que é o Santo Padre até leigos formidáveis que dão a sua vida e que lutam com muita paz interior, mas com muita exigência no dia a dia, por esta presença cristã nas grandes estruturas da comunidade europeia.

É absolutamente urgente darmos um relevo nas nossas Igrejas do ocidente a esta pastoral kerigmática, o que supõe valorizar e preparar as pessoas para serem testemunhas de Jesus Cristo, antes de mais. Por exemplo, em termos da nossa juventude. Hoje toda a gente se preocupa com os jovens, mas não muitos acertam com a maneira de fazer uma evangelização da juventude. Em Viena, há um mês, numa pequena intervenção que fiz na abertura oficial do Congresso Internacional para a Nova Evangelização, fiz uma afirmação de que estou profundamente convencido e que impressionou um bocadinho os outros intervenientes no Colóquio, mas que acabaram por concordar comigo. É que hoje nem a tradição, nem as estruturas eclesiais são suficientemente capazes de atrair os jovens. Esta geração de jovens serão cristãos se encontrarem pessoalmente Jesus Cristo. Até aqui era diferente: as tradições, o envolvimento, o próprio peso das Igrejas e das comunidades eram suficientemente fortes para que um jovem entrasse e continuasse o seu ritmo. Pressinto que os jovens serão cristãos, e serão cristãos porventura com um dinamismo que nós teremos de aprender com eles, se encontrarem a pessoa de Jesus, se fizerem a experiência pascal como fizeram os discípulos de Emaús, como fizeram as testemunhas da ressurreição. Isto tem a ver com a tal pastoral kerigmática, porque Jesus Cristo só se comunica através do testemunho vivo nas Igrejas.

Jesus Cristo só se comunica através do testemunho vivo nas Igrejas

A dimensão comunitária da Igreja está hoje a ser muito sublinhada como caminho para a vivência da comunhão

4. *Visibilidade da Igreja*. Contrabalançar esta corrente tremenda do individualismo europeu, da dimensão da vida privada, da liberdade individual, dando visibilidade à Igreja. Ser cristão é participar num projecto comunitário com todas as exigências e com todas as riquezas daquele «como é bom estarmos com os irmãos». A dimensão comunitária da Igreja está hoje a ser muito sublinhada como caminho para a vivência da comunhão. É, mas é também o caminho para a visibilidade da Igreja. Uma Igreja de

catacumbas que desaparece, que se some na vida privada dos cristãos, tem como consequência que os cristãos individualmente podem ser testemunhas, mas que a Igreja deixa ela mesma de ser um testemunho. Deixa de ser, como o Concílio Vaticano II a definiu, o Grande Sinal erguido diante das nações a anunciar Cristo ressuscitado. Cada um de nós deve sê-lo, mas a Igreja como um todo, deve ser esse sinal levantado diante das nações. Já S. Roberto Belarmino dizia que: «a Igreja é tão visível como a república de Veneza». Hoje os critérios da visibilidade da Igreja devem ser outros, mas nós devemos construí-los através deste acentuar do compromisso e da dimensão comunitária da própria Igreja.

Temos que nos ajudar uns aos outros a revitalizar-nos, arrancar daquilo que ainda somos para um dinamismo novo de esperança

O P. Miranda, padre provincial, dizia-me agora no intervalo que o Conselho Geral da Congregação escolheu Lisboa para fazer o próximo Capítulo Geral e que o critério desta escolha, foi encontrar países onde se sinta um espírito, um dinamismo. É este o desafio neste início de milénio; é uma redescoberta do dinamismo de todas estas grandes instituições missionárias e outras congéneres. Tudo tem que se revitalizar. Temos que nos ajudar uns aos outros a revitalizar-nos. Temos que refrescar a nossa origem, temos que arrancar daquilo que ainda somos para um dinamismo novo de esperança. E assim eu penso que será possível que a Igreja se redescubra como missionária ad intra e ad extra.

Hoje a evangelização das grandes metrópoles é certamente um problema que põe, sob o ponto de vista metodológico, questões novas. Quatro grandes cidades, tendo como ponto de partida esta realidade, de que já vos falei, da urbanização crescente da população, aceitaram o desafio de organizar uma experiência missionária, em termos que estão a ser estudados, mas que são inovadores de evangelização das grandes metrópoles. Estas grandes metrópoles são, digo-as por ordem de realização: Viena, Paris, Lisboa e Bruxelas. Temos já candidatos para a fase que se segue. A ideia, aliás, é que esse dinamismo se estenda depois a outras grandes metrópoles. É uma experiência feita com a ingenuidade de quem acredita que é possível trilhar caminhos novos. Num dia destes perguntavam-me, lá em Viena, na abertura do anúncio oficial deste processo, porque é que eu me meti nisto; e eu disse que continuo a ser ingénuo. Não tinha nenhum programa, não tinha nada garantido, mas continuo a acreditar. E, sempre que há uma coisa que me cheire a caminho novo, contem comigo que eu estou na primeira fila.

P. Pierre Shouver *

a missão nas fronteiras e as fronteiras da missão

"Uma das grandes mudanças resulta daquilo mesmo que a missão fez: as Igrejas locais foram fundadas (...) De repente, os caminhos da missão, outrora de sentido único, se confundem. Os envios em Missão na nossa Congregação vão agora em todas as direcções (...) No Norte como no Sul do planeta, o turbilhão das mudanças aceleradas pede outra coisa que não só uma estratégia de envio de pessoal missionário."

Há anos, no momento em que voltava para África depois dumas férias, uma tia, com mais de 80 anos de idade, perguntava-me: *"Mas, afinal, o que fazes lá?"*. Ela sabia que eu partia novamente para continuar o meu trabalho missionário. Dava-me sempre dinheiro para as Missões. Mas se lhe dissesse que ia para pregar e baptizar, ficaria desolada. Conhecendo-a, sabia que ela queria que lhe dissesse simples e concretamente a razão do meu compromisso missionário. A minha tia não era revolucionária, continuava a ajudar a missão, mas não via claro.

"Mas, afinal, o que fazes lá?

Para um observador superficial, a grande aventura da missão parece estar a chegar ao seu termo. No início dos anos 70, um jornalista escrevia: *"A Missão? Uma bela página que o vento da história vira!"*. Desde há séculos que os missionários partiam para levar o Evangelho aos países que ainda o não tinham recebido. Esses países eram também menos desenvolvidos economicamente que a Europa. Tinham, por vezes, sido conquistados, explorados e mesmo reduzidos à escravidão pelos países ditos cristãos. Também a missão da evangelização assumia, como testemunho concreto, o serviço das populações desfavorecidas e a sua defesa contra aqueles que as oprimiam (cf. Regulamentos de Libermann, 1849). A missão evocava a partida para o estrangeiro, em longas e perigosas viagens, muitas vezes por mar, em direcção à África, à Ásia, à Oceânia e a certas regiões da América do Sul.

Esta aventura generosa, mesmo heróica, pode parecer terminada. O Evangelho parece ter chegado a todos os continentes; ao menos àqueles

* Missionário Espiritano. Francês. Actual Superior Geral da Congregação.

que aceitavam acolhê-lo. Os países de origem dos missionários não mais parecem interessados em tal empreendimento. Este é considerado, por muitos, como um proselitismo que o espírito moderno não aceita mais. Num encontro de diálogo inter-religioso, o ano passado, em Barcelona, perguntei o que pensavam os líderes religiosos presentes das conversões, no sentido de passagem de uma religião a outra. Ao sentir o silêncio que se seguiu, tive a impressão de ter criado um mal-estar. As religiões aceitam mal uma evangelização que vise a conversão à Igreja Católica.

A missão está a morrer? Não está ligada a uma situação cultural e religiosa do passado?

Uma revolução ainda em gestação

O desafio da anunciada morte da missão foi posto em destaque. É visível que ela tem mudado muito e não só de cosmética – como a senhora que já se não reconhece à saída do salão de cabeleireiro. Uma das grandes mudanças resulta daquilo mesmo que a missão fez: as Igrejas locais foram fundadas, o número dos cristãos, de padres, religiosos, religiosas e de leigos comprometidos aumenta. Ao mesmo tempo, nos países do Norte os "praticantes" diminuem, tal como as vocações ao ministério da igreja ou à vida consagrada. De repente, os caminhos da missão, outrora de sentido único, se confundem. Os envios em Missão na nossa Congregação vão agora em todas as direcções: Nigerianos partem para Taiwan e para as Filipinas, Tanzanianos para a Alemanha e para a França, Malgaches para a Papuásia, Mauricianos para o Paquistão, Congoleses para o Brasil, Brasileiros para o Senegal, um Australiano para o Quénia. Alguns destes jovens Espiritanos de África vêm em ajuda das Igrejas da Europa. Trata-se de uma simples inversão do movimento, de um fenómeno cíclico ou dialético? O desafio de hoje convida-nos a ir mais ao fundo das coisas.

De algum modo, levamos aos outros continentes uma Igreja pré-fabricada, já constituída nos seus elementos fundamentais e, por isso, em boa parte estrangeira. Como escrevia um teólogo camaronês, *"a Igreja foi transposta para os países novos um pouco como os ricos americanos que fazem desmontar os velhos castelos da França para os reconstruir, pedra a pedra, nas margens do Potomac (rio que passa em Washington)"*. Após o tempo dos pioneiros, os missionários implantaram, pouco a pouco, as estruturas e o tipo de vida cristã da sua Igreja de origem e isso apesar de toda a sua abertura à população local. Mesmo na Europa, a Igreja, herdeira do passado, parece estrangeira. *"A minha mãe é uma princesa longínqua"*, cantavam os "prêtres ouvriers" franceses nos anos 50, visando a sua Igreja.

Uma revolução mais profunda da missão parece estar em gestação um pouco por toda a parte. Ela toca a substância das coisas e releva o Espírito criador, do qual procuramos descobrir os sinais e seguir a inspiração

Com efeito, no Norte como no Sul do planeta, o turbilhão das mudanças aceleradas pede outra coisa que não só uma estratégia de envio de pessoal missionário. Uma revolução mais profunda da missão parece estar em gestação um pouco por toda a parte. Ela toca a substância das coisas e releva o Espírito criador, do qual procuramos descobrir os sinais e seguir a inspiração. Os nossos últimos Capítulos deram um lugar de relevo às experiências missionárias de hoje, para as interpretar: "Para onde nos

conduz o Espírito?" Não temos soluções feitas. Nós próprios somos levados pela tempestade, nos nossos Institutos, nas nossas comunidades e na nossa psicologia. Não estamos sobre um outro planeta para estudar tranquilamente as diversas correntes e planificar estratégias. Descobrimos, pouco a pouco, o sentido da Missão, que é novo e também mais próximo da tradição cristã original. Para reencontrar no turbilhão das mudanças uma visão autêntica da Missão e das suas fronteiras, façamos um breve regresso às origens.

A perspectiva dos Actos dos Apóstolos

Os Apóstolos estavam reunidos e puseram a Jesus esta questão: "Senhor, é agora o tempo em que vais restaurar o Reino de Israel?" Ele respondeu-lhes: "Não vos compete conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com o seu poder; mas ides receber um poder, aquele do Espírito Santo que virá sobre vós – sereis então minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra". (Act. 1,6-8).

Como sublinha uma nota da Tradução Ecuménica da Bíblia (TOB), na questão dos Apóstolos "exprime-se a esperança judia voltada para uma realização imediata centrada sobre Israel, expressa em termos da restauração nacional ... A resposta de Jesus (vv. 7 e 8) abre de uma só vez o tempo e o espaço do testemunho apostólico; o plano e o sentido do livro dos Actos estão aí condensados".

O texto dos Actos e o breve comentário da TOB podem servir-nos de referência para um discernimento cristão da missão neste tempo em que a geografia e a "estratégia" da missão foram alteradas.

A missão consiste em ser testemunhas de Cristo morto e ressuscitado. Subtraído ao nosso olhar, Jesus não cessa de estar presente nas comunidades cristãs e acompanha os missionários. Estes falam com ele no seu coração ao mesmo tempo que se dirigem progressivamente a novos povos. Assim, Cristo não é somente aquele de quem falam. É ele que fala através deles. É nele que crêem os ouvintes e não mais somente por causa dos dizeres dos missionários (cf Jo. 4, 42). O Pai fixa os tempos e os momentos, as etapas do itinerário. Não temos que conhecê-los antecipadamente e fora desta experiência teologal da missão. Isso não nos pertence. Mas para ser testemunha, recebemos um poder, aquele do Espírito Santo que vem sobre nós. Com o seu poder, passaremos as fronteiras em tempo oportuno.

Os caminhos da missão são uma aventura aberta. O dinamismo do testemunho é o da fecundidade viva com a sua parte de imprevisto. Não é o da clonagem, da fotocópia, da restauração. A garantia da autenticidade é, finalmente, a dos frutos da missão que aparecem sem que possamos fixar os momentos e os lugares. A missão realça o mistério de Cristo. Como disse o nosso penúltimo Capítulo, ela "é espiritualidade e não estratégia". Quais são então as Fronteiras a ultrapassar e, se somos sempre chamados a levar o Evangelho até às extremidades da terra (Act.1,8), onde está daqui em diante o horizonte?

Dizer que toda a Igreja é missionária não exclui a existência de uma missão específica "ad gentes"; do mesmo modo, dizer que todos os católicos devem ser missionários não exclui, mas ao contrário pede, que haja missionários ad gentes e por toda a vida, através duma vocação específica

Pontos de referência dados pelos documentos recentes da Igreja

O Magistério da Igreja precisou o sentido da missão nas fronteiras. A Constituição *Lumen Gentium* do Vaticano II podia parecer também virar a bela página da missão quando declara que *"toda a Igreja é missionária"*. Os missionários dirigiram-se ao Concílio, como um só homem, contra tal interpretação. O Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja (*Ad Gentes)* defende a permanência desta missão específica. A Encíclica *Redemptoris Missio* retoma e clarifica o debate. Eis algumas citações:

"Dizer que toda a Igreja é missionária não exclui a existência de uma missão específica *"ad gentes"*; do mesmo modo, dizer que todos os católicos devem ser missionários não exclui, mas ao contrário pede, que haja missionários *ad gentes* e por toda a vida, através duma vocação específica" (RM 32).

"Considerando o mundo de hoje sob o ponto de vista da evangelização, podemos distinguir três situações:

- aquela à qual se dirige a actividade missionária;
- aquela onde existem comunidades cristãs fortes e adaptadas;
- aquela intermediária onde existem grupos inteiros de baptizados que perderam o sentido da fé viva" (RM 34).

A particularidade da missão ad gentes vem do facto de ela se dirigir a não cristãos

A particularidade da missão *ad gentes* vem do facto de ela se dirigir a não cristãos. É necessário que não se dilua na missão geral, nem que se esqueça, mesmo que não haja fronteiras claras entre o encargo pastoral dos fiéis, a nova evangelização e a actividade missionária específica. É necessário permanecer em tensão para o anúncio do evangelho e a fundação de novas Igrejas... (RM 34).

Diante dos novos desafios, uma perspectiva aberta

O P. Henry Koren sublinha em Libermann a abertura à novidade. Na origem desse facto, segundo ele, está o seu âmago judeu. De acordo com a visão bíblica, Deus não criou apenas na origem. Continua a criar ao longo da história humana e fala-nos através dos sinais dos tempos. (Koren, Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History, Spiritus Press, Bethel Park,PA,1990). Libermann convida-nos a ter confiança na experiência concreta e a deixar-nos guiar pelo Espírito. Fez com que os seus contemporâneos estivessem atentos às mudanças profundas da sociedade. Convidou-os a compromissos pertinentes com as novas fronteiras do seu tempo: "O mal do clero, nestes últimos tempos, foi que ficou sempre na ideia do passado. O mundo caminhou em frente e o homem hostil assestou as baterias de acordo com o estado e o espírito do século e nós ficámos para trás. É necessário que os sigamos, permanecendo no espírito do Evangelho e que façamos o bem combatendo o mal no estado e no espírito em que o século se encontra" (N D 151,1848).

As fronteiras e o horizonte da missão não são determinadas principalmente pela geografia nem pelas raças. Segundo a Redemptoris Missio, as fronteiras da missão *ad gentes* são os "povos, os grupos humanos e os

contextos socioculturais nos quais Cristo e o seu Evangelho não são ainda conhecidos ou nos quais não existem comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poder incarnar a fé no seu meio e anunciá-la a outros grupos".

As fronteiras são constituídas, de um lado, por essas pessoas e grupos humanos que ainda não receberam o Evangelho; e por outro lado, pela presença de testemunhas e pela qualidade do testemunho de uma comunidade que torna o Evangelho próximo (cf. o sentido da missão espiritana de hoje – Maynooth 1998, d 2). A missão nas fronteiras constitui um avanço, quer para os ouvintes, quer para os mensageiros do Evangelho. Ela opera no movimento geral da sociedade que não é somente o *"décor"* da nossa vida, mas que nos afecta profundamente a que procuremos inflectir no sentido do amor. Assim, tomam corpo as diferentes situações-Fronteira, da nossa missão espiritana.

As fronteiras da missão ad gentes são os "povos, os grupos humanos e os contextos socioculturais nos quais Cristo e o seu Evangelho não são ainda conhecidos ou nos quais não existem comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poder incarnar a fé no seu meio e anunciá-la a outros grupos

Traços (movimentos) dominantes do mundo actual

A conferência de Bandung, em 1955, fez emergir na cena mundial a **diversidade de povos livres e responsáveis, todos iguais.** Às testemunhas do Evangelho são, daqui em diante, postos os desafios de não mais pôr em curto-circuito as diferenças, e de comunicar, respeitando a cultura e a liberdade dos outros. Como missionários, não temos o direito de nos impor com a nossa cultura nem de assimilar os outros. Vivemos isso no interior do nosso Instituto.

As **sociedades secularizadas** têm posto em questão a autoridade religiosa e têm conduzido os cristãos à dúvida e ao abandono. Também elas nos podem abrir um caminho a uma mais profunda autenticidade. Os cristãos encontram uma nova maneira de viver a sua fé. Esta apoia-se mais sobre a sua experiência que eles aprendem a interpretar de acordo com o Evangelho. Neste contexto, a palavra anunciada apoia-se antes de mais sobre a autoridade do testemunho. "O homem moderno escuta de melhor boa vontade as testemunhas que os mestres" (Paulo VI, Evang. Nunt. 42).

O homem moderno escuta de melhor boa vontade as testemunhas que os mestres

A vida do mundo é dominada pela economia neo-liberal unificada a nível mundial. Os média, em progresso sempre acelerado, fizeram do mundo uma grande aldeia. Nisso podemos reconhecer uma oportunidade extraordinária de comunicação e de colaboração, também para a Boa Nova. Mas os média e o mercado contribuem para criar uma sociedade dominada pelo dinheiro, o poder e a competição. As pessoas tornam-se mais rápidas e eficazes, mas também mais superficiais. A globalização arrasta à degradação da natureza. Mesmo se gera mais riqueza, favorece sempre os mais fortes. Este contexto mundial dá uma outra dimensão ao serviço e à defesa dos mais pobres, parte essencial da missão.

Todas estas evoluções afectam as relações humanas e criam conflitos. Muitos laços humanos da sociedade tradicional foram perdidos. Nas novas inserções, as relações humanas tornam-se muitas vezes de menor qualidade, as pessoas vivem por vezes sós e stressadas. Os conflitos nascem e renascem. Às migrações económicas juntam-se aqueles que fogem das guerras…

Horizonte da missão de hoje

A missão no sentido específico visa levar a luz e a força do Evangelho até aos confins e ao mais profundo da humanidade que hoje se constrói. Podem-se esboçar diversos aspectos dos dinamismos do mundo actual.

A humanidade adquiriu um novo domínio sobre a natureza e sobre ela própria através das diferentes ciências e técnicas. Mas, faz de aprendiz de feiticeiro e utiliza muitas vezes a sua superioridade para degradar a natureza e dominar os outros, açambarcando as riquezas.

Tomou consciência e fez a experiência (até ao excesso) da sua liberdade singular, dos direitos de cada ser humano. Pode, assim, fazer uma procura mais pessoal dos caminhos da verdade, do amor e da procura de Deus. Mas tem a tendência, também, de se tornar mais individualista e *de se julgar Deus*.

Mas, depois que aprenderam a medir o mundo, não sabem mais medir-se a si próprios (Husserl)

Os homens e as mulheres deram-se a si mesmos os meios para unificar o mundo, pelos meios de comunicação físicos e sociais e também pela globalização económica e financeira. Mas, depois que aprenderam a medir o mundo, não sabem mais medir-se a si próprios (Husserl).

Cristãos e missionários, vemos diante de nós como que toda a humanidade de hoje, que um universo radioso se pode abrir para todos nós. Mas, julgamos com todo o coração e com toda a nossa experiência de fé, que é pelo testemunho vivo do Evangelho que nos aproximaremos deste horizonte.

Novas fronteiras da missão

O horizonte do mundo actual dá sentido ao compromisso pela justiça e pela paz

O horizonte do mundo actual dá sentido **ao compromisso pela justiça e pela paz.** Para além das intervenções particulares, trata-se de procurar qual é a origem do empobrecimento contínuo de metade da humanidade, da exclusão e da violência. A este nível, a acção não pode ser senão a longo termo e a grande escala. As nossas novas Fronteiras são aquelas que for necessário abrir para ir ao encontro dos pobres: as gentes dum bairro de lata, os meninos da rua, os tóxico-dependentes, as vítimas da SIDA, as populações rurais abandonadas, os jovens sem trabalho ...

Temos de passar as fronteiras culturais para irmos, verdadeiramente, junto dos Massai, dos Borana, dos Hamer, dos Pokot, Pigmeus, Bassari, Mandjacos, Bassa, Marwaris, Melanésios, Guarani, Huastecos e Nahuatl... Além disso, estamos longe de ter levado o Evangelho ao interior das culturas, aí onde a Igreja está estabelecida desde há muito tempo. As fronteiras culturais são ainda pertinentes (cf. América latina depois de 500 anos de evangelização). Em nome dos desafios actuais, permanecemos fiéis à nossa tradição missionária de aprender as línguas locais e de nos enraizarmos no meio do povo. Não nos deixamos impressionar demasiado pelos sucessos. Uma evangelização rápida, para ocupar terreno, pode ser varrida pela primeira tempestade. Quando trabalhamos com as pessoas a partir da sua experiência, sentimo-nos no bom caminho. Não procuramos ansiosamente uma eficácia imediata. Acreditamos na fecundidade lenta e duradoira do testemunho de comunidades inspiradas pelo Evangelho.

Procuramos passar as fronteiras do 'mundo secularizado'. Encontramos pessoas que têm fome e sede de alimento espiritual. Ajudamos os leigos a formarem-se para um compromisso cristão na sociedade. É bom fazer a experiência da primeira evangelização indo ao encontro das pessoas e reconhecendo, nas suas experiências, a presença de Deus. Isso vale igualmente para aqueles que, na educação e no ministério, procuram ir ao encontro da cultura dos jovens.

A missão torna-se presença prolongada e diálogo de vida. Estamos habituados a que, o anúncio do Evangelho se traduza em entradas na comunidade cristã. Hoje, em certas situações, não há mais baptismos. Mas as pessoas, em contacto com as testemunhas do evangelho, aprofundam o seu sentido religioso, tornam-se mais livres e comprometem-se no serviço dos pobres. A linha da frente da missão actual é muitas vezes o lugar de encontro de múltiplas generosidades, para lá das fronteiras de pertença. Diante da fraqueza, a urgência, o perigo, as nossas diferenças não são desfeitas, mas relativizadas. Sentimos que estamos com os outros ao nível onde o amor de Deus liberta e reúne.

Hoje, em certas situações, não há mais baptismos. Mas as pessoas, em contacto com as testemunhas do evangelho, aprofundam o seu sentido religioso, tornam-se mais livres e comprometem-se no serviço dos pobres

Enfim, fixamo-nos **sempre e ainda, em novas fronteiras geográficas** ao partir, para Moçambique, Taiwan, as Filipinas, a Bolívia, as Seicheles e o Benin. Nos apelos que estão na linha da nossa vocação vemos uma fonte de enriquecimento espiritual para o nosso Instituto.

Uma fronteira a passar na nossa própria vida

Se queremos ser fiéis à nossa vocação, um discernimento e uma conversão são necessárias. Trata-se de estar presente na sociedade actual e ao mesmo tempo guardar o contacto com Aquele que é a nossa origem, singular e universal. É um dos grandes ganhos da formação contínua. A missão, é igualmente, um lugar de renovação. Os pobres, as pessoas de culturas e religiões diferentes ajudam-nos a ser cristãos mais profundos. Somos chamados, também, a uma maior abertura aos nossos confrades nas nossas comunidades muitas vezes internacionais e inter-culturais. O movimento para os outros faz-nos passar uma fronteira em nós mesmos, que é uma espécie de morte e ressurreição.

Os pobres, as pessoas de culturas e religiões diferentes ajudam-nos a ser cristãos mais profundos

amazónia, missão e espiritualidade da terra-água

Tendo sido missionário no Estado do Acre, da Amazónia, e agora bispo de Tefé, também na Amazónia, D. Sérgio Castriani conhece a vastissima realidade do Amazonas, este grande pulmão da humanidade que representa 60% do território brasileiro e possui 20% da água potável do planeta. Daí que o primeiro grande desafio missionário que ele sente seja o de como desenvolver as pessoas, como garantir qualidade de vida, sem destruir a natureza e vivendo em harmonia com ela.

Tudo é imenso

Para falar da missão espiritana na Amazónia e da espiritualidade que a alimenta permitam-me recordar a minha experiência pessoal, pois para mim missão espiritana, vocação sacerdotal e episcopal e missão pessoal só são compreensíveis a partir da missão na Amazónia. Foi da Amazónia e preocupados com a Igreja que aí reunia, que os missionários espiritanos, provenientes da Europa, foram para o sul do Brasil fundar uma Província Brasileira que viria a ter como primeira missão a Amazónia.

Não cabe aqui narrar todas as peripécias desta fundação e os resultados da mesma. Para mim esta aventura teve um impacto pessoal. No dia 15 de Março de 1979, recém ordenado sacerdote e tendo como primeira nomeação o Distrito do Alto Juruá, deixei São Paulo rumo à cidade de Feijó no Estado do Acre, a missão para a qual havia sido destinado.

Mesmo sendo brasileiro era a primeira vez que viajava para a Amazónia. Ora, a Amazónia representa 60 % do território Nacional, dela se fala muito, mas pouco se conhece. Um dos pulmões do Brasil, nem sempre sua importância real é reconhecida pelo resto da nação.

A primeira impressão quando se chega à Amazónia é a extensão, ou melhor as extensões: tudo é imenso. A mata que se sobrevoava se perde no

* Bispo de Tefé, na Amazónia, desde 1998. Natural do Brasil, foi formador na Província espiritana do Brasil e membro do Conselho Geral da Congregação.

horizonte. Os rios que se espalham pelas mesmas formando igapós e florestas inundadas. O imenso Amazonas que de tão grande é chamado rio-mar e a região do Grão-Pará, até 1823 separada do resto do Brasil.

Hoje sirvo a Igreja na Prelazia de Tefé. São 258.000 Km2. Uma extensão que equivale ao estado de São Paulo ou ao território italiano, sem as ilhas. Viver nesta imensidão nos coloca, a todos os amazónidas, habitantes da Amazónia, numa relação muito particular com as coordenadas do espaço e do tempo. Tudo é imenso, tudo leva tempo, tudo é distante. O missionário viaja horas para visitar as comunidades do interior. Áreas imensas são praticamente desabitadas. A pessoa humana ou se integra nesta imensidão ou é destruído por ela. Estas grandes extensões quase que nos obrigam a aceitar a verdadeira dimensão do humano na natureza e no universo. Vivemos num lugar belíssimo, com cenários deslumbrantes que também fazem parte da missão na Amazónia.

Tudo é imenso, tudo leva tempo, tudo é distante

As grandes extensões, a grandiosidade da natureza nos desafiam a construir um outro modelo de desenvolvimento humano, harmonioso, sustentado, que vise muito mais qualidade de vida que domínio da natureza, construção de estradas ou criação de gado.. O desenvolvimento hoje é muito mais visto como desenvolvimento das pessoas, como aumentar a qualidade de vida das pessoas num desenvolvimento que seja integrado com a natureza. Tecnicamente se chama desenvolvimento sustentado, que procura dar cidadania, saúde, educação, às pessoas. Nesse sentido a área da prelazia de Tefé é privilegiada porque é uma área práticamente intacta.

E talvez este seja o primeiro grande desafio missionário: como desenvolver as pessoas, como garantir qualidade de vida, sem destruir a natureza e vivendo em harmonia com a mesma?

Durante muito tempo, e ainda hoje, muitos dos colonizadores da Amazónia, viram a sua tarefa como um esforço gigantesco de dominar a natureza, o que no fundo significou e significa a destruição, queimadas, poluição, etc. A pressão internacional, mas sobretudo a consciência dos amazónidas está mudando este quadro. Já há consciência de que os recursos não são inesgotáveis, de que o peixe, ou ao menos determinadas espécies, podem acabar. A imensidão é frágil e está continuamente se refazendo.

Amazónia: Última página dos Génesis, ainda a ser escrita!

A segunda grande constatação que foi expressa de forma poética por Euclides da Cunha, o grande escritor de "*Os Sertões*": «*A Amazónia é a última página dos Génesis, ainda a ser escrita*». A Amazónia é uma região em transformação. São rios imensos que se movem mudando de lugar a cada ano, são ilhas que surgem e desaparecem, são barreiras que rompem cortando curvas, formando lagos. Há cidades que se movem, barrancos que caiem. A cada ano, quando chega o verão, praias vastíssimas aparecem onde antes nada havia. Essa mobilidade e transformação cria a sensação de que tudo ainda está por acontecer, o definitivo ainda não chegou. E isso penetra nas mentes e nos corações, impede a construção de edifícios sólidos, pois tudo pode mudar nas próximas chuvas ou na próxima estação

A Amazónia é uma região em transformação

seca. Tudo é provisório, o que engendra uma cultura na qual nada é definitivo. Não é difícil inferir o que isto significa para o trabalho missionário, para instituições e estruturas que se desejam sólidas, eternas, imutáveis. Daí a sensação do tempo perdido, do eterno recomeço, de viver numa terra do "já houve".

Tudo é provisório, o que engendra uma cultura na qual nada é definitivo

A Amazónia, uma terra a ser explorada. Desde o início da colonização se sonhou com a extracção da riqueza, com o Eldorado escondido no segredo da floresta. Ao longo dos séculos não faltaram nunca expedições para procurar riquezas. Estas incursões não levaram nunca em conta a população local. Conforme o projeto de exploração: ou esta população devia ser utilizada como mão de obra escrava ou barata, ou simplesmente destruída; nações inteiras desapareceram, outras foram reduzidas a pequenos grupos que por milagre sobreviveram. A exploração foi executada de fora para dentro. Verdadeiros sistemas foram criados, o mais perverso deles o da exploração do látex para a produção da borracha. Euclides da Cunha que visitou o rio Madeira como jornalista escreveu que os seringais foram o sistema mais perverso de exploração do trabalho humano criado pela humanidade. Calcula-se que em um século umas 500.000 pessoas foram levadas para a Amazónia para a exploração dos seringais. Colocado no centro da mata, totalmente dependente do barracão para se abastecer. O seringueiro nunca se libertava da dívida que começara a ser contraída já na sua terra natal. Fortunas se fizeram e desapareceram na Amazónia. A imponência do Teatro de Manaus é testemunha destes tempos de fausto e de sofrimento. Companhias de Teatro da Europa faziam escala em Manaus, conhecida então como a "Paris dos Trópicos".

Calcula-se que em um século umas 500.000 pessoas foram levadas para a Amazónia para a exploração dos seringais

Assim como os primeiros espiritanos, também quando eu cheguei em 79 me defrontei com este sistema. Graças a Deus assisti ao desmantelamento dos seringais nos anos 80. A economia mundial, a produção asiática do Látex, mas também a organização dos sindicatos apressou o fim de tamanha injustiça.

Esta estrutura impediu uma acção pastoral mais efectiva e profética. O missionário acabava fazendo "desobriga" isto é, visitando os seringais para baptizar, confessar e casar. Seu serviço era pago pelo patrão que punha o preço na conta do seringueiro, aumentando assim a sua dívida. Quase nenhuma catequese, muita devoção trazida do Nordeste, pouquíssima eucaristia. Não é difícil imaginar a frustração de quem queria evangelizar, formar catequistas, descobrir vocações para um clero local autóctone.

Infelizmente a exploração continua. Os projectos para a Amazónia, hoje, são ainda a exploração da madeira, a pesca predatória, a extracção do petróleo e de minerais, sem falar na busca de essências, das espécies exóticas, à bio-diversidade que dá ensejo à bio-pirataria. Ainda hoje, como no passado, a população local, os Amazónidas, os verdadeiros guardiães da floresta são coarctados, suportados ou forçados a sair.

A diversidade da vida

Tudo é grande, tudo é imenso e tudo é plural. São encontradas as espécies em toda a sua diversidade e riqueza. É engraçado ver os cientistas contarem as espécies de sapos encontrados numa extensão muito pequena e o saco carregado pela pesquisadora contendo dezenas de espécies de folhas que formam o cardápio do peixe-boi. Bio-diversidade é hoje um conceito comum para quem pensa a Amazónia. Espécies sem número convivem em um equilíbrio ecológico complexo e diversificado e que pela sua delicadeza pode ser destruído com facilidade.

Bio-diversidade é hoje um conceito comum para quem pensa a Amazónia

A diversidade da natureza se repete na diversidade da população amazónida. Uma grande parte é descendente dos nordestinos que vieram no cilco da borracha. Trouxeram na sua bagagem a garra do homem que enfrenta a seca e que agora tem que se arranjar com as grandes águas. São brancos e são caboucos, mestiços com sangue misturado. No coração trazem a devoção aos santos, sobretudo a São Francisco, o das chagas do Canindé. Os nordestinos aqui encontram o cabouco amazonense, que é o índio tapuia, amansado nos aldeamentos, que não era mais índio mas falava a língua geral e perdendo as suas origens. Esta língua geral, mistura de Tupi-guarani, foi criada pelos missionários para a obra da catequese. Mas também se encontram filhos de brancos, colonos que chegaram sozinhos, a quem era dado como prémio uma mulher índia providenciada pelo patrão. Essa mulher, índia, passou aos filhos a cultura ancestral, a harmonia com as águas, o conhecimento dos segredos da floresta.

Na Amazónia ainda há índios

Mas na Amazónia ainda há índios. Uns poucos grupos arredios no interior da floresta, fugitivos de outras eras. Outros embora com longo contacto com o invasor mas ainda guardando língua, cultura, religião, num testemunho eloquente de resistência. São dádiva de Deus para uma civilização que perdeu raízes, se globalizou, se distanciando de valores humanos fundamentais. Ainda escutam os espíritos da floresta, ainda comungam com a vida pujante dos espíritos das árvores e dos animais. Há também índios ressurgidos, populações e grupos que se redescobrem como povos, assopram as cinzas que cobrem as brasas ainda acesas e vão à procura do elo que se perdeu com os seus antepassados. É nesta Amazónia imensa que não é só brasileira, mas também Venezuelana, Colombiana, Peruana, Boliviana, Equatoriana, Surinamesa, Guianense e até francesa que vive uma porção do povo de Deus.

Povo de Deus com rosto amazónico

O povo de Deus tem rosto amazônico mas a hierarquia em grande parte ainda vem de fora

A Igreja que chegou junto com o colonizador assumiu e viveu a grandeza, as mazelas e as tragédias da região. O povo de Deus tem rosto amazónico mas a hierarquia em grande parte ainda vem de fora. As devoções e as festas populares juntam multidões, mas a eucaristia, centro da vida cristã, não faz parte dos costumes. As velas são acesas e os santos venerados mas a ética e a moral ainda está longe de ser de uma população evangelizada. As tentativas de evangelização e de construção de uma estrutura de Igreja Local se esbarra na mobilidade, na falta de futuro, no

marasmo. O baptismo é procurado para que a pessoa tenha a dignidade de Filho de Deus e não para que se insira num Povo, numa Igreja e conhecendo os ensinamentos do Senhor vivam de acordo com eles. Ser baptizado é quase equivalente a ser brasileiro!

A catequese superficial, a incapacidade da estrutura eclesial de responder às necessidades dos fiéis, fez com que o terreno se tornasse fértil para as seitas. Na nossa região um terço dos fiéis abandonou a fé católica, nos últimos 30 anos, e outro terço tornou-se praticamente indiferente. Mas, a Igreja da Amazónia não permaneceu e nem permanece indiferente. A fé e a esperança que moveram os missionários do passado, santos e trágicos, mais trágicos que santos, continua a mover os missionários de hoje.

Os espiritanos e inúmeras outras congregações religiosas assumiram a partir do século XIX pedaços da Amazónia. Prelazias foram sendo criadas e entregues a capuchinhos italianos, redentoristas americanos, missionários canadenses, PIME da Itália, servitas italianos, espiritanos franceses e depois alemães e holandeses e agostinhos espanhóis. As congregações montaram estruturas de educação, escolas, internatos, hospitais, áreas de cultivo, etc. Às congregações masculinas aos poucos foram-se juntando as femininas.

Mas, apesar dos espiritanos terem formado sete padres brasileiros amazonenses, não conseguiram formar um clero local. Cem anos depois as nossas Igrejas continuam pobres em pessoal e dependentes financeiramente. O bem que foi feito foi imenso, mas assim como a grande floresta devorou os grandes projectos de exploração económica parece também ter transformado em ruínas um projecto missionário importado. O desenvolvimentismo da década de 60 levou alguns missionários a identificarem missão com desenvolvimento, o que trouxe mais frustração ainda aos que viram seus esforços darem em nada.

Diante deste quadro que poderia atemorizar e até aterrorizar, o que de facto aconteceu com muitos missionários, a Igreja na Amazónia teve em 1972 o seu Medelín. A conferência de Medelín foi a actualização do Concílio Vaticano II para a América Latina, marcou a história da Igreja no continente com suas opções pastorais e sua análise da realidade.

Em 1972, os bispos da Amazónia reunidos em Belém do Pará actualizaram Medelín para a região

Em 1972, os bispos da Amazónia reunidos em Belém do Pará actualizaram Medelín para a região. As opções pastorais feitas então foram assumidas como Pastoral de conjunto na região e deram uma fisionomia própria à Igreja da Amazónia. Estas opções como veremos a seguir significaram vida para milhares de pessoas e abriram perspectivas que são válidas até hoje. O caminho a ser percorrido ainda é longo.

I - Formação de comunidades: a Igreja decidiu-se por um programa de organização das comunidades. Era preciso juntar as famílias espalhadas ao longo dos rios, criando assim condições para a implantação de escolas, postos de saúde, catequese, celebração do culto dominical, melhorias de infraestruturas como gerador de electricidade, etc. Este trabalho foi árduo, pois ia contra a mentalidade dos seringais, exigiu uma mudança de mentalidade de submissão ao patrão e a necessidade de um aprendizado

concreto de práticas democráticas e de participação. Mas, sobretudo implicou ir ao encontro dos interesses dos patrões, dos comerciantes, dos políticos, dos eternos exploradores da mão de obra barata. Trinta anos depois pode-se dizer que esta acção foi um sucesso, mesmo se o modelo comunitário hoje está em crise. O próprio termo comunidade foi assumido pelos poderosos e hoje tudo é comunidade, mas as comunidades existem e funcionam, fruto de horas e horas de cursos, assembleias, conversas... ouvido para convencer, e de um sistema de rádio local que alfabetizou, divulgou e hoje continua a comunicar a boa notícia apesar da televisão que penetra até ao último rincão. Comunhão e participação se tornaram palavras chave em Puebla e hoje ainda são metas da nossa acção Pastoral. Uma Igreja que seja rede de comunidades onde todos se sentem responsáveis e cidadãos a título pleno.

II - Formação de Agentes pastorais amazónicos: Uma pastoral vocacional que leve homens e mulheres a viver o seu baptismo na sua dimensão ministerial e missionária tornou-se e ainda é prioridade das prioridades. Além do esforço de cada comunidade, paróquia e prelazia na formação de catequistas, animadores de sector, agentes da cidadania, agentes ambientais voluntários etc. Foram criados dois institutos de Pastoral de nível Superior, um em Belém do Pará e outro em Manaus. Os dois ainda hoje funcionam, a duras penas, com poucos recursos, mas são sem dúvida centros não só repetidores mas produtores de reflexão teológica e pastoral. Ainda estamos longe de sermos uma Igreja com rosto amazónico mas não se pode negar a actuação e a presença de centenas de leigos e leigas tanto nas comunidades quanto nas diversas instâncias da sociedade. O caminho é longo e quando alguém quer nos ajudar a resposta é sempre a mesma: ajude-nos na formação, esta é a nossa prioridade.

III - Reconhecimento da realidade indígena: Nesta época de 1972 a política indigenista do governo brasileiro era a de integrar os povos indígenas à nação. Na prática isto significava o extermínio e a anulação dos povos e das culturas indígenas. A Igreja reagiu a isto reivindicando o direito dos povos indígenas em primerio lugar de existirem e, em segundo, de se autodeterminarem enquanto povos. O direito de existir exigiu lutas concretas e a construção de uma organização indígena que desse voz às dezenas de povos ainda existentes e resistentes.

Era preciso lutar pela terra, garantindo o espaço vital para as diferentes tribos. Não é difícil imaginar os interesses atingidos e os argumentos usados contra a demarcação das terras indígenas. As acusações contra a Igreja e contra o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), então recém criado, para organizar e dar rumos à pastoral indigenista da Igreja no Brasil se multiplicaram. Na maioria dos casos foi também preciso uma acção emergencial na área da saúde. Algumas tribos estavam sendo dizimadas por doenças como tuberculose, hepatite, etc. Além de terra e saúde os Missionários passavam a incentivar o uso da língua materna, a alfabetização

na mesma, a educação diferenciada, mas que também capacitasse os indígenas a conviver com a sociedade envolvente. Leigos na sua maioria, mas também religiosos, religiosas e sacerdotes, muitos missionários e missionárias foram viver nas aldeias aprendendo a língua, os mitos, as histórias e os costumes dos indígenas. E muitos deram a vida, se tornaram mártires. Tudo isto se tornou base para o diálogo inter-religioso e talvez pela primeira vez na história do Brasil foi valorizada esta dimensão da evangelização: um reconhecimento profundo do valor do outro, da presença do Espírirto Santo nas diferentes culturas, nas sementes do Verbo presentes antes mesmo da chegada do missionário.

A organização indígena hoje existente em todo o Brasil e na Amazónia em particular, o ressurgimento de povos antes desaparecidos no meio da população, a duplicação da população indígena nos últimos 20 anos, o reconhecimento de que o Brasil é plurinacional e o direito que as populações indígenas têm à educação e à saúde diferenciadas, são conquistas das quais a Igreja católica se pode orgulhar de ter participado. Com um certo exagero, mas não sem razão totalmente, um irmão bispo apaixonado pela causa indígena disse que sem o CIMI muito provavelmente os índios teriam desaparecido e o regime militar teria conseguido seu intento de integrá-los todos na comunidade nacional.

Sem o CIMI muito provavelmente os índios teriam desaparecido

Mas, a atenção à realidade indígena continua e a atenção deve ser redobrada. Para muitos, terra indígena ainda é terra de ninguém e pode ser invadida e explorada por quem chegar primeiro. Para outros os interesses indígenas são importantes, mas maiores os económicos. Minério e riquezas no subsolo justificam invasão.... Sob o motivo de educação diferenciada podem-se esconder práticas colonizadoras e preconceitos culturais.

Para nós fica ainda em aberto a necessidade de um diálogo profundo com as nações indígenas, de um anúncio da Boa Nova inculturada, de espaços na Igreja onde os índios possam ser católicos, ministros, religiosos, religiosas, sacerdotes sem deixarem de ser índios.

IV - A opção pelos pobres:

É claro que a Igreja sempre olhou para os pobres e abandonados. Os missionários na Amazónia desde o séc XVII, mesmo a serviço das coroas portuguesas e espanholas nunca deixaram de ter misericórdia e de procurar amenizar o sofrimento das pessoas. Mas provavelmente não tinham consciência de que o sistema no qual estavam inseridos e ao qual serviam é que provocava morte e destruição entre os indígenas que queriam converter e salvar. Os que perceberam isto e se tornaram vozes proféticas (Vieira) não foram ouvidos ou foram afastados.

A opção pelos pobres significou respeitar a dignidade do pobre para que ele se tornasse sujeito de sua própria história

A opção pelos pobres significou entre outras coisas, respeitar a dignidade do pobre para que ele se tornasse sujeito de sua própria história, dono de sua vida pessoal, agente transformador da sociedade.

Percebeu-se que era preciso transformar as estruturas da sociedade para que ela se tornasse mais justa e mais fraterna. Os cristãos individualmente, e as comunidades, foram convidados a assumir a causa do pobre, a fazer

opções concretas de transformação política, a entrar no jogo político concreto.

Pode-se pensar que tudo não passou de uma ilusão. Isto não é verdade. Se aqui também o caminho é longo, quanto foi conseguido em termos de democratização do país, de denúncia da corrupção, de surgimento de partidos políticos comprometidos com a mudança e acima de tudo de organizações populares, associações, sindicatos, que hoje formam no Brasil uma sociedade actual cada vez mais organizada. Mesmo na Amazónia impressionam o número dessas organizações e suas relações. Ninguém hoje pode fazer de conta que elas não existem.

V - A preservação:

A organização das comunidades ribeirinhas, a formação de agentes amazónidas, a opção pelos pobres, a busca de qualidade de vida para as pessoas levou à consciência da necessidade de preservar e de plantar. A isto se chamou de desenvolvimento sustentado. A primeira luta das comunidades foi pela preservação de alguns lagos ao lado de outros que permaneciam abertos para a manutenção da própria comunidade e para a exploração e comercialização. Este sistema de preservação foi iniciado pelo Irmão Falco, espiritano holandês, e pela população: lago de preservação onde ninguém toca; um lago de consumo, para comer e um lago de comércio, para vender. Sistema criado empiricamente levando em conta as espécies de peixe, a época da desova, o movimento das águas, das estações, etc. Este sistema criado empiricamente e pela sabedoria popular foi depois reconhecido e assumido por institutos científicos e universitários.

A outra luta foi a criação de reservas extractivistas, unidades de conservação, administradas por associações de moradores assessoradas por técnicos que as ajudam no manejo dos lagos para a pesca não predadora e no manejo da floresta para a exploração da madeira seguida de reposição da mata.

A Prelazia de Tefé tem na preservação uma de suas prioridades

A Prelazia de Tefé tem na preservação uma de suas prioridades, não por razões económicas, mas porque a partir da fé que professa e anuncia acredita na possibilidade de vida em abundância e luta por ela.

Grande esforço foi e continua sendo feito na formação de agentes ambientais voluntários, hoje reconhecidos pela autoridade governamental e chamados os "olhos da floresta"!

São eles que junto com as suas comunidades guardam de facto este património da humanidade de cuja soberania o Brasil não pode e não quer abrir mão. Por causa deles, espécies em extinção como o peixe-boi ganham nova chance. Sua acção tem impedido o desapareciemnto de várias espécies de quelónios, pois são eles que guardam as praias onde os mesmos vêm depositar seus ovos.

A bandeira da preservação tem sido levantada por muitos. Muito dinheiro tem sido destinado a organizações que muito falam, muito viajam e pouco fazem. São os amazónidas que podem salvar e preservar a Amazónia.

P. Jerónimo Cahinga *

África, a missão da esperança e a especialidade da inculturação

"A esperança tem de ter em conta a realidade em que a África vive mergulhada, para se poder transformar em acções concretas de vida e de salvação." (...) "Na nova ordem económica a África foi apanhada numa ratoeira que lhe amarrou os pés e as mãos (...) Para se associar ao movimento de uma correcção da visão do mundo, apresentado pela globalização, a África tem de ter capacidade de mobilizar energias criadoras para a procura de um novo paradigma"...

1. Introdução

África, lugar de esperança e de futuro

Gostaria de passar todos esses minutos que colocaram à minha disposição falando apenas das belezas humanas e naturais de África. Mas, infelizmente tal não seria realista, para este Continente. A minha África é ainda aquela que os mass-media (mesmo com muitos exageros, às vezes!) apresentam nos jornais e nos ecrãs dos nossos televisores: uma África miserável, atingida por flagelos de toda a espécie, como se fosse marcada indelevelmente por uma endémica maldição, uma África discriminada em todos os níveis, como na questão do SIDA[1] e da classificação do continente

* Missionário Espiritano. Angolano. Teólogo biblista. Foi provincial da Província espiritana de Angola e actualmente é membro do Conselho Geral da Congregação.

[1] Nos anos 80, aquando da manifestação do flagelo que assolou a humanidade - o SIDA - a sua origem foi imputada imediatamente à África, sem a menor evidência científica. Hoje, quando surgem as possibilidades medicinais susceptíveis de diminuir os efeitos da doença nas pessoas infestadas, a África está proibida de fabricar as variantes genéricas (que sairiam a preços acessíveis) e ameaçada com sanções, se o fizer, pelos países detentores das manufacturas farmacêuticas. As razões alegadas são o direito de propriedade e a política económica: as companhias farmacêuticas dizem que primeiro têm de recuperar todo o dinheiro investido na pesquisa de tais medicamentos! Até parece lógico! E, contudo, o mundo continua a divertir-se mostrando imagens moribundas de africanos desfigurados, alardeando, vitoriosamente, os resultados estatísticos das suas pesquisas: «80% dos casos de SIDA detectados no mundo, pertencem ao continente africano» (Ver L. MAGESA, «Les défis de la mission», 253).

africano como 3º mundo[2], uma África transformada em objecto de desafios estatísticos dos congressos para a diminuição dos mortos de fome, teatro de genocídios, de intolerância religiosa e política, de governos incapazes de se adaptar aos mecanismos económicas mundiais, etc[3].

É verdade que o tema que me foi pedido é fundamentalmente falar da África como lugar de esperança e de futuro para o mundo e para a Igreja. Este projecto até é possível, contanto que sejam removidos os grandes obstáculos postos na senda que dá acesso a uma tal utopia, entenda-se no sentido positivo do termo. A esperança tem de ter em conta a realidade em que a África vive mergulhada, para se poder transformar em acções concretas de vida e de salvação.

2. África: um futuro nebuloso

Os pontos que vêm a seguir não pretendem ser uma análise cientificamente exacta nem exaustiva sobre a actual sombria situação do continente africano. Haverá, certamente, entre os presentes, pessoas mais bem estudadas e informadas, até do ponto de vista estatístico, sobre a real situação da África. A minha intenção é apenas pontualizar certos aspectos a partir dos quais, e apesar disso, podemos pressupor ou não a possibilidade de se falar de África como continente de esperança. Com feito, a África é, hoje, solicitada, em todos os sentidos, por profundas mudanças. Os factores económicos, políticos, sociais, religiosos e simbólicos, que são parte integrante da dimensão e da constelação cultural, têm uma nova articulação sem precedentes.

África solicitada por profundas mudanças

2.1. O sombrio futuro da economia africana

A ter em conta a direcção que a economia internacional tomou, nos últimos anos, não se pode passar sem fazer uma paragem obrigatória naquilo que constitui o seu escopo principal: a globalização. É verdade que a globalização oferece novas possibilidades, tais como a urbanização, novos mercados de trabalho, sobretudo no campo da informática e o liberalismo económico[4]. Por seu lado, porém, a globalização aparece como um termo a ser usado pelas corporações multinacionais em ligação com a sociedade do mercado tal como vem sendo incrementada nos Estados Unidos da América, nos países do Mercado Comum Europeu e no Japão. O objectivo principal, neste novo contexto mundial, é trabalhar para a acumulação da riqueza para o poder e empenhar a sociedade numa lógica da relação, como seja, o intercâmbio de comodidades, sem nenhuma outra regra que não seja a do próprio mercado.

O desenvolvimento, hoje

As economias locais ou nacionais, como as incipientes economias africanas, perdem cada vez mais o seu poder de iniciativa e de decisão,

---

[2] Esta expressão revela a própria concepção do homem africano e o lugar que se lhe atribui entre o resto dos seres humanos da Terra: é uma pessoa de 3ª classe!

[3] A. CIPOL,LINI, «Per scoprire un'altra Africa». in AA.VV., Africa di Speranza, 7.

[4] P. POUCOUTA, «Afrique, quelles altematives», 41.

diante desta lógica, e entram na marginalização em relação aos centros onde se decide o futuro da humanidade.

O novo modelo económico tem como seu fundamento a capitalização do saber que lhe permite fazer um tratamento de uma grande quantidade de informações cada vez mais crescentes e em tempos muito reduzidos[5]. Aqui, as novas tecnologias de comunicação têm um papel de tal modo fundamental que se pode dizer bem que elas estão na origem do fenómeno da globalização. Essas estão habilitadas a ultrapassar, de muito longe, as distâncias entre as gestões locais, particularmente no nível financeiro e de controlo da ordem pública da convivência humana.

Nesta nova ordem económica quem não for capaz de competir fica relegado para o segundo plano. Com efeito, desenvolvimento, hoje, significa integração de mercados nacionais e internacionais. Daí, as relações, a nível privado e colectivo, devem revestir um carácter de recíproca utilidade, de tal modo que se uma das partes não tiver mais nada a oferecer, a outra também não terá algum motivo para continuar com uma relação assim desequilibrada.

Países pobres estão condicionados pelos gestores do mercado da nova economia

Deste modo, um número crescente de países em desenvolvimento, sobretudo em África, já não consegue empenhar-se em trocas utilitaristas com países ricos, pois, para o desenvolvimento através do mercado, são consideradas úteis apenas aquelas áreas que prometem um crescimento económico[6]. Os países pobres estão duramente condicionados pelos gestores do mercado da nova economia e estes estão de tal forma avantajados que são capazes de destruir os seus governos numa noite.

O aparecimento de uma economia de carácter global, com todas as realidades e sonhos que lhe servem de incentivo (a existência de recursos ilimitados, as maravilhas da tecnologia, os infinitos bens de consumo, as facilidades da vida, etc.) criou um conjunto de referências universais. Essas começaram a convencer não só os indivíduos e as comunidades, mas também as nações inteiras de que são pobres e necessitados de assistência, uma vez que o rendimento per capita de que usufruem se encontra abaixo do mínimo estabelecido[7].

Recurso ao FMI e ao BM

Numa palavra, na nova ordem económica a África foi apanhada numa ratoeira que lhe amarrou os pés e as mãos, de tal modo que dificilmente se poderá desenvencilhar dela. Para tentar sacudir-se dessa prisão, o mercado global oferece-lhe cinicamente o recurso ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial. Mas essas duas instituições não fazem mais do que aumentar a pobreza da África, pelo modo ditatorial como impõem as condições dos seus empréstimos.

Com efeito, o FMI nunca escuta verdadeiramente os países em vias de desenvolvimento que pretende ajudar; ele opera secretamente e sem ter em conta as averiguações democráticas. Agrada-lhe estar atrás dos seus

[5] Cf. E. NTAKARUTIMANA, «Les chrétiens d'Afrique», 311.
[6] Cf. A. LUKAMBA, A globalização e os Conflitos no Sul, 45.
[7] M. RAHNEMA, «Povertà», 194.

negócios sem que outros lhe façam demasiadas perguntas. Teoricamente, o FMI apoia as instituições democráticas dos países que assiste. Em concreto, porém, enfraquece os processos democráticos, impondo as suas políticas. Se, por um lado, diz que «negoceia» as condições para um país receber ajudas, por outro, tais negociações fazem pender o peso apenas para o seu lado, pois, raramente permite um tempo suficiente para a construção de um amplo consenso ou de suficientes consultas com os parlamentares e com a sociedade civil[8].

Com tudo isto, os resultados das terapias das duas instituições são, quase sempre, muito amargas para as populações[9], porque pioram as coisas, transformando o abrandamento da dívida externa em anulação e a anulação em depressão[10].

2.2. A nova escravização da África: a dívida externa

Todos os países do mundo têm dívidas, diz E. Ntakarutimana, mas enquanto que os países do Norte tiram proveito para o seu desenvolvimento, o Sul caminha para o estado de drogado que se afunda cada vez mais reclamando sempre mais droga[11]. Os prejuízos provocados pela dívida externa aos países em desenvolvimento são espantosos.

Regras draconianas do FMI e suas consequências

O FMI que é chamado para fazer o famoso «ajustamento estrutural» dita-lhes regras draconianas que consistem na: desvalorização da moeda local; liberalização dos preços; -controlo dos níveis salariais; redução das barreiras comerciais; apoio às actividades orientadas à exportação; restrição do crédito nacional em favor do estrangeiro; diminuição da despesa estatal para serviços e redução do papel do Estado na economia e privatização das empresas públicas.

As consequências imediatas desta ditadura económica não se fazem esperar: redução da despesa sanitária: os pobres são obrigados a pagar os medicamentos e os tratamentos no hospital; aumento insustentável dos preços dos géneros de primeira necessidade: aumento da desocupação; bloqueio dos salários; desaparecimento das empresas locais por falta de financiamento. «O país entra num caos total»![12] A dívida externa é, realmente, a forma moderna de escravatura para os povos africanos[13].

Os neo-autocratas, cúmplices da miséria dos seus concidadãos

Há, porém, alguém que se aproveita da dívida externa: são os neo-autocratas reconvertidos em democratas que, das privatizações forçadas pelo FMI e pelo BM tiram grandes vantagens económicas. Essas elites acabam por ser cúmplices da miséria dos seus concidadãos. Elas não hesitam em reprimir as manifestações de insatisfação popular, em controlar os sindicatos e a sociedade civil e em transferir, sem escrúpulos, capitais avultados para o

[8] A. LUKAMBA, A globalização, 105.
[9] Cf. P. POUCOUTA, «Afrique, quelles alternatives», 43.
[10] G. MARTRAINI, Il drago e l'agnello, 124.
[11] E. NTAKARUTIMANA, «Les chrétiens d'Afrique», 315.
[12] A. LUKAMBA, A Globalização, 105
[13] R. BOSIO - R. MORO, Pagare con la vila, 7.

exterior, saqueando os próprios países[14]. A comunidade internacional sabe que a criação e a protecção dessas elites indiferentes à morte dos seus compatriotas está na base de várias guerras fratricidas que ensanguentam tantos países da África. Contudo, continua a alimentá-las e quando surgem conflitos cria mecanismos de "assistência" às populações atingidas e sinistradas. É preciso e urgente discutir um novo quadro de colaboração para fazer sair a África duma tal caridade humilhante, vivida como técnica do "processo de cura"[15] e não como distribuição orgânica do património de toda a humanidade.

2.3. O constante espectro de guerras, em África

África com mais de metade dos refugiados do mundo

As estatísticas dos conflitos em África dizem-nos que, nos últimos anos, 24 dos 51 países que conta o Continente, estão ou estiveram em guerra civil ou enviaram tropas para os outros países, às vezes, estando eles próprios em guerra (Angola é um dos grandes exemplos). Isto significa que 47 % dos países da África estiveram em situação de guerra aberta, nas últimas décadas, com um novo fenómeno de exércitos sem fronteiras, de crianças-soldados, de massacres em grande escala, de purificações étnicas de tipo genocida, de deslocações de populações, contando a África com mais de metade dos refugiados do mundo, na sua totalidade[16].

As razões de tais conflitos vão, desde as reivindicações ou rectificações de fronteiras (o caso entre a Eritreia e a Etiópia), ao secessionismo, em contestação das fronteiras herdadas da colonização (a actual questão entre o Senegal e a Casamance), ao agravamento dos conflitos internacionais com o fim da guerra fria e aos processos de democratização e da morte dos Estados tradicionais. Esses conflitos são, geralmente, orquestrados por grupos que se sentem lesados nos seus direitos em nome da sua identidade étnica (o caso do conflito no Rwanda e no Burundi, entre hutu e tutsi). A isto se soma a nova regionalização de crises e conflitos com maior índice de desestabilização regional (como foi o caso da "Ecomog", na Serra Leoa ou na Guiné-Bissau).

O resultado desses conflitos é evidente: destruição, até à raiz, das infra-estruturas; depauperamento do país e do povo; deslocados e refugiados em massa, vivendo no total esquecimento e abandono dos respectivos governos ou da comunidade internacional; super população dos centros urbanos (com tudo o que implica a nível social, sanitário e organizativo); surto de desconfianças e ressentimentos entre indivíduos, famílias ou grupos étnicos.

---

[14] Cf. R. BOSIO - R. MORO, Pagare con la vita, 38.

[15] Cinicamente, nesses últimos anos, viu-se o desenvolvimento das chamadas "healing process". «Ao lado do exército dos "humanitários" empenhados nos serviços de urgência junto dos deslocados, dos reagrupados, dos refugiados, dos mortos e dos sobreviventes, se acotovelam organizações cada vez mais especializadas nas técnicas de "resolução de conflitos", de "mediação", de "acompanhamento" dos traumatismos de guerra"... Todos esses organismos humanitários dão uma terapia humanitária aos problemas basicamente políticos» (E. NTAKARUTIMANA, «Les chrétiens d'Afrique», 316.

[16] E. NTAKARUTIMANA, «Les chrétiens d'Afriquc», 313.

A mais grave das consequências dos conflitos em África

Mas, certamente, a mais grave das consequências dos conflitos bélicos em África, são as alianças comprometedoras (muitas vezes a longo prazo ou sem prazo!) com potências ocidentais, com companhias multinacionais implicadas no comércio do petróleo, do diamante, do ouro ou de outros metais preciosos, para cobrir as pesadas despesas de guerra, sobretudo da compra de armas. Tais alianças hipotecam muitos países africanos por tempo indeterminado: vende-se um país e o seu povo!

2.4. O esvaziamento político e sócio-cultural da África

Estruturas estatais incapazes

A mundialização ou globalização confirma e consagra a falência dos estados africanos pós-coloniais. A visão política do Continente funda-se essencialmente sobre estruturas estatais incapazes de organizar os nossos países e de lhes abrir horizontes melhores[17]. Em relação aos chefes políticos, a globalização prefere, já não a figura do chefe tradicional, mas a dos políticos tecnocratas, interessados no comércio e no investimento, dos realistas que preferem tratar directamente com os Estados Unidos da América e não com a ONU, para resolver os conflitos, desenvolver os programas económicos, etc., ou então, os impassíveis indiferentes às críticas das organizações para a promoção dos direitos humanos.

Esses são os chamados, pelos média ocidentais, de «homens fortes». Este termo, interessantemente, nunca é aplicado aos dirigentes ocidentais. Parte-se, portanto, do princípio de que a força é que deve ser o fundamento da legitimidade do poder para a África, desestabilizando e negando-lhe todas as bases habituais do poder, quer do tipo tradicional, quer instituído em regime democrático. O seu sistema governativo funciona num sentido de «minorias-chave» organizadas à volta de grupos étnicos minoritários[18].

A nível sócio-cultural o novo sistema económico mundial trabalha, de forma muito agressiva, sobre o inconsciente, usando meios potentes apropriados. Introduzem "novos valores", considerados, muitas vezes, como contra-valores nas sociedades tradicionais, impondo padrões familiares e sociais que estejam em configuração com o modelo dominante a nível mundial, moldando-se uma sociedade que corresponda ao paradigma capaz de servir os interesses internacionais do capitalismo.

O domínio do mundo e o controle da pessoa

A nova ordem económica global é acompanhada de urna argumentação de encantamento, escondendo, porém, objectivos e intenções inconfessadas, entre as quais está o domínio do mundo e o controle da pessoa humana. Assim, quando fala do planeamento familiar, a intenção é ter na mão o controlo da população africana, que diz ser demasiada (por isso, a família institucional e tradicional é tida como o primeiro inimigo a destruir!); ao mesmo tempo que parece exaltar a liberdade, quer transformá-la num movimento autoritário que não admite resistências; defende o valor da família, mas alterando profundamente o seu significado; pede a colaboração das religiões, procurando, contudo, esvaziar-lhes o sentido e o conteúdo[19] e

[17] P. POUCOUTA, «Afrique», 43.

[18] E. NTAKARUTIMANA, «Les chrétiens d'Afrique», 315.

[19] Cf. R. CASCIOLI, Il complotto deniogrqfico, 196-197.

criando-se uma "nova religião", totalmente destituída de quaisquer regras morais.

Essa tem como princípio fundamental o individualismo levado ao extremo: a pessoa humana é senhora absoluta do seu próprio destino pelo que deve ter à disposição todos os meios (sem limites de nenhum género) para poder decidir livremente sobre a própria vida[20].

Nesta linha, a pobreza económica vem a ser vista e tratada como uma vergonha e um flagelo. Assim, a corrida ao enriquecimento tornou-se, não só um objectivo desejável para a economia, mas também um fim moralmente justificado.

3. Esperar contra toda a esperança

Um Continente de esperança

Depois desta pintura, a negro, que acabo de fazer sobre o continente negro podíamos perguntar-nos se vale a pena ainda falar de África como um continente de esperança para a Igreja e para o mundo. A minha resposta é: "a esperança é a última coisa a morrer", depois de todos mortos, obviamente.

3.1. Capacidades económicas da África

A África continua a ser a grande reserva mundial, quer em valores humanos, quer em recursos naturais. Esses últimos resumem-se sobretudo nas que se encontram no seu subsolo, tais como o petróleo, o diamante, o ouro, o nióbio, o zinco, o cobre, o urânio, o estanho, o níquel e outros metais estratégicos para a conquista do espaço. Isto, se não quisermos falar das potencialidades agro-pecuárias de que a África é dotada.

3.2. Valores humanos africanos

3.2.1. O conceito da pessoa

A pessoa, espaço e momento de encontro

Em relação aos valores humanos, a África tem a oferecer ao mundo o seu irrenunciável apreço pela vida e o conceito da pessoa humana. Para a concepção africana, a pessoa é uma realidade muito complexa. É, ao mesmo tempo, o espaço e o momento de encontro de todas as ondas da vida disseminadas no Universo. É o momento em que o cosmos se torna vida e pessoa. Todo o universo material é espécie de prolongamento, ao infinito, da sua dimensão cósmica. Na pessoa humana está a totalidade do tempo como gérmen da história.

Na mesma concepção africana da pessoa humana, esta é considerada como o traço de união entre os antepassados e as gerações futuras. Ela põe em movimento o ritmo dos tempos e das estações; ela faz a chuva; implora a lua e o sol; possui o raio, o vento, a trovoada. O homem empresta a sua alma aos animais dos campos e aos seres inanimados. É a germinação da vida no caos da matéria.

Mas o homem africano não dá apenas espírito à matéria. Também trás em si a humanidade inteira. Ele é homem e mulher; é pai-mãe-filho; é sociedades, é povo. Ele é, assim, o animal religioso por excelência

[20] A. LUKAMBA, A globalização, 78.

porque leva consigo e em si a força de toda a criação diante do seu Criador e sente-se responsabilizado por essa. Ele faz de cada "gesto" humano não algo isolado, mas situado na imensa rede de tudo o que existe[21].

Em síntese, devo dizer que o homem africano define-se a si mesmo como um projecto dinâmico, destinado a viver simultaneamente uma dimensão cósmica e uma antropológica. Pela dimensão cósmica, a pessoa humana vive em comunhão com a criação na sua totalidade; pela dimensão antropológica, ela vive em comunidade, num esforço constante para vencer a morte. As culturas africanas não conhecem senão a totalidade da pessoa humana, inclusive naquilo que ela faz como 'prolongamento' da sua própria vida: o trabalho[22].

3.2.2. O valor da vida para o africano

Viver é dar a vida

A vida é o valor supremo, o dom por excelência de Deus, e pelo qual o africano sente a obrigação de o transmitir. Viver, para o africano, é dar a vida. Uma vida sem progenitura é uma catástrofe, não só para o indivíduo, mas sobretudo para a comunidade. A solidariedade e a aliança, mais do que potentes organizações e rigorosas planificações, são, para os africanos, os primeiros e mais consistentes meios de sobrevivência.

3.2.3. A religião, o mundo e o divino

Deus, Autor da Vida e Protector providente da história

Na linha do que vimos dizendo, a religião acaba por ser, para o africano, uma maneira de viver, de conceber o mundo e de entrar em relação com os homens, com a natureza e com o Além (Deus, os Antepassados, os Espíritos). Se é verdade que as relações com Deus não são as mais prioritárias, dando, antes, precedência aos Antepassados, esses intermediários que nos conheceram e que continuam a militar ao nosso lado para o triunfo da Vida, Deus continua a ser o autor da vida, o protector providente da história.

Todo o universo é o lugar da irrupção do Além ou do divino. A transformação do mundo faz-se como uma liturgia e não como uma dominação. Ela é uma das formas de entrar em comunhão com ele, na harmonia e no respeito dos seres animados e inanimados, na pesquisa de tudo o que faz viver e na rejeição de tudo o que está aliado à morte.

3.2.4. A importância da hospitalidade, para o africano

Acolhimento alegre do outro

Finalmente, a África negra prima pela sua hospitalidade, isto é, pelo acolhimento alegre do outro, diferente de nós. E o africano fá-lo, sem condições e gratuitamente. Deixa a sua casa à disposição das visitas bem como todo o material necessário para cozinhar (inclusive produtos alimentícios) sobretudo quando chegam em grupo. Acolher bem é uma maneira de dispor a nosso favor a hierarquia do universo e prevenir-nos contra os possíveis maus desígnios dos hóspedes[23].

---

[21] E. MVENG, «Essai d'Anthropologie Négro-africaine», 94-95.

[22] A. LUKAMBA, Nova, *a etapa missionária*, 47-48.

[23] F. KABASELE, «Les culturas africaines», 206.

4. A Inculturação: resposta de fundo aos vários desafios em África

Do que acabei de destacar, no parágrafo anterior, se pode ver que não há só nuvens escuras e temporais em África. A esperança está lá. A cultura africana tem sólidos fundamentos para se constituir como base de desenvolvimento espiritual, humano e económico.

4. 1. O papel da Igreja na transformação do caos em esperança

Um novo modelo

A Igreja, mais do que nunca, é chamada a exercer um papel único, diferente do programado pelas super-potências. O problema está em que diante da nova situação sócio-político-económica ela, às vezes, nem sempre se sente preparada. Por isso, vê-se, de quando em vez, embaraçada e impotente, frente aos casos-limite para os quais seria precisa uma nova reflexão e novas estruturas, em vez de cair na tentação de dar respostas arcaicas, a situações completamente novas.

A fase actual da globalização, quer a nível económico e político, quer a nível simbólico e espiritual, implica a procura de um novo modelo que ponha em funcionamento uma ética de conjunto aceitável. Esta significa a revisão do modo com o qual se forma, se acumula e se distribui o capital, da compreensão da propriedade privada, do trabalho, do consumo e da organização das taxas, dos seguros e dos outros sistemas de segurança social. Aqui, a Igreja pode despertar a consciência do homem africano para esta questão.

4.1.1. Responsabilizar o africano para o presente e para a sua cultura.

É preciso recriar uma ética de responsabilidade para o presente e para o futuro da comunidade humana. Tal implica um grande trabalho sobre a cultura africana para perceber a lógica da orientação actual do mercado. A cultura africana deve tornar a ser uma força histórica para levar as diferentes formas sob as quais os homens e as mulheres deste tempo abordam a questão do sentido da existência pessoal e comunitária, o sentido da vida e da morte.

Para se associar ao movimento de uma correcção da visão do mundo, apresentado pela globalização, a África tem de ter capacidade de mobilizar energias criadoras para a procura de um novo paradigma enraizado nos sistemas de valores que lhe permitem reinventar-se sem se renegar[24].

4.1.2. Uma nova elaboração da teologia africana

Concepção africana de Deus e do mundo

É preciso uma rearticulação da visão do mundo que leve a teologia africana a uma responsabilidade renovada na sua contribuição para a criação do mundo de amanhã. Por isso, essa teologia africana tem de deixar de ser mimética (uma teologia de imitação) e entrar nas questões da religião africana que desafiam o africano. A inculturação não pode ficar reduzida a uma série de adaptações e de reformas que não se põem a questão do fundamento.

[24] E. NTAKARUTIMANA, «Les chrétiens d'Afrique», 317.

Muitas vezes o teólogo africano esgota-se em encontrar correspondências entre o catecismo escolástico e as tradições africanas. Nos seus trabalhos teológicos, a Bíblia, as formulações dogmáticas e as práticas cristãs que lhe foram incutidas na catequese caminham como que por inércia e constituem, sem qualquer esforço de as assumir e de reflectir sobre elas, o sustentáculo da sua fé. Ele encontra e arranca da Bíblia as noções de Deus único, de alma, de sacrifício, de pecado, etc., cujas correspondências procura identificar nas culturas africanas e tenta elaborar daí a sua teologia bíblica, mesmo extraídas do seu contexto.

Ora, tanto quanto se saiba, não existe uma teologia bíblica, mas tantas teologias quantos os autores inspirados. Os próprios Evangelhos apresentam diferenças de expressão e mesmo de perspectiva teológica. Essas não são apenas formas de adaptação às comunidades, às quais se endereçavam, mas são, sobretudo, a interpretação vivencial e cultural das comunidades dos respectivos evangelistas, acerca da vida, morte e ressurreição do Senhor.

A teologia africana terá de ter presente sempre a concepção africana de Deus e do mundo, esse mundo único onde vivos e mortos formam uma e mesma comunidade de intercâmbio e de partilha. Os mortos tornam-se preceptores e protectores dos vivos. Essa solidariedade forma a base da confiança do homem africano. A sua religião supõe uma Maternidade real que exclui os individualismos salvíficos e que seja capaz de fazer face aos males comuns, tais como as más colheitas, as epidemias, a pobreza, a esterilidade, a má sorte, a morte. Esta dimensão, existente igualmente na fé cristã, pode constituir um dos pontos de encontro entre a fé cristã e as religiões tradicionais e, portanto, base de elaboração de uma teologia africana dinâmica e útil para toda a Igreja.

4.1.3. Bases para uma inculturação autêntica

A Europa Cristã e a África

Mas para isso, é preciso que a Europa cristã e a África se aceitem mutuamente. Para a Europa cristã, isto significa aceitar a África tal como ela é, com os seus fundamentais princípios da relação humana, da comunidade, o seu sentido da natureza e o seu dinamismo da palavra. Do lado da África, é preciso, igualmente, que ela respeite a Europa, tal qual ela é, com as suas "frias" organizações, com o seu «cogito, ergo sum», com a sua absoluta confiança na tecnologia e com o seu agarrar-se aos direitos de propriedade e do indivíduo[25].

Para a inculturação, é muito pertinente para o missionário de hoje, ter dois exemplos do Novo Testamento, entre outros: o exemplo dos Actos dos Apóstolos e o da evangelização de Paulo. Para o grupo dos Actos dos Apóstolos, enviados a pregar a Boa Nova do Reino, só a mensagem de Jesus deve ser anunciada aos povos pagãos, sem quaisquer outros encargos, a não ser o estritamente necessário (cf Act 15,28). Para Paulo, todos os valores culturais que permitam dialogar com a fé devem ser assumidos. A grande abertura que tinha com os judeus e os gregos (1 Cor 9,20-22)

[25] F. KABASELE, «Les cultures africaines», 210.

nunca pôs em causa o anúncio de um só e único Evangelho (Gl 1,6-10), em toda a sua pureza. Foi esta abertura que lhe inspirou a feliz imagem da Igreja como corpo orgânico, composto de vários membros, cada um desempenhando a sua tarefa segundo aquilo que é (Rm 12,46), num espírito de mútuo respeito e complementariedade.

5. Conclusão

Caminho de encontro e do equilíbrio da humanidade

Aceitando-nos uns aos outros, cada um como é, o caminho do encontro e do equilíbrio da humanidade terá um único ritmo, através do respeito do outro, do despojamento dos complexos históricos, da atenção à presença de Deus na vida e na história de cada povo, da admiração diante desta mão de Deus que sempre nos precedeu no amor. Então, a África passaria a ser um continente, não só de esperança, mas sobretudo de Vida real e de alegria, para os africanos e para todos aqueles que, firmemente, acreditam na vida.

Referências Bibliográficas

BOSIO - MORO, R., *Pagare con la Vita. Lo Scandalo dell'Indebitamento dei Paesi Poveri*, Bologna, 2000.

CASCIOLI, R., Il Complotto Demografico. *Il Nuovo Colonialismo delle Grandi Potenze Economiche e delle Organizzazioni Umanitarie per Sottomettere i Poveri del Mondo*, Casale Monferrato (AL) 1996.

CIPOLLINI, A., «Per scoprire un'altra Africa», in AA.VV., *Africa di Speranza. Un nuovo volto della missione fra i contadini camerunesi*, ed. Centro «Redemptoris hominis» in Camerun, E.M.I., 1998, 7-14.

KABASELE, F., «Les cultures africaines et le christianisme: Peuvent-elles s'enrichir mutuellement? Si oui, à quelles conditions?», *SEDOS 32* (2000), 206-210.

LUKAMBA, A., *A globalização e os conflitos no Sul. O caso angolano*, Roma, 2001.

Nova Etapa Missionária em África. Redescobrir para Repropor, Santelmo, 1992.

MAGESA, L., «Les défis de la mission chrétiènne», *Spiritus* 160 (2000), 245-256.

MARTIRANI, G., *Il Drago e l'Agneello. Dal Mercato Globale alla Giustizia Universale*, Milano, 2001.

MVENG, E., «Essai d'Anthropologie Négro-africaine», *Présence Africaine* 46 (1963), 94-95.

POUCOUTA, P. «Afrique, quelles alternatives à la mondialisation?», *Spiritus* 166 (2002), 40-53.

NTAKARUTIMANA, E., «Les Chrétiens d'Afrique dans la tourmante de la mondialisation», *SEDOS* 33 (2001), 301-319.

RAHNEMA, M., «Povertà», in W. Sachs (ed.), *Dizionario dello Sviluppo*, Torino, 2000

*mesa redonda**

experiências de missão na américa latina

O P. Domingos Rocha, espiritano com larga experiência missionária na Amazónia (Tefé), abriu esta mesa redonda salientando a expectativa e o interesse de toda a assembleia nas experiências que os participantes iam partilhar acerca da sua vida e missão por terras da América Latina. Ficam aqui os seus testemunhos calorosos e entusiastas sobre a acção da Igreja no Brasil, no Chile e no Paraguai.

P. Jerónimo[1]:

Sou português, da sociedade missionária da Boa Nova. Estudei num seminário diocesano e depois mudei para o seminário das Missões porque queria ser missionário. Naquela altura tinha acontecido o Concílio e ao saber que estava nomeado para o Brasil, passei o ano de 1969 estudando Medellin, aquela grande conferência que os bispos latino-americanos tinham realizado.

Aterrei no Brasil no início de 1970 e a primeira grande descoberta foi a de ver uma pastoral de conjunto: uma Igreja toda inteira com algumas prioridades, alguns trabalhos comuns. Eu cheguei em Janeiro e já existia o material da campanha da fraternidade, que já naquele tempo se fazia em todo o Brasil. Afinal a Igreja também tem um trabalho de conjunto, não é só um trabalho de paróquias como se faz aqui, ainda hoje infelizmente.

A primeira grande descoberta foi a de ver uma pastoral de conjunto

Éramos uma equipa de três. A diocese tem um terço de Portugal e na altura tinha 40 padres. O bispo não nos deu nenhuma paróquia. Devíamos ajudar a organizar a pastoral de conjunto. Eu fiquei para a área rural. O bispo pedia que em cada capela, dado que não havia ainda comunidades, houvesse um ministro da eucaristia. Eu logo percebi que tal ministro da eucaristia não seria suficiente para fazer o trabalho de Igreja; então pensei

* Moderador: P. Domingos Rocha, espiritano. Participantes: P. Jerónimo Nunes, P. Luis Muñoz, P. Victor Oliveira e D. Sérgio Castriani. Transcrevemos aqui os contributos de todos os participantes nesta mesa redonda, mantendo o estilo oral que é próprio a cada um e a debates desta natureza.

[1] Superior geral dos Missionários da Boa Nova.

logo em formar antes uma equipa. Passei três anos percorrendo a diocese, rodando por aqueles 20 e tal mil quilómetros quadrados, de paróquia em paróquia, junto com o padre, descobrindo pessoas, formando-as para fazerem a celebração dominical, fazerem o culto dominical. Pouco a pouco fomos alargando também para fazerem a celebração bíblica. Mas ao fim de três anos de trabalho, descobrimos que a vida social das pessoas estava em contradição com a fé que celebravam. Era uma região que 20 anos antes ainda tinha mata, mas que agora estava a ser transformada em fazenda de carne. E o povo a ter de abandonar suas terras, a ir-se embora. Quando a diocese foi criada, em 1965, tinha 600 mil habitantes, mas dez anos depois só tinha 500 mil e foi perdendo população a uma média de 10 mil por ano. Tal diminuição deve-se à implantação de grandes fazendas para a criação de gado.

O evangelho dentro de um povo a ser expulso? Ver, julgar, agir.

Nesta situação perguntava-me: Como vou passar deste esquema de culto que a diocese quer montar para um esquema em que o Evangelho seja reflectido dentro desta vida dum povo a ser expulso? Aí, indicaram-me o ACR: Animação dos Cristãos no meio Rural, que corresponderia à nossa Acção Católica Rural. Comecei a participar no ACR. Tinha como método: ver, julgar e agir. Aí o sistema de referência já não era a capela, mas a vida, eram lavradores que reflectiam os seus problemas de vida, de trabalho, falta de saúde, falta de escola, à luz do Evangelho e se comprometiam com isso. Começámos pouco a pouco e fomos formando líderes que entretanto se tornaram bastante actuantes em poucos anos e que começaram a agir para transformar essas realidades.

Ao mesmo tempo, descobri que na diocese vizinha havia problemas muito maiores do que na nossa, porque havia lá um projecto de plantação de eucalipto. Comecei a sofrer cá por dentro. Estamos aqui, temos bons cristãos, mas os do lado estão piores do que nós. Como é que nós nos vamos comprometer? Pediram-nos ajuda. Afinal podemos fazer algo por outros que ainda estão a sofrer mais do que nós. Fomos lá ajudar. Por essa altura, em 1975, houve uma reunião de bispos da Amazónia que decidiram criar a Comissão da Pastoral da Terra – a CPT. É uma comissão que tenta interligar padres como eu, que estava no Nordeste de Minas, religiosos ou leigos que estavam a acompanhar os lavradores, a ajudá-los a crescer na consciência dos seus direitos e na defesa dos mesmos, tentar assessorar esses agentes de pastoral, para que saibam fazer esse trabalho e ser a voz dos sem voz. Naquele tempo estávamos na ditadura e mais ninguém podia falar a não ser a Igreja. Os trabalhadores não tinham nenhuma organização. Quando nos damos conta de que por todo o Brasil se está a fazer o mesmo trabalho, o ânimo fortalece. Continuámos a formar líderes no método ACR, mas ligando-os à Comissão da Pastoral da Terra. A novidade é que a Comissão da Pastoral da Terra pretendia deslocar padres, religiosos ou leigos para onde fosse necessário, onde houvesse os maiores problemas. Então criámos a Pastoral da Terra em Minas Gerais em 1976-77. Os maiores problemas, de facto não eram aí e fomos para outras áreas onde havia projectos de re-florestamento de eucaliptos, de criação de canaviais e muito boi a crescer por ali fora.

Ser a voz dos sem voz

Para mim era de facto uma dor de cabeça; os grandes problemas eram mais para o Norte, lia eu nos jornais. E na minha consciência cristã perguntava-me: afinal eu vim para o Brasil para ajudar os mais fracos, os mais pobres, salvar as pessoas, mas elas estão a morrer noutras zonas? Na América Latina o cap. 25 de S. Mateus foi muitas vezes lido. Benditos vós que vestis os nus...

O trabalho da pastoral da Terra é a Igreja a servir a organização dos lavradores, a defender os seus direitos, para eles próprios se poderem defender e lá onde eles mais sofrem.

O que a pastoral da Terra fez, no início, foi defender os posseiros. Naquele tempo o governo militar fez grandes projectos rurais: queriam ocupar a Amazónia e muitas outras áreas no Brasil. Então disse às empresas que se fossem para o Nordeste, ou Amazónia, podiam descontar 50 % do imposto de renda. Então compravam a terra com dinheiro do estado, dos impostos, e depois iam com pistolas expulsar os que estavam lá a morar. Esses posseiros não tinham títulos de posse da terra e por isso, eram assassinados ou presos. Houve muitos padres que se comprometeram com eles. Era uma luta pela defesa da terra. Conheci um lavrador que me disse que já tinha desbravado 25 posses. Derrubou a mata, plantou e depois de ter tudo preparado vem um fazendeiro e expulsou-o. E foi por diante... 25 vezes. Já estava velhinho, num pequeno barraco, numa terra de índios, sem terra. Isso foi uma luta em que a Igreja se pôs ao lado dos que não tinham ninguém por eles, tornou-se a voz dos que não tinham voz.

Uma luta em que a Igreja se pôs ao lado dos que não tinham ninguém por eles

Havia muita gente que era profissional em derrubar mata e plantar capim. Chamam-se os peões; é um trabalho feito com escravidão. Pegam num camião de gente e levam-na para dentro da mata. Quando lá chegam já não sabem onde estão, não sabem como voltar, nem têm meios para voltar, têm que trabalhar. Usam o sistema parecido ao dos seringueiros: recebem a comida, o preço é determinado pelo dono do barracão, que nunca paga. No fim são mandados embora, sem receber nada, sem salário. Esta luta contra a escravidão foi iniciada com D. Pedro Casaldáliga e depois foi- se estendendo ao Brasil todo. Nos últimos tempos em que estive no Brasil, fazíamos cada ano a contagem dos escravos descobertos, que conseguiam fugir. Eram entre 20 a 25 mil cada ano... Até para plantar horta ali perto de S. Paulo continuam a usar o mesmo sistema. Hoje utiliza-se aqui entre nós o mesmo esquema com os imigrantes na construção e na prostituição.

Que eu saiba conseguiram fechar duas casas de prostituição, aqui em Portugal, que funcionavam com o mesmo esquema de escravatura com mulheres brasileiras. Alguém as conseguiu tirar de lá.

Os deslocados das Barragens

Outro grande problema: os deslocados das Barragens. A barragem de Itaipu, por exemplo, deslocou 40 mil famílias. Viviam na beira do rio e, para a água poder subir, tinham que se retirar. Como eram gente forte, que tinha vindo do Sul, conseguiram juntar-se todos para reivindicar outra terra já que a água ocupara a sua.

A CPT no sentido de uma Comissão de Igreja móvel, capaz de ir ao lugar dos que mais necessitam, fez muito trabalho nesse sentido.

Os canavieiros: a luta por uma vida decente para os que vão para longe cortar cana: ter um barracão para dormir, um salário, uma comida que não seja feita num bidão de petróleo... Na Pastoral da terra foi um grande trabalho esse com os seringueiros no Acre e outros lugares .

Pelos anos 80 houve uma tribo indígena que expulsou lavradores que estavam na terra deles. Um governador deu-lhes o título da terra, embora a terra fosse dos índios. Mas em vez de se dispersarem, fizeram um acampamento na estrada, fora da terra. "Nós somos lavradores: temos direito à terra". Daí nasceu depois o movimento dos sem terra. É o movimento social mais forte, no Brasil, para contestar esse desenvolvimento que provoca cada vez mais gente com fome, cada vez mais desemprego.

O que é que isto tem a ver com Missão?

É uma das maneiras de realizar a parábola do bom pastor que se preocupa com as ovelhas que têm as pernas partidas. A CPT faz o trabalho com os lavradores e outras comissões trabalham com os índios e com as pessoas das periferias.

A Pastoral da Terra tenta construir uma Igreja com uma cara camponesa

Ao mesmo tempo que luta pelos direitos, a Pastoral da Terra tenta construir uma Igreja com uma cara camponesa. A cara da Igreja não é só a cara do bispo ou a cara dos estudantes nas universidades, mas existe uma maneira de viver cristão no campo, de celebrar, de ler a Bíblia... a partir da terra. Tivemos um teólogo, Marcelo Barros, que lia a Bíblia a partir dos problemas da terra e ajudou muito a Igreja. Depois, juntamente com outro, escreveu um livro sobre a Teologia da Terra. Tentar dar uma cara de camponês à Igreja.

Neste trabalho encontrava muitas vezes gente de outras Igrejas. Não queriam nenhum ecumenismo, mas juntavam-se todos perante os problemas. Para se defenderem do eucalipto, ou da cana, ou da barragem, estão todos juntos. Das surpresas que tive, recordo um dos líderes que era da Assembleia de Deus e usava a casa do bispo para telefonar; chegámos até a rezar juntos; e isso foi acontecendo cada vez mais. E a Igreja Luterana até pertencia à direcção da PT.

Ecologia e Missão

Em Portugal uma coisa que dá pena é que a ecologia é só da Quercus. Nas nossas Igrejas onde é que a ecologia se liga com a fé em Deus, com a criação? É claro que trabalhando com os lavradores tivemos que entrar nessa espiritualidade da ecologia, do respeito à terra, respeito aos lagos, às águas. Foi uma descoberta muito importante para mim. E tenho pena que a Igreja aqui na Europa pense que a ecologia é uma questão da Amazónia e dos esquerdistas que incomodam o nosso desenvolvimento. Ecologia tem a ver com a Missão, a Igreja e o serviço aos mais pobres. O nosso objectivo não era construir igrejas. A Igreja do Brasil fez isso durante séculos, construir capelas, no meio rural e o padre ia lá de vez em quando. Isso foi invertido: a Igreja está no campo para servir os mais pobres, para acompanhá-los, para desenvolver a sua cabeça, para os ajudar a pensar cristãmente, mas na luta por uma vida própria.

Neste trabalho com os índios e os lavradores, a Igreja do Brasil tornou-se uma luz para toda a sociedade. Na ditadura, só a Igreja é que falava em nome dessas populações. Então os intelectuais, mesmo não sendo cristãos, começaram a interrogar-se: que Igreja é esta afinal que está aparecendo agora e que defende e está ao lado dos índios e dos lavradores?

Eu nunca estudei na universidade, mas por causa dessa minha experiência muitas vezes fui chamado para faculdades de comunicação, de direito, de psicologia porque queriam descobrir a novidade que existe no meio dos pobres. A Igreja foi essa intermediária entre esses meios e os pobres e penso que ela se tornou referência para a sociedade inteira e não só para os pobres.

P. Luís Munoz[2]:

O Chile tem uma longitude de 5 mil quilómetros, de Norte a Sul, banhados por mar, o oceano Pacífico. A população chilena é constituída por uns 14 ou 15 milhões de habitantes, dos quais 75 % são católicos. O país está dividido em 12 regiões mas as dioceses são 25. Eu próprio pertenço a uma prelazia no norte da capital, Santiago.

Por vezes fazem-se referências ao Chile, falando de um ex-presidente. E lamentavelmente muita gente identifica o Chile com Pinochet. Chileno=Pinochet, mas o Chile não é Pinochet, nem Pinochet é o Chile. Pinochet governou muitos anos o país, à sua maneira, é verdade. Durante a ditadura o país assistiu também a um certo desenvolvimento económico. Hoje o Chile é um país que está percorrendo um caminho notável dentro do mundo do desenvolvimento, está avançando notavelmente para um nível interessante que pode garantir um futuro melhor também para os 4 milhões de pobres que existem.

A partir do documento de Puebla da Assembleia dos bispos latino–americanos, queria concentrar-me em duas experiências pastorais nacionais que procuram concretizar esse documento como forma de comunhão e participação e em resposta ao desejo dos Bispos.

A primeira experiência tem a ver com a Catequese Familiar. Tenho a impressão de que o Chile foi pioneiro nesta Catequese Familiar. É uma experiência muito interessante. Depois desta catequese familiar, muita gente disse: "Eu entrei na Igreja pelo Baptismo mas descobri e fiquei na Igreja graças à Catequese Familiar". Há muitos católicos mas são menos os praticantes. Por isso a Catequese Familiar é uma grande e bonita experiência catequética e missionária, presente em todas as dioceses do Chile. Também o país, por estar detrás do maciço dos Andes, tem uma certa unidade, não há muita diferença de culturas, nalguns povos no sul.

Catequese Familiar é uma grande e bonita experiência catequética e missionária

Em que consiste, a Catequese familiar? Trata-se de formar a família, que é o núcleo da sociedade e da Igreja. Família bem constituída e bem formada é garantia de termos uma sociedade e uma Igreja melhores. Esta catequese familiar dura dois anos. Cada diocese forma preferentemente os pais, uma

[2] Padre diocesano do Chile estudando português para trabalhar em Angola.

vez que as mães são mais numerosas na vida da Igreja; pais-guias que vão catequizar durante dois anos os outros pais. São os pais que vão a receber a catequese. Esta catequese prepara para o sacramento da Eucaristia. É uma catequese kerigmática, com celebração; não é uma catequese muito jurídica e dogmática. Depois, são os próprios pais que transmitem, em cada lar, a catequese aos seus filhos. Ao sábado há as animadoras de celebração de crianças, que celebram com as crianças a doutrina e a fé que os pais lhes ensinaram em casa. É uma festa. É uma celebração e não uma aula formal de doutrina.

Terminados os dois anos, convidam-se os pais e os filhos a tomar um compromisso pastoral: no sentido de que os pais animem outros pais, seus amigos ou vizinhos, a participarem na catequese para os seus filhos; e as crianças animem outras crianças a fim de entusiasmarem os seus pais a participar também na catequese.

É uma catequese muito apostólica e muito missionária. Cada ano há muitos grupos de pais e de crianças que participam nesta catequese, nas paróquias. É uma experiência muito rica e muito valiosa.

Uma unidade eclesial de índole pastoral

Outra realidade que gostaria de partilhar convosco, brevemente, tem a ver com a experiência de unidade eclesial. Sinto que na Igreja, no Chile, há unidade eclesial com seus matizes, suas expressões próprias, mas existe uma unidade eclesial de índole pastoral. Tal unidade deve-se, em meu entender, ao grande trabalho de planeamento e coordenação pastoral. Há um centro na capital, em Santiago, que forma os religiosos, sacerdotes e leigos, para que possam ajudar a planear o trabalho nas dioceses e depois tranferi-lo para as paróquias. Também sinto que este trabalho de planeamento e coordenação pastoral ajuda muito à formação dos leigos; e hoje ajuda muito os sacerdotes e os bispos. Já não é o sacerdote que tem de fazer tudo. São os leigos que animam a catequese, a liturgia da Palavra. Estive de pároco durante 20 anos, numa paróquia muito dispersa pelos montes, com 35 pequenas capelas, pequenas comunidades cristãs. Em cada capela de campo ia uma vez por mês celebrar a missa; mas, graças aos leigos, há em muitas comunidades catequese e animação da liturgia ao domingo. São os leigos que celebram as suas novenas, as suas festas e creio que isto foi possível devido a este planeamento e coordenação pastoral.

E termino mencionando uma experiência da minha região natal, na zona semi-deserta do Chile. É uma zona onde existe muita religiosidade popular com festas religiosas cuja origem remonta há 100, 200 ou 300 anos. Festas religiosas em honra da Virgem Maria, em honra do Senhor Jesus e também, embora menos, em honra de Santo António de Pádua/Lisboa e outros santos. Existem ainda festas religiosas que surgiram à margem da Igreja oficial, há muito tempo. Inclusivamente em muitas dessas festas não se permitia a presença do sacerdote. Porque o padre levava a sua teologia, a sua liturgia e muitas vezes chegava e arrasava as expressões culturais e cultuais próprias. Eu fui a uma paróquia e disseram-me que não era preciso ficar para uma festa. Disse que ficava só para ver, e pude ficar. Foi assim, pouco a pouco, que fui aprendendo muito deles. O meu melhor seminário foi a gente, a paróquia...

A hierarquia da Igreja deu orientações de como evangelizar estas festas populares sem tirar o que é próprio deles, a sua própria teologia, que homens "incultos", com baixa escolaridade, cantam ao criar versos à Virgem ou a algum santo. Trata-se de uma teologia popular de homens que nunca foram ao catecismo e que vão prestando homenagem ao Senhor, à Virgem ou a qualquer outro santo. Eu atrevia-me a dizer que fazem uma teologia popular sem heresias e exprimem uma devoção e uma verdade muito formosas. Por aí se nota também como Deus está presente nesta gente, neste povo crente e também, muitas vezes, não crente.

O meu melhor seminário foi a gente, a paróquia...

P. Vitor Oliveira[3]:

Aos 11 anos de idade entrei para o seminário de Godim com a ideia de ir para Africa, para Angola. Mas fui parar ao Paraguai onde estou há já 24 anos.

Vou falar, então, da minha experiência missionária no Paraguai: Estou num grupo de 16 espiritanos, provenientes de 12 nacionalidades. Sou o único português e temos outros de: Suiça, França, Espanha, Nigéria, Gana, Canadá, México, Polónia, Brasil, Serra Leoa e Paraguai, claro.

A Missão espiritana no Paraguai começou por 1967, com a Província da Trindade. No ano de 1975 houve uma perseguição à Igreja, perseguição sobretudo à organização das comunidades de base, uma organização da qual o governo tinha um certo medo, o medo daquele tempo ao comunismo na América Latina. Nessa perseguição também foram atingidos os espiritanos aí presentes, tendo dois deles regressado ao seu país e outros dois dispersaram-se: um em Assunção e outro em Concepcion.

Em 1976 houve um pedido, a nível da Congregação, para enviar voluntários no sentido de formar uma equipa internacional. Convidaram-me e eu aceitei com muito gosto. Chegar ao Paraguai levantou para todos nós uma necessidade de inculturação. Fala-se espanhol, mas também se fala o guarani, língua bastante difícil. Numa primeira fase de inculturação, tive uma experiência muito engraçada: Cheguei a uma comunidade onde havia um certo conflito e um dirigente dizia: "não queremos aqui um padre estrangeiro, porque não entende nada do que nós dizemos". Eu estava a entender tudo o que estavam a dizer, mas foi uma experiência interessante para me dizer que podia ir embora porque não tinha nada a fazer.

Uma necessidade de inculturação

Tive a mesma experiência depois, já na paróquia, onde também numa reunião de dirigentes de comunidade, ouvi o mesmo dito: não queremos aqui padres estrangeiros, queremos padres paraguaios. A gente supera estas questões e segue para a frente; para frente é que é o caminho.

No princípio, o trabalho era com comunidades eclesiais de base, comunidades rurais que eram não só para o encontro das pessoas, dos vizinhos, mas também para a celebração do culto, celebração dominical, celebração da Palavra de Deus, catequese e, ao mesmo tempo, para

[3] Missionário espiritano a trabalhar no Paraguai desde 1978; foi responsável pelas Obras Missionárias Pontificias do país. Actual superior principal dos Espiritanos.

Trabalhar na formação de dirigentes, líderes de comunidades

desenvolver programas de promoção humana, como cursos de corte e costura para as mulheres, cuidados de saúde, primeiros socorros, pastoral da terra, etc. O nosso trabalho era sobretudo de acompanhar estas comunidades e trabalhar na formação de dirigentes, líderes de comunidades. Era um trabalho interessante, mas muito exigente, sobretudo no esforço necessário a nível da língua guarani.

Depois de 14 anos numa paróquia rural, fiquei como "chefe" na diocese, o que me deu a oportunidade de conhecer melhor toda a diocese e de saber as dores de cabeça que têm os bispos. Não sei se era por ser o mais inútil ou mais ignorante, mas quando o bispo foi nomeado para outra diocese, escolheram-me para administrador da diocese.

Mais tarde, fui para outra paróquia onde a experiência foi diferente devido à situação de conflito que se vivia nessa paróquia; porque no ano de 1999 houve um golpe de estado com abertura à democracia e abertura a muitos movimentos, foram muitos os movimentos esquerdistas que se infiltraram no meio rural. Então formaram-se grupos de camponeses em conflito não só com os patrões mas também até com a própria Igreja, porque tal ideologia pregava o ateísmo, a revolta e o abandono da Igreja. O mais triste foi ver que dirigentes, que considerávamos muito boa gente, "mudaram de casaca", abandonaram a Igreja para seguir esses movimentos, tornando-se, inclusivamente, anti-eclesiais. Esse ambiente de conflito foi muito duro, mas deu-me a oportunidade de conhecer outros ambientes e não apenas o ambiente em que havia um respeito muito grande pelo padre e pelo missionário. Conheci também uns grupos, uns povoados, onde não podia celebrar, nem pregar, nem fazer nada; mas aproveitava sempre para cumprimentar o pessoal que via pelo caminho.

Uma outra experiência: Fui a um povoado socialista: a princípio podia celebrar a missa, podia reunir as pessoas. Mais tarde, mandaram-me um moço a dizer que era ele o responsável para coordenar com a paróquia as visitas do padre a essa comunidade. Enfim, foi para me dizer que não pusesse mais lá os pés!

Depois passei a outra fase na minha experiência missionária: Estou na Capital ocupando-me das Obras Missionárias Pontifícias. Antes da nomeação já tinha dito que não queria. Mesmo assim, fui chamado à Nunciatura e mostraram-me o decreto assinado pelo Cardeal Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos a nomear-me Director Nacional das Obras Missionárias Pontifícias. É que, realmente, não sabia o que eram as OMP; depois, entrando no ambiente, até descobri que é algo muito importante na vida da Igreja: ajudar as Igrejas locais a abrir-se para a dimensão missionária "ad gentes". É algo difícil de descobrir, porque se associa muito as OMP à colecta do Dia Mundial das Missões e a dinheiro. Mas, na verdade, não é só juntar dinheiro. É fazer animação missionária nas Igrejas locais.

Ajudar as igrejas locais a abrir-se para a dimensão missionária "ad gentes"

Um conselheiro geral espiritano perguntou-me, um dia, se isso seria realmente trabalho da Congregação. Penso que o é, na medida em que é um esforço de animação missionária da Igreja local. Toda a Igreja, todos os

cristãos somos ou devemos ser missionários, devemos empenhar-nos na missão e actuar em favor da evangelização de todos os povos, porque o mandato do Senhor de ir a todos os povos não é só para os missionários profissionais, mas para todos os baptizados.

Questões:

1. Há alguns anos atrás, falava-se de uma emigração do interior para as cidades. Qual é a situação actual desse fenómeno e que repercussões tem na acção pastoral da Igreja, nomeadamente na prelazia de Téfé?

D. Sérgio[4]:

O processo de urbanização na Amazónia é violento

O processo de urbanização na Amazónia, como aqui, é violento. Há um esvaziamento do interior. A paróquia de Juruá, por exemplo, tem 1000 pessoas vivendo no interior. São 30 horas de viagem para atingir essas pessoas. Há um esvaziamento muito grande. As cidades incham. Manaus tem quase dois milhões de habitantes. Falando do Estado do Amazonas, há bairros de 50–60 mil habitantes que são áreas missionárias onde não há nenhuma presença de Igreja Católica. É a situação dramática das cidades do Amazonas: Belém e Manaus. São cidades que incham porque as pessoas vão para lá por falta de perspectivas no interior. É um processo de urbanização violento ao qual é necessário dar atenção.

A Igreja de Manaus, por exemplo, com dois milhões de habitantes, tem 30 padres diocesanos e outros tantos religiosos. É uma situação de emergência. No nosso caso, Téfé, é preciso dar atenção à cidade. Quando falamos de comunidade de interior, é um termo genérico. Há comunidades que são pequenas vilas de 1000 e tal pessoas e outras que são uma família: 3 casas no meio da mata. É necessário atender essas comunidades conforme a realidade que elas têm. Mas continua a necessidade da visita pastoral, da formação dos catequistas. Não importa se tem muita ou pouca gente. E a atenção às cidades é importantíssima. Na cidade de Téfé temos 14 bairros e todas as cidades aumentam, duplicam de população. A necessidade de atendimento nas cidades é importante. Por outro lado, também é necessário visitar o pessoal do interior. É a nossa responsabilidade pastoral de continuar a visitar as pessoas.

É a nossa responsabilidade pastoral de continuar a visitar as pessoas

Os projectos de reserva de desenvolvimento sustentado são a resposta à qual a CPT (Comissão de Pastoral da Terra) está particularmente atenta. A CPT do Amazonas tem hoje duas grandes linhas de actuação: a formação de reservas, onde associações de moradores dirigem a reserva e cuidam da qualidade de vida das comunidades; e também a questão do gasoduto que sai do meio do Amazonas com gás explorado e todas as suas consequências. O processo de urbanização é violento e desestrutura completamente aquilo que pretendemos fazer. É na verdade o grande desafio a que a gente tem de responder.

[4] Bispo de Tefé - Amazónia (Brasil).

2. Que impacto tem a situação económica difícil da Argentina no Paraguai?

P. Victor: A crise argentina tem uma influência muito grande no Paraguai. Sabem que o Paraguai tem 5 milhões de habitantes e desses, cerca de um milhão vive e trabalha na Argentina. Com esta crise muitos querem voltar para o Paraguai porque não recebem o seu salário e na sua terra, pelo menos, terão mandioca para comer. Por outro lado, a crise económica no Paraguai é muito séria desde há vários anos. Os produtos agrícolas não são rentáveis. A crise financeira é grande, vários bancos fecharam, muito dinheiro saiu do país e instaurou-se uma corrupção inimaginável. Como exemplo, saibam que foram descobrir que o carro do Presidente da República foi roubado no Brasil. Já se pode imaginar onde chega a corrupção. Esta crise económica e financeira leva a uma situação de violência: todos os dias há notícias de roubos, assaltos, assassinatos. Enfim, muita gente tem medo e o povo está cada dia mais empobrecido e também nós mesmos sentimos as consequências na nossa vida. Na área rural onde trabalhamos, o povo não pode dar sequer para que possamos comer, muito menos para pagar os estudos dos nossos candidatos à vida religiosa, dos nossos noviços.

Esta crise económica e financeira leva a uma situação de violência

Esta situação afecta toda a Igreja. Há dioceses no Paraguai que, se fossem a pagar a dívida que têm no seminário maior, teriam que empenhar as catedrais, as casas dos bispos, etc. E isto porque os candidatos à vida sacerdotal e religiosa são filhos e filhas de gente pobre que não pode pagar nada pelos estudos. Então, são as dioceses ou as congregações que assumem todos os gastos. Já podem imaginar o que acontece... As organizações que antes ajudavam as Igrejas, hoje não o fazem. Preferem apoiar projectos de desenvolvimento dos povos. Aquilo que é vida religiosa ou vida cristã não entra nas categorias da sua ajuda.

As organizações que antes ajudavam as Igrejas, hoje não o fazem

3. Qual é o panorama vocacional nas Igrejas onde trabalham?

D. Sérgio Castrianni: Na última estatística do clero brasileiro nota-se que há um crescimento do clero diocesano e brasileiro. Do total, cerca de 70% são brasileiros. Há dioceses que têm à volta de 60 seminaristas maiores e que, há 10 anos atrás, não tinham nada. Este crescimento vocacional não é generalizado a todas as dioceses e regiões. As dioceses do Sul vão tendo vocações. A do Rio de Janeiro ordenou 18 padres recentemente, mas as dioceses do Amazonas têm muito menos vocações. A arquidiocese de Manaus, por exemplo, só tem dois seminaristas maiores.

A nível de vocações religiosas, masculinas e femininas, o crescimento não é tão notório. No entanto, a consciência e a pastoral vocacional têm aumentado. O ano que vem vai ser de novo um ano vocacional. A partir de 1983 houve um grande movimento vocacional. É bom o caminho para onde se está a ir. A grande dificuldade é depois a falta de formadores e a qualidade da formação nos seminários.

É bom o caminho para onde se está a ir

P. Victor: No Paraguai. Somos um país muito mais pequeno que o Brasil mas os seminários diocesanos intermédios estão cheios. O seminário maior nacional também está cheio. Há um entusiasmo muito grande, muitas vocações. O problema é o acompanhamento e a formação, porque não perseveram e até jovens sacerdotes desistem. Para as congregações religiosas, se há bom acompanhamento pessoal do formador, tudo bem. Mas é um grande problema a falta de formadores, de gente que tenha capacidade e paciência para ser formador, para além do problema económico de que já falei.

Há um entusiasmo muito grande, muitas vocações. O problema é o acompanhamento e a formação

Para combater a dificuldade económica, há dioceses que estão buscando novas maneiras de formar os futuros sacerdotes, com novos projectos.

P. Jerónimo: Nos anos 80, os bispos brasileiros fizeram um dos mais belos documentos da Igreja sobre formação. No final, depois de anos de trabalho, houve um voto contra, foi o voto de D. Moacyr. Confessou ele que o documento estava muito bom, mas não para os jovens do Acre. Por esse método não vou ter nenhum padre na minha diocese.

De facto as vocações sacerdotais aumentam no Brasil. Quando eu estive no secretariado nacional da CPT, no início dos anos 90, tínhamos uma reunião mensal com todas as comissões pastorais. E o Centro de Estatística Religiosa dizia-nos que os seminaristas aumentavam 20% cada ano. Mas isto não era igual em todo o Brasil.

Os seminários aumentavam 20% cada ano

A Igreja do Brasil tem um dinamismo missionário bastante grande, mas até agora é mais um dinamismo interno: para as cidades, para as periferias, para os índios. Para a missão "ad gentes", quem fez o melhor trabalho de formação foi a Conferência dos Religiosos. Por isso quem está a sair mais são os religiosos. Penso que ainda não encontrámos motivações para a juventude sair de lá e ir colaborar na evangelização noutros países. Há muitos seminaristas que buscam os institutos missionários, mas quando descobrem que é "ad gentes" ou que têm de fazer os estudos teológicos fora, desanimam. É uma urgência chegar com essa mensagem à juventude brasileira, porque a perseverança é muito pouca quando se trata de sair do seu país, para colaborar com outras Igrejas.

Fazendo propaganda da Catequese Familiar, sei que um colega que está no Brasil, em Santa Catarina, traduziu todos os livros para português. É um método óptimo de evangelização

P. Luís: Há 30 anos atrás, quando fiz a minha formação, só havia dois seminários maiores para todo o país. Neste momento deve haver 6 ou 7 seminários diocesanos, o que pode mostrar um surgir das vocações sacerdotais.

Na Igreja chilena, cada 5 anos faz-se um documento com orientações pastorais como marco teórico, teológico, e também prático; desde há uns anos a esta parte os bispos colacam a pastoral vocacional junto da pastoral das crianças e dos jovens. Estas orientações pastorais que os bispos nos entregam têm uma constante: a constante vocacional. Quando falamos de catequese familiar, implicitamente e também de forma explícita,

Pastoral vocacional junto da pastoral das crianças e dos jovens

Há uma Pastoral Vocacional Nacional

pretendemos que essa catequese conduza os pais e as crianças a interrogarem-se sobre o chamamento não só ao compromisso laical, mas também sobre a possibilidade de um chamamento à vida sacerdotal e religiosa. No Chile também há uma Pastoral Vocacional Nacional e há dioceses que a assumem melhor que outras. O crescimento vocacional deve-se, no meu entender, a esta pastoral Vocacional conjunta com a pastoral das crianças e dos jovens; e, no fundo, porque todo o trabalho pastoral da nossa Igreja tende a isso: a que seja uma pastoral missionária e vocacional, apontando, em concreto, para a vocação à vida consagrada.

documentos

Foram vários os intervenientes neste colóquio que mencionaram a acção da Comissão Pastoral da Terra (CPT) na Igreja e sociedade do Brasil. Fazendo jus ao papel preponderante que esta Comissão tem desenvolvido em favor dos pobres, deixamos aqui dois pequenos documentos que dizem respeito, um, à Missão da CPT e, outro à mensagem final do I Congresso da CPT.

1. Missão da CPT

Texto elaborado pelos Agentes com mais de dez anos de CPT, em Novembro de 1998 e revisto e aprovado pelo I Congresso da CPT, realizado em Bom Jesus da Lapa de 28/05 a 01/06/01:

Convocada pela memória subversiva do evangelho da vida e da esperança, fiel ao Deus dos pobres, à terra de Deus e aos pobres da terra, ouvindo o clamor que vem dos campos e florestas, seguindo a prática de Jesus, a Comissão Pastoral da Terra quer ser uma presença solidária, profética, ecuménica, fraterna e afectiva, que presta um serviço educativo e transformador junto aos povos da terra e das águas, para estimular e reforçar seu protagonismo.

A Comissão Pastoral da Terra quer ser uma presença solidária, profética, ecuménica, fraterna e afectiva

A CPT reafirma seu carácter pastoral e retoma, com novo vigor, o trabalho de base junto aos povos da terra e das águas, como convivência, promoção, apoio, acompanhamento e assessoria:

1. Nos seus processos colectivos:
- de conquista dos direitos e da terra, de resistência na terra,
- de produção sustentável (familiar, ecológica, apropriada às diversidades regionais);

2. Nos seus processos de formação integral e permanente:
- a partir das experiências e no esforço de sistematizá-las;
- com forte acento nas motivações e valores, na mística e espiritualidade;

3. Na divulgação de suas vitórias e no combate das injustiças:
- sempre contribuindo para articular as iniciativas dos povos da terra e das águas;
- e buscando envolver toda a comunidade cristã e a sociedade, na luta pela terra e na terra;
- no rumo da "terra sem males".

2. Carta da Lapa do Bom Jesus

Dos participantes do primeiro Congresso da Comissão Pastoral da Terra (CPT) aos trabalhadores e trabalhadoras rurais, às igrejas cristãs, à opinião pública em geral.

Nossa saudação fraternal chega até vocês de Bom Jesus da Lapa, sertão da Bahia, onde nos encontramos, de 28 de Maio a 1 de Junho de 2001, para realizar o I Congresso da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Somos 460 pessoas entre trabalhadores(as) rurais, agentes de pastoral, pastores, bispos, assessores e convidados.

Mergulhar nas raízes para renovar o compromisso e definir eixos de trabalho.

O reencontro dos animadores da CPT, vindos de todos os recantos do Brasil, com suas diferenças, mas com uma história comum feita de fé, sofrimento e esperança, teve o objectivo de renovar o compromisso e definir os eixos de acção da CPT diante das questões nacionais que afectam os trabalhadores e trabalhadoras do campo.

Viemos aqui, aos pés do Bom Jesus, acolhidos pelas águas tão ameaçadas do rio São Francisco e abrigados nas grutas da Lapa com seus milhões de anos. Neste santuário da fé, da natureza e da história ressoaram reanimadoras para nós, na noite de abertura, as palavras do Apocalipse: "Esta é a morada de Deus com os seres humanos... Ele enxugará todas as lágrimas... Agora faço novas todas as coisas... A quem tem sede darei de beber, de graça, da água da vida" (Ap 21, 3-6).

Neste tempo jubilar, a CPT vive a graça de seus 25 anos de presença e actuação junto aos pobres da terra e das águas. O momento nacional, carregado de angústias e esperanças, convoca a CPT a mergulhar ainda mais suas raízes na fé bíblica que aponta para os pobres de Deus e para o Deus dos pobres, os deserdados da terra que se levantam para conquistar os seus direitos e sua dignidade.

Nosso Congresso fez memória reverente, comprometida e esperançosa: esta é a raíz de nossa espiritualidade – a doação da vida por amor

"Novo céu e nova terra..."

Na caminhada de luta por "um novo céu, uma nova terra e uma nova água", muitos companheiros e companheiras tombaram pelas mãos criminosas do latifúndio, regando a terra com seu sangue, fazendo brotar frutos de justiça e solidariedade. Diante deles, nosso Congresso fez memória reverente, comprometida e esperançosa: esta é a raíz de nossa espiritualidade – a doação da vida por amor.

Entre os momentos mais significativos que vivemos nesses dias na Lapa do Bom Jesus, queremos partilhar com vocês os seguintes:

A CPT sentiu-se convocada pelos trabalhadores e trabalhadoras do campo, maioria neste Congresso, a identificar-se ainda mais corajosamente com os seus rostos e pés, suas mãos e olhares que anunciam, em todos os cantos do Brasil, suas urgências e profecias:

- a brutal desigualdade social, que se agrava no país enquanto o governo se submete aos grandes grupos do capital e às exigências do FMI e Banco Mundial;
- a crescente e inaceitável protecção ao latifúndio, garantida por medidas do Governo FHC, que governa de costas para o povo e nega o pagamento de uma das maiores dívidas sociais deste país: a distribuição da terra por meio da desapropriação para fins de reforma agrária;
- a hipocrisia do governo federal, que se omite e, ao mesmo tempo, se autopromove, através de medidas compensatórias, como Cédula da Terra, Banco da Terra, Crédito Fundiário, "terra pelo correio" e se torna insuportável quando reprime e criminaliza organizações dos trabalhadores e suas lideranças. E impede, de forma autoritária e inconstitucional, a desapropriação de áreas ocupadas, mesmo griladas, improdutivas e agressivamente imensas.

Sentimos também que o vento do Espírito convoca a CPT a se abrir para novas direcções e novas atitudes para continuar a favorecer o protagonismo dos pobres e a defesa da vida:

- A CPT assume o compromisso de apoiar e fortalecer as lutas para conquistar a terra, inclusive com as necessárias e legítimas ocupações, e apoiar e fortalecer as iniciativas que fazem da terra conquistada uma terra não somente de produção e de negócios, mas uma terra em que se proporciona alegria de viver, semente de um Brasil novo, casa comum de todos os humanos e seres vivos, sonho de Deus.
- A CPT assume a missão de defender, junto com a terra, a água, como constitutiva do ser humano, da vida como um todo e do meio ambiente. Dádiva divina, não se pode aceitar que seja reduzida a uma mercadoria e a um bem particular. Nenhum ser humano pode arrogar a si o poder de retirar ou negar esse bem essencial a qualquer semelhante ou a qualquer outro ser vivo.
- Nesse país desumanizado, em que se nega até a liberdade das pessoas para submetê-las à escravidão, a CPT assume o compromisso de apoiar todas as formas legítimas de resistência e de luta em favor do resgate e do reconhecimento dos direitos que garantem vida e cidadania a todos.
- Assume igualmente o apoio à luta pela mudança radical deste modelo neoliberal dominante, contribuindo para a construção de um projecto popular para o nosso país.

"Venhamos todos, cantemos um canto que nasce da terra".

O Congresso da CPT nos conclamou a renovar nossa missão, dando atenção aos apelos da Mãe Terra e da irmã Água, e aos direitos de seus filhos e filhas que, no corpo do Universo, gemem e clamam por uma nova criação liberta.

A renovar nossa missão, dando atenção aos apelos da Mãe Terra e da irmã Água

Venham para o lado dos pobres, o lado dos direitos, o lado da vida!" Esse grito foi como o sopro do Espírito

Portanto, gostaríamos de convocar nossas Igrejas e comunidades, nossos bispos, pastores, religiosos e religiosas e a todas as pessoas de boa vontade a ouvirem o forte apelo que se levantou neste Congresso: "Sejamos, todos, aliados! Venham para o lado dos pobres, o lado dos direitos, o lado da vida!" Esse grito foi como o sopro do Espírito que, na voz do Bom Jesus, presente nas mulheres e homens do campo, permanentemente nos interpela: "Estava com fome e me deste de comer, estava com sede e me deste de beber, estava nu e me vestiste" de terra, d'água, direitos, dignidade.

Recebam um grande abraço fraterno,
DOS e DAS PARTICIPANTES DO I CONGRESSO DA CPT

Bom Jesus da Lapa, Bahia, 1 de Junho de 2001.

exposição missionária:
alarga o espaço da tua tenda

No decorrer do Colóquio "A Missão num mundo incerto" teve lugar a inauguração da exposição missionária pelo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo. Nesse momento o P. António Moreira, Secretário executivo do secretariado do Ano Espiritano em Portugal, leu o texto que se segue e que serviu de referência programática à organização e disposição da exposição "alarga o espaço da tua tenda". A exposição esteve patente ao público até à celebração do cinquentenário do seminário da Torre da Aguilha em Novembro de 2002.

Do Profeta Isaías:
"É o Senhor quem o diz:
Alarga o espaço da tua tenda,
estende sem medo as lonas que te abrigam,
e estica as tuas cordas, fixa bem as tuas estacas,
porque vais aumentar por todos os lados" (54, 1b-3)

"Alarga o espaço da tua tenda" é o tema desta exposição missionária que procura fazer memória dos 300 anos de vida e de missão que a Congregação do Espírito Santo está a celebrar.

Desde 1703 até hoje, foram muitos os homens e mulheres que encontraram um espaço de acolhimento e de esperança na "tenda" que os Missionários Espiritanos foram construindo através da sua acção e presença no mundo. Pouco a pouco, esta tenda foi-se alargando. *Estendendo as lonas* desde a Europa até à África, passando pelas Américas, Oceânia e Ásia, foram homens de coragem, ousadia e zelo aqueles que levaram a mensagem do Evangelho a muitos povos e nações deste mundo que é a nossa casa, única tenda universal.

"Fixar bem as estacas" implica conhecer bem o terreno, em toda a sua profundidade, riqueza e dificuldades. A secção da exposição sobre a mulher africana procura mostrar como os missionários deram uma atenção

privilegiada ao conhecimento das culturas locais, particularmente na África; e vêem na mulher africana uma das "estacas" principais, senão mesmo a principal, para a edificação da "casa" africana onde todos encontram acolhimento e alimento que quase só ela providencia e gere. Apesar das dificuldades e ataques que sofre, a mulher africana é ainda a garantia de esperança que o canto e o batuque, de modo simbólico, fazem ecoar pelo continente dentro.

"*Esticar as cordas*" é recordar o fio do tempo pelo qual foram passando tantas vidas que se deram até ao fim para sustentar no coração dos povos o abrigo da esperança e a alegria da salvação. A secção da exposição missionária sobre a história da Congregação lança um olhar sobre estas vidas, que se foram gastando em vários países ao longo dos tempos, incidindo particularmente na presença e acção daqueles missionários espiritanos que partiram de Portugal.

Ao "*aumentar por todos os lados*", a tenda foi tomando novas formas e deixando entrar novos habitantes. Se os jovens e as crianças são os recém-chegados a quem é necessário dar mais atenção, também os refugiados e migrantes, assim como todos os que vivem nas margens da sociedade materialista, necessitam de um espaço mais acolhedor que a sua pobre barraca. Uma secção da exposição quer também ser expressão deste espaço a que a Missão Espiritana não tem estado alheia, tanto em Portugal como noutros países.

O espaço no qual se insere a tenda é pertença de todos e foi criado para a todos servir. A natureza e os seus benefícios devem poder entrar na habitação de toda e qualquer pessoa e ser preservados para a humanidade de amanhã. A exposição Missionária tem um espaço ao ar livre onde se quer dar voz e vez aos povos da América Latina cuja vida e sobrevivência depende grandemente da defesa do meio ambiente.

A última secção da exposição, na capela do Seminário, vem-nos alertar para a necessidade de alargar o espaço da nossa "tenda" interior como recanto privilegiado onde a Missão nasce e jorra como nascente de água viva. É no encontro silencioso com Deus, que é Pai de todas e todos, que o Diálogo entre povos e religiões se torna Missão. Fora do Diálogo não há salvação porque o próprio Verbo, a Palavra, se fez homem... e acampou entre nós! (Jo 1, 14).

Secretariado do Ano Espiritano

Cinquentenário da Torre da Aguilha

o seminário da torre da aguilha
50 anos de história ao serviço da missão

O nome com que se baptizou o novo seminário foi "Instituto Superior Missionário do Espírito Santo" pois o pensamento original foi fazer dele não apenas um seminário de Teologia, mas também um grande centro de cultura missionária e ultramarina. Ao longo destes 50 anos, a história do seminário passou por várias fases. Construído e mantendo a formação dos alunos de Teologia como prioridade, (excepção feita a um interregno de 1975 a 1996), as suas obras e os seus objectivos foram-se diversificando, à medida que novas circunstâncias e novas necessidades o iam aconselhando: acolhimento a missionários idosos, cursos e retiros espirituais, lar para retornados do Ultramar e para a terceira idade, assistência pastoral nas comunidades vizinhas, nomeadamente as paróquias de Carcavelos, S. Domingos de Rana e Tires.

1. A Quinta da Torre da Aguilha

O P. Joaquim Coelho da Silva, cura da freguesia de S. Domingos de Rana, anexa a S. Pedro de Penafirme, de Sintra, escreve a 8 de Abril de 1758, à Academia Real de História, dizendo que S. Domingos de Rana tinha 24 lugares, entre os quais **Torredaguilha**, que contava então quatro fogos e acrescentava que "os maiores lucros deste povo procedem da abundância de pedra de cantaria". A Torre da Guilha tinha então uma ermida dedicada a Santa Ana.[1]

Na " Descrição do Reino de Portugal" escreveu o cronista Duarte Nunes Leão: *"Outra (pedra mármore) vermelha há em Cascais a que chamão* ***torre da Guilha*** *ainda de mais cerrado vermelho da qual ao presente se faz mais caso que de outras e se busca mais pera as obras de que agora se fez hua grande ara para a capella moor de nossa Senhora da Graça desta cidade. Nestas pedras despois de lauradas e polidas com o lustre que tem se podem ver como espelhos".*[2]

[1] Torre do Tombo. *Dicionário Geográfico de Portugal.* Vol. XXXI, p. 41-42

[2] Leão, Duarte Nunes. *Descrição do Reino de Portugal.* Lisboa 1610, p. 45

A pedra de que fala Nunes Leão era tirada de uma pedreira pertencente à propriedade que a Casa Camarido possuía no sítio da **Torre da Guilha**.[3]

Segundo Pinho Leal no seu "Portugal Antigo e Moderno", de 1874, na freguesia de S. Domingos de Rana, do concelho de Cascais, existia a **Torre da Guilha**, que tinha "excelentes mármores vermelhos, com os quais se fez a capela de *Manique de Baixo*, da freguesia de Alcabideche, que foi dos marqueses de Minas, a igreja da Graça, de Lisboa, e outras obras".[4]

A Torre da Aguilha vem também já referida na "Corografia Portuguesa" do Padre Carvalho Costa, de 1706, junto a Sassoeiros e Parede e pelo Padre Marçal da Silveira, em 1758.

No documento da chancelaria de D. José I em que, por decreto de 11 de Agosto de 1759, se eleva a vila o lugar de Carcavelos, se diz expressamente que dele fazem parte diversas quintas, entre as quais a da Torre da Aguilha.

Segundo informação de Maria Acher no seu livro "Memórias da Linha de Cascais" a quinta da Torre da Aguilha pertencia antigamente à Condessa de Camarido, que a vendeu a uma família inglesa, os Norton, os quais a transformaram numa granja D. João V e a enriqueceram com um importante e luxuoso palacete, sob os planos e a direcção do arquitecto Rebelo de Andrade. "*Domina o monte no alto da quinta, com seus varandins, seus torreões, seus telhados pontiagudos. Casa moderna, casa cómoda, mas de aparência antiga e solarenga. Goza de fama de ter sido construída no local de um antigo convento, cujas paredes foram aproveitadas para obra nova. É sua actual proprietária a família Serrão Franco*". De facto, a quando da compra da Quinta da Torre da Aguilha pelos Espiritanos em 1948, esta confinava ainda com terras de Robert Henry Norton.

Compra da Quinta da Torre da Aguilha pelos Espiritanos em 1948

Teria sido o inglês, Godofredo Norton, o construtor do palácio que incluía "casas de habitação, celeiro e vacarias", rodeado de 73 hectares de outras culturas.[5]

Em 1804, um quadro da época apresentava o palácio como "Casa de Campo do senhor Sousa de Falcon". Depois terá passado para a posse de Serrão Franco, a quem a Congregação do Espírito Santo o comprou a 13 de Junho de 1948.

No tempo de mister Norton, eram frequentes as reuniões mundanas neste palácio e os jantares festivos na sala de jantar, decorada com valiosos azulejos do século XVII.

Discute-se a origem do nome da quinta. Devido a ele aparecer em alguns documentos escrito como **"Torre da Guilha"**, Diogo Correia é de opinião que uma vez que o termo "guilha" significa "colheita abundante de cereais", o nome teria sido tomado do facto de a quinta ser um "terreno próprio para a cultura de trigo". De facto, J. Pedro Machado no seu

[3] Barruncho, Lourenço de Seixas Borges. *Apontamentos para a História da Vila e Concelho de Cascaes*. Lisboa. 1873. p. 70

[4] Leal, Pinho. *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa, 1874. Vol. II p. 478

[5] *Diário de Notícias*, 5 de Março de 1951.

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa diz que o termo "guilha" provém do árabe "galla" que significa colheita abundante de cereais, através do espanhol "guilla", que significa colheita.

Por sua vez, Eduardo Faria, no seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa, em 1849 afirma que "guilha" é sinónimo de "seara".

Além de terra excelente para produzir trigo, o que confirma a sua origem árabe, aquela terra era também rica em pedra mármore. Em 1712, o termo de Cascais era formado pela povoação da **Torre da Guilha**, entre outras, onde havia excelentes mármores vermelhos, com os quais foi feita, conforme diz Pinho Leal, a capela de Manique de Baixo, na freguesia de Alcabideche que foi dos Marqueses de Minas, a igreja da Graça em Lisboa, etc. Esta igreja da Graça, construída de 1556 a 1565 por Frei Luís de Montoia, reformador dos Ermitas de Santo Agostinho, abateu com o terramoto de 1755, sendo reconstruída nos finais do século XVIII.

Por sua vez, José da Encarnação vai buscar a origem do nome à palavra "turris" (torre) com que os romanos designavam as suas casas de campo ou explorações agrárias de uma certa monta, já que aí era explorado um importante filão de mármore vermelho. Neste caso, Aguilha derivaria da palavra romana "aquila" (águia), supondo que por ali não faltariam águias. Nesta leitura, a origem de Torre da Aguilha estaria na "Torre da Águia".

De qualquer modo, o que parece fora de dúvida, é que o seu verdadeiro nome era **"Torre da Guilha"** e não "Torre da Aguilha" como hoje se chama.

2. A compra da "Quinta da Aguilha"

Na sua reunião de 22 de Fevereiro de 1948, o Conselho Provincial da Congregação do Espírito Santo, presidido pelo provincial P. José Pereira de Oliveira, constatava que a Congregação tinha necessidade de construir com urgência um Escolasticado ou Seminário Maior novo, visto o de Viana do Castelo já não satisfazer às necessidades da Província. Para sua localização deveria preferir-se o termo de Lisboa. A capital oferecia, efectivamente, possibilidades de formação aos seminaristas e de contactos culturais de que as outras terras não dispunham e, de resto, era ali que se tratava da documentação para as viagens para o Ultramar e era dali que os missionários partiam para as missões.

O P. Agostinho Lopes de Moura, então director da Obra da Propaganda, mais tarde chamada Animação Missionária e em virtude desse cargo, foi incumbido de fazer as primeiras diligências nesse sentido. Dinâmico como era, começou logo por contactar um conhecido agente de compras e vendas, o sr. Vidal Bizarro, a quem expôs o assunto. Por sorte, mesmo no dia anterior, um colega seu o tinha abordado, falando-lhe de uma propriedade que estava à venda e que parecia corresponder às exigências do projecto em questão.

No dia seguinte, o P. Agostinho de Moura, com o P. João Pinto da Silva, ecónomo provincial e o P. Francisco Nogueira da Rocha, acompanhados dos dois agentes, dirigiram-se para a Torre da Aguilha, em S. Domingos

de Rana. A primeira impressão do local e do terreno foi favorável: "Um montado alentejano com portas para a Rua do Ouro", dizia o agente. O que mais convencia os padres era o planalto em frente do palácio da quinta, onde se poderia construir um seminário com uma maravilhosa vista sobre o Tejo e a Costa do Sol.

Ponderadas todas as vantagens e desvantagens, a Torre da Aguilha acabaria por prevalecer

Mas era preciso não se precipitar. Visitaram-se outras quintas à venda. Ranholas, Belas, Ericeira, Queluz, Sintra, Colares, Rio de Mouro, Albarraque, Linhó, Vila Franca de Xira, Caneças, Loures, Santarém... foram alguns dos locais visitados. Ponderadas todas as vantagens e desvantagens, a Torre da Aguilha acabaria por prevalecer.

O assunto foi estudado em várias reuniões do Conselho Provincial; os conselheiros foram pessoalmente ver a propriedade. Não faltaram dificuldades e hesitações, chegando-se mesmo a enviar um relatório para a Casa Mãe, a quem se pediu conselho e opinião. O Procurador Geral da Congregação, P. Letourneur, veio expressamente ver a quinta e foi de opinião que seria uma boa aquisição.

Finalmente, por escritura de 13 de Outubro de 1948, lavrada no 10º Cartório Notarial, na Rua Augusta, nº100, em Lisboa, pelo notário Bacharel Augusto Faustino dos Santos Crespo, o outorgante José Casimiro Serrão Franco e sua esposa D. Madalena Casanova y Augustine Serrão Franco vendiam à Congregação do Espírito Santo ali representada na pessoa do seu provincial, o P. José Pereira de Oliveira, 36 prédios, que no seu conjunto constituíam o que chamamos "Quinta da Torre da Aguilha". Ao todo, 73 hectares de terra. O preço da venda foi de 1.800 contos: 300 contos foram entregues no momento e 700 seriam pagos a 31 de Julho, data em que o proprietário entregou a chave da casa.

Esta venda incluía prédios rústicos de semeadura, prédios de terra inculta, e a propriamente chamada "Quinta da Torre da Aguilha", "terra de semeadura com a área aproximada de quatro geiras e meia, composta de casas, capela e abegoaria quase arruinada em parte e a outra parte completamente arruinada". Quase todas as propriedades se situavam no lugar da Aguilha, na freguesia de S. Domingos de Rana.[6]

Quando a quinta foi entregue à Congregação do Espírito Santo, esta tomou conta não só do velho palácio, como também da horta que então estava arrendada ao caseiro. A quinta estava arrendada a Constantino Vicente que a entregou também, depois de ter retirado os animais e material agrícola que lhe pertenciam.

Entretanto, por indicação do sr. Fontes, primo do P. Avantino de Sousa e antigo aluno do seminário do Fraião, viera tomar conta da quinta e da casa um feitor, o sr. Silvano Mosca, de perto de Chaves, já conhecedor da agricultura desta região por ter sido feitor de outras quintas da região de Lisboa.

[6] Arquivo Provincial CSSp. *Escritura da Compra da Torre da Aguilha.*

3. Os primeiros tempos e o lançamento da primeira pedra

A primeira iniciativa que se tomou na Torre da Aguilha foi a organização de uma "Festa Regionalista" de campanha e promoção da construção do seminário, no Pentecostes de 1949

A primeira iniciativa que se tomou na Torre da Aguilha foi a organização de uma "Festa Regionalista" de campanha e promoção da construção do seminário, no Pentecostes de 1949, no pátio do palácio, e que decorreu com grande afluência e participação de muitos núcleos da LIAM de todo o país.

Pouco depois, o feitor foi substituído por uma equipa de Irmãos Espiritanos: do Fraião veio o Ir. Moisés para se ocupar da vacaria; de Lisboa, o Ir. Valentim que tomou conta da cozinha e do aviário; e para as hortas e o cultivo dos campos foi designado o Ir. Celestino, que estava para chegar de Paris.

Dentro de uma semana deram-se as voltas todas e a primeira missa na nova comunidade, instalada no "palácio", foi celebrada no 1º Domingo do Advento desse ano, ficando desde então o Santíssimo Sacramento a residir na Torre da Aguilha.

A Casa Mãe da Congregação, consultada, foi de opinião que a erecção oficial da residência espiritana deveria ser adiada por mais algum tempo, ficando a nova comunidade anexa à comunidade de Lisboa, podendo o superior desta, na altura o P. Francisco Nogueira da Rocha, vir aqui residir o tempo que julgasse necessário.

A princípio, a Eucaristia não podia ser diária, por falta de sacerdote permanente. Só o começou a ser quando, algum tempo depois, para ali foi enviado o P. Eduardo Georger com essa incumbência. Entretanto, quando não havia missa em casa, o P. Francisco Rocha que celebrava a missa no Hospital Infantil da Parede, levava e trazia os Irmãos com ele. Ao domingo binava nas duas capelas. O P. Rocha acabou por comprar uma bicicleta para cada Irmão, especialmente para poderem ir à missa ao Hospital Infantil.

A única luz que iluminava era um candeeiro que seguia a comunidade nas suas deslocações dentro de casa

Uma pequena mesa que fora comprada para o feitor, foi colocada na cozinha, servindo ao mesmo tempo de secretária de escritório e mesa de jantar. A única luz que iluminava era um candeeiro que seguia a comunidade nas suas deslocações dentro de casa.

Entretanto, estava-se elaborando a planta do novo edifício que o Ministro do Ultramar, capitão Teófilo Duarte, autorizara fosse feita gratuitamente pelo Gabinete de Urbanização do Ultramar, sendo seu autor o arquitecto Licínio Cruz. A localização do seminário ficara logo decidida a quando da primeira visita ao local.

A obra foi orçamentada em 13 mil contos e, praticamente, não havia verba nenhuma para começar: na melhor das hipóteses podia-se dispor de dois mil contos.

A 8 de Dezembro de 1950 o Cardeal Patriarca de Lisboa lançava a primeira pedra do que viria a ser chamado Instituto Superior Missionário do Espírito Santo

A 8 de Dezembro de 1950, Festa da Imaculada Conceição, em pleno Ano Santo, numa tarde agreste, sacudida pelo vento e pela chuva, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, lançava a primeira pedra do que viria a ser chamado Instituto Superior Missionário do Espírito Santo. Assistiram ao acto, o novo provincial da Congregação e que seria a alma desta obra, o P. Agostinho de Moura, o Ministro do Ultramar, Comandante Sarmento Rodrigues, e vários membros e amigos da

Congregação. Pela tardinha, no Palácio da Torre da Aguilha, foi servido pelas liamistas um magnífico copo de água.

Aqui fica arquivado o ***"Auto da bênção e lançamento da primeira pedra":***

"No Ano Santo do Grande Jubileu – 1950, depois do nascimento de Cristo; ocorrendo o nonagésimo sexto aniversário da definição do Dogma da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria; exultando ainda com enorme alegria todo o orbe pela assunção aos céus da Santíssima Virgem Maria, que a autoridade pontifícia infalivelmente pronunciou; celebrando solenemente toda a nação Lusa a festa da sua celeste Padroeira; reinando gloriosamente o Sumo Pontífice Pio XII, no duodécimo ano do seu Pontificado; sendo Chefe Supremo da Nação portuguesa o egrégio Marechal António Óscar de Fragoso Carmona; sendo Presidente do Conselho de Ministros o ilustríssimo Doutor António de Oliveira Salazar; sendo Superior Geral da Congregação do Espirito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria o Muito Reverendo padre Francisco Griffin; e Superior da Província Portuguesa da mesma Congregação o Reverendíssimo padre Agostinho Joaquim Lopes de Moura: o Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal da Santa Igreja Romana e Patriarca de Lisboa, com a assistência de ilustríssimos ministros do Governo da Nação e de insignes Benfeitores dos Missionários, filiados da Liga Intensificadora da Acção Missionária (vulgo L.I.A.M.) bem como de muitos membros da Congregação do Espírito Santo e grande multidão de povo, benzeu solenemente e lançou a primeira pedra deste Instituto Missionário do Espírito Santo, dedicado a Nossa Senhora do Rosário de Fátima e destinado à formação sacerdotal dos Missionários que hão-de evangelizar o Império Português.

Praza a Deus, sumamente bom e altíssimo, pela benigna intercessão da Imaculada Virgem coroada nos Céus, excelsa Padroeira da Nação Portuguesa, que em portuguesa terra sobre o Monte da Cova da Iria, se mostrou aos olhos de três crianças – praza a Deus que também destoutro Monte da Torre da Aguilha, santificado como aquele pela maternal presença da Santíssima Virgem Maria, seja enviado todos os anos um exército cada vez maior de novos soldados de Cristo, para transmitir a todo o mundo a mesma mensagem que as montanhas de Fátima ouviram pela palavra da Virgem e as montanhas de Judá pelo próprio Cristo.

E para constar se lavrou este documento que, munido do sinal e selo da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria, e da assinatura dos presentes, será metido na primeira pedra dos alicerces deste Instituto, juntamente com as medalhas do Espírito Santo, do Rosário da Congregação, do Sacratíssimo Coração de Jesus, de Nossa Senhora de África e de Fátima, de S. Miguel Arcanjo, de S. Francisco Xavier e de S. João de Brito, de Santa Teresa do Menino Jesus, do Papa Pio XII e do Ano Santo, assim como muitas moedas com curso legal no tricórnio da República Portuguesa".

No Monte da Torre da Aguilha,
Arredores de Lisboa,
No dia oito de Dezembro de 1950".

Logo a seguir, em artigo do jornal Acção Missionária, no relato da bênção e lançamento da primeira pedra, o P. Agostinho de Moura lançava um apelo a todos os benfeitores e amigos das missões para se empenharem na construção desta obra.[7] De facto, o milagre que foi a construção do Seminário da Torre da Aguilha só foi possível pela mobilização que se operou em todo o país: entidades governativas, nomeadamente os Ministérios do Ultramar e das Obras Públicas, empresas, bancos e casas comerciais de Portugal e de Angola, benfeitores insignes e povo simples, todos se deram as mãos para que esta obra se levantasse com a urgência que se impunha: em pouco mais de um ano a primeira fase das obras estaria pronta para acolher os seminaristas.

O milagre que foi a construção do Seminário da Torre da Aguilha só foi possível pela mobilização que se operou em todo o país

Na mobilização das altas esferas esteve um grupo de amigos e benfeitores de Angola e da Metrópole, como o Comendador António Duarte Martins e sua esposa D. Maria Augusta Fontoura, o Dr. Nuno Simões, o Dr. Ernesto Cirilo, o Dr. Ricardo Espírito Santo, o Comandante Freitas Morna, entre outros.

Todos se deram as mãos para que esta obra se levantasse com a urgência que se impunha: em pouco mais de um ano a primeira fase das obras estaria pronta para acolher os seminaristas

Nas camadas populares foram incansáveis os núcleos da LIAM de todo o país.

Nas camadas populares foram incansáveis os núcleos da LIAM de todo o país

Começou-se pelas Festas Regionalistas anuais, primeiro na Aguilha, depois no Parque Eduardo VII, em Lisboa, e logo entraram na onda rendas, bordados, tapetes, louças, artigos regionais, conservas, frutas, bebidas, etc. Recorreu-se aos Amigos das Missões, às Câmaras Municipais, às Comissões de Turismo, aos Grémios da Lavoura, às Casas do Povo, aos artistas da Rádio e aos jogadores de Hokey em patins, aos Orfeões Universitários de Coimbra e do Porto, às Juntas de Freguesia, às Sociedades Culturais e de Recreio...

Passou-se depois à Campanha dos Proprietários de Honra da Quinta, à Campanha da compra do metro quadrado, à Campanha dos Grandes Beneméritos Fundadores, dos Beneméritos Fundadores, dos Amigos Fundadores e dos Sócios Fundadores, Campanha do escudo mensal, Campanha do Ramalhete Espiritual, etc. E não faltaram propostas concretas de ajuda como a construção do altar-mor da igreja a que logo aderiu o sr. Comendador Duarte Martins e sua esposa, a construção de cada um dos quinze altares laterais, compra de cálices e alfaias de culto.

Depois, já levantado o seminário, viria a Campanha dos Iluminadores da Cruz (ALILUZ), iluminação da cruz do seminário que, do crepúsculo ao amanhecer, seria farol da missão para as naves que desciam e subiam o Tejo.

E, numa fase ainda mais adiantada da obra, seria lançada a campanha da mobília dos quartos.

Todo este movimento seria acompanhado com frequentes reuniões e encontros dos "Amigos de Angola", sempre atentos ao crescimento e desenvolvimento da obra, para que o entusiasmo não esmorecesse nem a obra se interrompesse. E esse viria a ser um segundo milagre: a construção

[7] *Acção Missionária*. Janeiro de 1951.

Um segundo milagre: a construção do seminário nunca se interrompeu e os timings exigidos pela evolução da situação foram cumpridos

do seminário nunca se interrompeu e os *timings* exigidos pela evolução da situação foram cumpridos.

Desde os primeiros tempos merece referência especial um grupo de leigos amigos que acompanharam o nascimento desta obra com a ternura de quem a fez sua: o Comendador Duarte Martins, sempre atento ao essencial e às urgências da vida do seminário, sua esposa D. Maria Augusta, particularmente sensível aos seus mimos de madrinha, com a oferta de meias aos seminaristas pelo Natal, de amêndoas pela Páscoa, às alfaias de culto e outras delicadezas do altar, e o Conde de Riba d´Ave, mais motivado pela necessidade de lazer dos seminaristas, a quem oferecia um passeio todos os anos.

4. O início das obras

A demora no estudo do projecto fez com que as obras só pudessem começar a 6 de Agosto de 1951. Orientou-as o arquitecto Licínio Cruz, do Ministério do Ultramar, tendo tomado conta da empreitada o construtor Júlio Cismeiro. *"Nesse dia 6 de Agosto, de manhãzinha, ainda as ovelhas da Quinta da Torre da Aguilha pastavam tranquilamente no local onde se ia começar a erguer o Instituto Superior Missionário do Espírito Santo."*

Depois chegou o sr. Júlio Cismeiro com dezenas de operários... As ovelhas foram para outras pastagens. Homens e máquinas entraram em acção, abriram-se os caboucos, encheram-se os alicerces, as paredes vão-se erguendo em ritmo acelerado..."[8]

No ano seguinte, uma grande parte da construção que incluía o pavilhão central até à igreja, e alguns serviços anexos, como a sala de jantar, a cozinha, a biblioteca, as galerias, etc, estava pouco mais ou menos em condições de se poder habitar. A igreja só mais tarde se resolveu construir e no dia 16 de Janeiro de 1952 o benfeitor Dr. Ricardo Espírito Santo dava a primeira sacholada no terreno para abrir os seus alicerces.

Pressionados por falta de espaço em Viana do Castelo, os alunos de Teologia chegaram à Torre da Aguilha a 29 de Outubro de 1952

Pressionados por falta de espaço em Viana do Castelo, os alunos de Teologia chegaram à Torre da Aguilha a 29 de Outubro de 1952, depois das férias se terem prolongado por mais um mês, à espera da conclusão das obras.

A sala da biblioteca foi provisoriamente aproveitada para capela, pois a igreja estava ainda em construção e para salas de aulas adaptaram-se salas destinadas a outros fins. A sala de comunidade ficou a funcionar na extremidade da galeria do primeiro andar e a sala do centro do segundo andar foi escolhida para biblioteca. No rés-do-chão foram também aproveitadas duas salas de visitas para quartos de habitação.

Apesar de inacabado, o edifício mostrava já a imponência e a elegância que o caracterizam. Amplo e rectilíneo, cheio de luz e de sol, voltado para o mar e para a distância, o edifício impunha-se pelo seu traçado arrojado e elegante, pela beleza da sua torre sóbria e firme, pela imponência da sua fachada, matizada pelo colorido verde das suas persianas.

[8] *Ibid.* Outubro de 1951.

O nome com que se baptizou o novo seminário foi "Instituto Superior Missionário do Espírito Santo" pois o pensamento original foi fazer dele não apenas um seminário de Teologia, mas também um grande centro de cultura missionária e ultramarina. Portugal não possuía na capital do seu Império uma instituição missionária condigna, que visibilizasse a missão que o tornou grande entre os povos.

5. A abertura do seminário e das aulas

A nova comunidade tinha sido erecta canonicamente a 2 de Setembro de 1952, tendo sido nomeado seu primeiro superior e director o P. Firmino Cardoso Pinto.

Os teólogos, acompanhados por todo o corpo docente, saíram de Viana do Castelo no comboio das 07.40

Os teólogos, acompanhados por todo o corpo docente, saíram de Viana do Castelo no comboio das 07.40. Na sua passagem pela Silva foram cumprimentados no apeadeiro pelos noviços e seus dirigentes que acorreram à sua passagem e no Porto pelo P. José Neiva Araújo e pelo Ir. Carlos.

A chegada à estação do Rossio foi pelas 18.30, sendo aqui recebidos pelos PP António Rodas, António Brásio, Silva Amorim e pelos Ir. Ambrósio e sr. Manuel Teixeira. A viagem para a Torre da Aguilha foi feita em dois autocarros. Aqui eram esperados pelos PP. Provincial, José da Fonseca Lopes e António Giroto.

O culto foi inaugurado nesse mesmo dia às 21.30, na capela provisória da casa com o mês do Rosário e o canto do Magnificat.

Ao outro dia, 30 de Outubro, foi cantada a Missa do Imaculado Coração de Maria, presidida pelo R. P. Provincial. A comunidade ficaria consagrada a Nossa Senhora de Fátima

No dia 31 de Outubro foi a abertura solene das aulas. Ao almoço prestou-se uma significativa homenagem ao grande obreiro desta casa, o P. Agostinho de Moura, e pelas 16.00 horas realizou-se uma Sessão Solene para a abertura das aulas na galeria do primeiro andar. Nela participaram, além dos confrades da Comunidade de Lisboa e de outras comunidades, o Ministro do Ultramar, Comandante Sarmento Rodrigues, o Bispo de Prienne, em representação do sr. Cardeal Patriarca, ausente em Braga, e numeroso grupo de benfeitores e amigos, entre os quais se destacavam o Director Geral do Ensino Ultramarino, o Presidente da Câmara de Cascais, o Gerente da Diamang, etc. A oração de Sapiência foi proferida pelo P. António Giroto que versou o tema "Razões por que este Instituto foi consagrado a Nossa Senhora". O copo de água final foi servido pelas Liamistas da Parede.

O corpo docente do seminário ficou assim constituído: P. Firmino Cardoso, reitor, P. José da Fonseca Lopes, ecónomo, PP. José Finck, Fernando Moreira, Agostinho Pinheiro, António Pereira Rodrigues e António Giroto.

Como pároco de Carcavelos e S. Domingos de Rana, o P. Querubim Meireles.

A equipa dos Irmãos era formada pelos Irs. Luís Gonzaga, Moisés, Valentim, Lúcio, João de Deus, Modesto, Frutuoso, Samuel e Hilário.

Os teólogos eram 46, assim distribuídos: 9 do IV ano de Teologia (Anacleto Baptista, Manuel Martins Ferreira, João Gomes Gonçalves, Joaquim Correia, Porfírio Lourenço, Óscar Guedes, Manuel Rodrigues Teixeira, Luís Cabral e Eduardo Moniz); 16 do III ano: (Proença, Carvalho, Lapa, Carlos Ferreira, Custódio Campos, Sá Cachada, Pinheiro, Belmiro, Joaquim Mendes, Torres Palma, Alberto Camboa, Almeida, Fernando Antonione, Alberto Fonseca Lopes, Ferreira da Silva); 8 do II ano (Laranjeira, Valinho, Neiva, Veiga, Pires, Manuel Martins, Pontes e Lima); 13 do I ano (Marante, Costa, Afonso da Cunha, Fernandes Correia, Ribeiro Lopes, Sousa Pinho, Seixas, Costa Campos, Pereira, Torres Neiva, António Paulo, Correia de Pinho e Nunes).

6. Inauguração Solene do Seminário

O Seminário foi solenemente inaugurado a 7 de Julho de 1957

Só cinco anos depois, após a construção do Pavilhão Leste, é que o Seminário foi solenemente inaugurado. Foi a 7 de Julho de 1957, festa da Consagração ao Apostolado dos Finalistas, que o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira e com a presença do sr. Núncio Apostólico, presidiu a esta inauguração. Além destes prelados estiveram presentes o Bispo de Tiava, D. José Pedro da Silva, Eng. Carlos Abecassis, Ministros e Subsecretário do Ultramar, Dr. Félix Amaral, em representação do Ministro das Obras Públicas, Dr. Braga Paixão, Director Geral do Ensino Ultramarino, Dr. Cruz de Oliveira, Presidente do Supremo Tribunal Administrativo e a deputada Margarida Craveiro Lopes, Tenente Coronel Cardoso Pessoa, presidente da Câmara de Cascais, Comodoro Lopes Alves, Governador do Banco de Angola, os grandes benfeitores da Torre da Aguilha, Comendador Duarte Martins, Ernesto Cirilo e muitos convidados, num total de 2000 pessoas.

O sr. Cardeal patriarca entregou o Crucifixo a cada um dos 11 novos missionários, seguindo-se depois uma Sessão Solene em que usaram da palavra o R. P. Provincial e o sr. Cardeal Patriarca e se assistiu à representação do "Auto das ovelhas perdidas", expressamente escrito e encenado pelo dr. Eurico Lisboa (Filho) para essa ocasião. No final foi servido um copo de água.

A Televisão, a Rádio e toda a imprensa portuguesa, deram grande relevo a esta inauguração

A Televisão, a Rádio e toda a imprensa portuguesa, nomeadamente a de Lisboa, Porto e de Angola, deram grande relevo a esta inauguração, concretamente, os jornais Novidades, Voz, Diário de Notícias, Século, Diário Popular, Diário de Lisboa, Diário Ilustrado, Diário da Manhã, Século Ilustrado, Primeiro de Janeiro, Comércio do Porto, Diário do Norte, Jornal de Notícias, A Ordem, A Voz do Pastor, A Guarda, Diário dos Açores, Comarca de Arganil.

No dia seguinte foi prestada homenagem a todos os confrades que mais contribuíram para a construção deste seminário.

7. Acontecimentos mais relevantes da história do seminário

Ao longo destes 50 anos, a história do seminário passou por várias fases. Construído e mantendo a formação dos alunos de Teologia como

prioridade, (excepção feita a um interregno de 1975 a 1996), as suas obras e os seus objectivos foram-se diversificando, à medida que novas circunstâncias e novas necessidades o iam aconselhando: acolhimento a missionários idosos, cursos e retiros espirituais, lar para retornados do Ultramar e para a terceira idade, assistência pastoral nas comunidades vizinhas, nomeadamente as paróquias de Carcavelos, S. Domingos de Rana e Tires.

Entre os acontecimentos mais relevantes que marcaram a vida do seminário como casa de formação de futuros missionários, destacamos os seguintes.

A 28 de Março de 1953 foi benzida a nova igreja do seminário pelo sr. D. Agostinho de Moura, bispo eleito de Portalegre.

A 26 de Abril desse mesmo ano de 1953 teve lugar na igreja do seminário a Ordenação Episcopal do sr. D. Agostinho de Moura, sendo bispo ordenante o sr. Cardeal Patriarca, coadjuvado pelo arcebispo de Luanda, D. Moisés Alves de Pinho e o bispo de Vila Real. Estiveram presentes, entre outros, o Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, P. Francis Griffin, os bispos do Porto, Beja, Limira, o D. Abade de Singeverga, vários provinciais e uma grande representação das dioceses de Vila Real e Portalegre. Também a Família espiritana e liamista marcou presença em grande número, tendo esta oferecido ao sr. D. Agostinho, a cruz peitoral.

A 3 de Maio de 1953 teve lugar a sagração da igreja, presidida pelo sr. D. Agostinho de Moura, com a participação do sr. D. Moisés Alves de Pinho, do Superior Geral da Congregação, do P. Clemente Pereira da Silva, assistente geral e do P. Olavo Teixeira, provincial.

A 5 de Julho foram as primeiras Ordenações neste seminário: nove subdiáconos, quatro minoristas e onze tonsurados e a primeira Consagração ao Apostolado dos novos missionários. Presidiu à celebração mais uma vez o sr. D. Agostinho de Moura.

A 27 de Setembro desse mesmo ano, 1953, foram ordenados os primeiros nove presbíteros: PP. Alexandre Teixeira de Carvalho, José Lapa, Carlos Ferreira de Azevedo, Custódio Campos, António de Sá Cachada, João Baptista Pinheiro, Belmiro Coelho da Silva, Joaquim Maria Mendes e José Torres Palma. Os PP. Alberto da Fonseca Lopes e Manuel Ferreira da Silva, do mesmo curso, seriam ordenados a 2 de Maio de 1954.

A 27 de Setembro de 1953, foram ordenados os primeiros nove presbíteros

A 25 de Março de 1954 faleceu no Palácio, o P. Arnaldo Baptista, sendo o seu funeral no dia seguinte. Foi o primeiro confrade a falecer na Aguilha e a ser sepultado no cemitério de S. Domingos de Rana.

No dia 5 de Maio de 1954, o seminário recebeu a visita honrosa do Núncio Apostólico D. Fernando Cento; nesse mesmo dia faleceria o Ir. Luís Gonzaga. Outros Núncios visitariam mais tarde o seminário como D. Giovann Panico e D. Maximiliano Fustenmberg.

No dia 13 de Maio de 1954, dia da festa da Padroeira do Seminário, fez-se a Consagração da Comunidade ao Imaculado Coração de Maria, que depois se renovaria todos os anos, nesse mesmo dia.

A 11 de Dezembro de 1955 estiveram no seminário, acompanhados pelo sr. D. Agostinho de Moura, os pintores espanhóis D. Henrique e D. Júlio, que pintariam a ceia mural que está na sala de jantar. Estes pintores tinham já oferecido uma pintura de Nossa Senhora para a capela do seminário de Portalegre.

No ano lectivo de 1956-57 transitou de Viana para a Aguilha o Curso Filosófico

A 9 de Abril de 1956 começou a construção da última fase das obras do seminário: o pavilhão leste.

Também no ano lectivo de 1956-57 transitou de Viana para a Aguilha o Curso Filosófico, este ano reduzido ao 2º ano.

A 4 de Julho de 1957 a biblioteca do seminário de Viana do Castelo foi transferida para a Aguilha.

A 1 de Maio de 1958 foi entronizada a Senhora de Fátima com os três pastorinhos na galeria do seminário, que ficou a ser a "Tutela Domus" e que foi benzida a 13 de Maio desse ano.

A 10 de Junho de 1958 realizou-se a Reunião dos Antigos Alunos da Formiga e a 27 de Julho foi a reunião dos Antigos Alunos do Seminário do Espírito Santo. Esta reunião passou a repetir-se todos os anos.

No dia 1 de Outubro de 1958 foi benzido o seminário, pois até aí ainda o não tinha sido. No dia 5 desse mesmo mês, os finalistas partiram para a universidade de Salamanca a fim de aí fazerem um ano de pastoral. Em 1961 o Ano de Pastoral voltaria a ser feito na Aguilha.

Em 1959-60 veio para a Aguilha o Noviciado, devido ao seminário da Silva entrar em obras. Com eles vieram também o mestre de noviços P. José Alves e o confessor, P. Henrique Sá Couto. Permaneceriam aqui até à inauguração do novo seminário da Silva em 1962.

Durante o ano de 1960-61 teve lugar nesta casa o Curso Internacional de Pastoral em que participaram espiritanos portugueses e holandeses.

O Comendador Duarte Martins e a srª D. Maria Augusta Fontoura, os dois maiores benfeitores do seminário

A 24 de Outubro, alguns confrades, sobretudo Irmãos, que desde o início tinham ficado a viver no Palácio, passaram a morar no seminário.

A 29 de Abril de 1960 a Santa Sé concedeu a Comenda de S. Silvestre ao sr. Comendador Duarte Martins e a medalha "Pro Ecclesia et Pontifice" à srª D. Maria Augusta Fontoura, sem dúvida os dois maiores benfeitores do seminário. À cerimónia presidiu o Núncio Apostólico D. Giovanni Panico.

A 22 de Maio de 1960 realizou-se na Torre da Aguilha uma grande concentração de seminaristas diocesanos e dos seminários religiosos do Patriarcado.

De 31 de Agosto a 7 de Setembro de 1962 esteve nesta comunidade Mons. Lefebvre, que aqui fez o seu retiro de preparação para assumir as suas funções de Superior Geral da Congregação.

A 2 de Fevereiro de 1962, festa do V. P. Libermann, instalou-se no Palácio a Obra do Pré-Postulantado dos Irmãos, sendo seu director o P. Fernando Moreira, coadjuvado pelo Ir. João Berchmans. Esta iniciativa viria a ter uma existência bastante precária.

Em 1964, com o patrocínio da Associação de Futebol de Lisboa, iniciou-se um torneio de futebol inter-seminários, com a participação da Torre da Aguilha.

Em 1966-67 o número de seminaristas atingiu o pico: 89, sem contar os 11 que estavam a estudar em Roma ou em estágio pastoral; ao todo,

portanto: 100. Nos anos seguintes, atendendo à crise que então atingiu os seminários, o número começou a diminuir a ponto de chegar a 38 em 1969-70 e apenas 10 em 1971.

No ano de 1967-68 mudou-se a dinâmica da formação no seminário: passou a haver três ciclos. Ao lado dos cursos obrigatórios passou a haver cursos livres versando sobretudo questões actuais.

A 21 de Junho de 1968, faleceu na sua vivenda do Estoril, com 92 anos de idade, o sr. Comendador Duarte Martins. As exéquias celebradas no dia seguinte foram presididas pelo sr. D. Agostinho de Moura e a comunidade da Aguilha velou o seu corpo toda a noite na igreja de Santo António do Estoril.

Em Novembro de 1968 os alunos começaram a frequentar as aulas na Universidade Católica de Lisboa

Em Novembro de 1968, os alunos do Curso Propedêutico começaram a frequentar as aulas na Universidade Católica de Lisboa, rotina que nos anos seguintes se estendeu aos outros cursos.

Com a diminuição do número de seminaristas, em 1971-72, uma parte da casa continuou a servir para os escolásticos, outra foi reservada para acolhimento dos missionários idosos, abrindo-se assim uma nova comunidade, e outra para Casa de Cursos e Exercícios Espirituais.

A partir de 1975-76 deixou de haver escolásticos na Aguilha. Os alunos de Teologia foram diminuindo até que, após as Ordenações deste ano, o escolasticado deixou de funcionar nesta casa. Os alunos de Filosofia, vindos de Braga, prosseguiram a sua formação teológica em Espanha até 1983, ano em que se abriu uma nova casa para o II Ciclo de Teologia, no Restelo.

Em 1996-97, o II Ciclo de Teologia regressou à Aguilha

Em 1996-97, depois de grandes obras de restauro na Aguilha, o II Ciclo de Teologia regressou à Aguilha.

Nestes 50 anos, das centenas de alunos que frequentaram a Torre d'Aguilha, foram ordenados 156, mais 8 no tempo em que o Escolasticado esteve no Restelo A quase totalidade partiu para as missões.

8. Lar de Idosos e Casa de Retiros

A Casa de Retiros começou a funcionar no Pavilhão Leste, em 1972, sendo este um serviço de valor incalculável que a casa tem prestado à Igreja portuguesa. Centenas de milhares de utentes têm passado por esta casa. A média actual é de 10 mil por ano.

A 1 de Outubro de 1975, a secção das salas de aulas, frente ao parque desportivo exterior, bem como o topo da galeria central, é, a pedido do Governo, adaptado a Escola-Ciclo. O contrato entre a Congregação e o Ministério das Finanças foi efectuado a 28 de Outubro de 1976. A Escola viria a fechar em 1985.

Com o retorno de muitos portugueses das antigas colónias em 1975, disponibilizou-se o primeiro e segundo andares da parte direita do pavilhão central para a Cruz Vermelha Portuguesa nela acolher os retornados do Ultramar. Este lar passará em 22 de Março de 1978 para o IARN e finalmente para a Segurança Social, que o transformou em Lar de Terceira Idade. No mês de Setembro de 1996 fez-se a mudança do Lar para os dois primeiros pisos do Pavilhão Leste, tendo ali permanecido até deixarem esta casa no ano de 2001. Entretanto, a Casa de Retiros ficou a funcionar no Pavilhão Central.

A 31 de Março de 1980 arrendou-se a quinta, parte agrícola e parte pecuária e o antigo palácio, à firma Preguilha, Pecuária da Aguilha, Lda., constituída por Valentim Pereira, José António Paes Lopes, Manuel Monteiro Pedras e Abel.[9]

A 17 de Março de 1982 a Congregação fez um contrato promessa de venda do artigo urbano nº 197 ao Dr. Fernando dos Santos Costa, que incluía a casa senhorial, as instalações agrícolas e pátios, além de outras propriedades devidamente indicadas no contrato, depois de ter cessado o arrendamento da Firma Preguilha.[10] Outras pequenas vendas se seguiriam depois.

Em Maio de 1982, realizou-se neste seminário o Conselho Geral Alargado da Congregação do Espírito Santo

De 14 a 30 de Maio de 1982, realizou-se neste seminário o Conselho Geral Alargado da Congregação do Espírito Santo, em que estiveram presentes, além de todo o Conselho Geral, a quase totalidade dos Superiores Maiores da Congregação.

A 18 de Dezembro de 1983 começou nesta comunidade a reunião da Comissão da Revisão das Constituições da Congregação, formada por 28 peritos de toda a Congregação. A reunião prolongar-se-ia até 7 de Janeiro de 1984.

No ano de 1984, de 15 a 30 de Julho, com a presença do Superior Geral, P. Franz Timmermans, realizou-se nesta comunidade o Capítulo Provincial, abrindo assim uma rotina que aqui se repetiria de seis em seis anos.

A 9 de Abril de 1989 começaria a construção da auto-estrada que daria ao seminário um novo enquadramento rodoviário.

A 23 de Outubro de 1989 a "Marginaudio, Lda" assina um contrato com a Província que lhe permite adaptar as salas e demais anexos junto ao Rinque para os seus serviços de Radio Marginal.

A remodelação completa da igreja, no ano 2000 a cargo do Arquitecto Líbano Monteiro que lhe deu um novo rosto e fez dela um dos espaços mais sugestivos e mais estimulantes de todo o seminário

Em 1996 começam as grandes obras de restauro da Aguilha, que incluirão a renovação dos quartos, o redimensionamento das salas, os espaços de acolhimento, etc. Foi depois destas obras que o Curso de Teologia, agora bastante reduzido, voltou para a Aguilha. As obras culminariam com a remodelação completa da igreja, no ano 2000, a cargo do Arquitecto Líbano Monteiro, que lhe deu um novo rosto e fez dela um dos espaços mais sugestivos e mais estimulantes de todo o seminário.

Em 1989 os Provinciais espiritanos da Europa realizaram aqui a sua reunião anual, encontro que repetiriam em 1999 e várias Comissões Espiritanas Europeias escolheram também esta casa para os seus encontros anuais. No ano 2004 reunir-se-à aqui o Capítulo Geral da Congregação.

Durante estes 50 anos trabalharam neste seminário 125 Espiritanos dos quais 57 já faleceram.

[9] APPC.S.Sp. *Actas das reuniões da Torre da Aguilha*, 1977-1984. P. 23-25, Contrato de 31 de Março de 1980.

[10] APCSSp. *Contrato promessa de venda de 19 de Maio de 1992*.

Conclusão

Parte integrante desta história viva, além dos 125 Espiritanos, padres e irmãos, que a esta obra deram alguns dos melhores anos da sua vida, é uma lista enorme de benfeitores, de que destacamos os grupos da LIAM de todo o país e um núcleo duro de pedras-chave que se distinguiram na construção desta obra. Especial relevo para o sr. D. Agostinho de Moura, P. José Felício, Comendador Duarte Martins e Dr. Nuno Simões.

Comemoração dos 50 anos do seminário, celebrada a 3 de Novembro de 2002

Na comemoração dos 50 anos do seminário, celebrada a 3 de Novembro de 2002, estiveram presentes, como há 50 anos no dia da sua inauguração, o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, os srs. Presidente da Câmara de Cascais e da Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana e uma multidão imensa de liamistas e amigos da Congregação. Foram descerradas três lápides: uma pelo sr. D. José Policarpo, Patriarca de Lisboa, recordando a bênção do altar da igreja restaurada; outra pelo sr. Dr. António Capucho, presidente da Câmara de Cascais, evocativa dos 300 anos da missão espiritana; e outra, recordando os 50 anos da fundação do seminário, a cargo de D. Maria de Lurdes Fernandes, uma das liamistas que estiveram presentes no lançamento da primeira pedra, há 50 anos.

Fontes utilizadas

– Diário da Comunidade da Torre da Aguilha.
– Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.
– Arquivo da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo (APPCSSp).

remodelação da igreja do seminário da torre da aguilha

Nas obras a que tem estado submetido o seminário da Torre da Aguilha nos últimos anos, a remodelação da igreja foi das mais significativas e à qual se deu mais importância como ponto central de todo o seminário. O Arquitecto Líbano Monteiro explica aqui, em traços rápidos, quais os elementos que o orientaram no projecto de remodelação a que presidiu.

– Foi aqui que me ordenei!

A beleza desse acontecimento será sempre maior do que a beleza da igreja onde foi celebrado.

– Aqui rezámos, e fomos recebidos na dádiva imensa do olhar do Senhor!

O calor espiritual desses momentos será sempre maior do que a capacidade de acolher da igreja onde aconteceram.

As igrejas têm um papel importante a desempenhar na vida da Igreja, mas se todas fossem arrasadas a Igreja permanecia.

Numa igreja feia e estragada podemos encontrar a Deus um dia. Noutra igreja muito bela e arranjada podemos passar sem reparar n'Ele, noutra altura.

O Espírito e o Homem encontram-se em qualquer lugar e em qualquer circunstância

O Espírito e o Homem encontram-se em qualquer lugar e em qualquer circunstância.

E então nasce o desejo de configurar esses lugares à imagem desse mesmo encontro.

A Igreja do Seminário da Torre d'Aguilha tinha novas missões e precisava de cuidados, depois de bons anos de serviço.

O que foi feito na recente remodelação interior?

---

* Arquitecto Luís Manuel Líbano Monteiro. Pai de família numerosa, membro do movimento de Schoenstatt, colaborador gráfico para a pastoral das Vocações – Lisboa; responsável pelo projecto do espaço inter-religioso da Expo 98 (Lisboa) e pelo projecto da remodelação da capela da casa provincial de Portugal, na rua de Santo Amaro à Estrela.

1. As Portas

A igreja não tinha porta directa para o hall de entrada do Seminário, ficando escondida para quem chegava. Foi aberta essa porta, marcada por uma pequena rampa em mármore.

A entrada principal da igreja, com escadaria, foi envolvida por um jardim e um adro. Pelo jardim sobe discretamente uma rampa. Espera-se uma estrada nova que ligue às populações vizinhas.

2. Duas igrejas numa só

O interior foi dividido em dois. Uma parede amovível com 2,5m de altura torna a cabeceira da igreja numa capela para 50 pessoas, com entrada directa para o Hall principal do Seminário. Para visita ao Santíssimo, oração pessoal, celebrações de grupos pequenos e para o sacramento da reconciliação – foram construídos dois confessionários.

Nas grandes celebrações, a parede abre-se, e utiliza-se todo o espaço da igreja.

3. O sacrário

Dois espaços mas uma só igreja e por isso um só sacrário

Dois espaços mas uma só igreja, e por isso um só sacrário, que está inserido na parade amovível. Quando esta se desloca, leva consigo, para um dos lados, o sacrário, que permanece visível de toda a igreja.

Uma lâmpada de cada lado. Feito para ser aberto e nêle se poder expôr o Santíssimo, iluminado por um foco de luz no interior.

Em madeira lisa, sem nada onde reter o olhar senão na chama – viva – da lamparina que vem de dentro, através de uma abertura feita na porta.

4. A luz

As janelas receberam vidros transparentes deixando entrar muita luz que faltava à igreja.

A Sul, as janelas são protegidas do sol directo e da luz excessiva por paredes exteriores.

Na cabeceira existia uma abóbada em estafe que ruiu. Era uma zona muito escura, sem janelas. Foi aberta uma janela comprida e estreita, encostada à lage do tecto, a toda a volta, por onde entra uma luz suave.

Das janelas do Coro vinha demasiada luz sobre os olhos do celebrante, pelo que foram ocultadas.

No cimo das paredes, onde se reúnem ao telhado, uma fina linha de luz separa parede e tecto.

À noite, sem se verem candeeiros, a igreja ilumina-se, mais ou menos, aqui ou ali, conforme a celebração peça. Toda a luz vem pelas janelas, de projectores colocados fora.

5. Os materiais

Retirando o reboco das paredes mestras da igreja pôs-se a descoberto a pedra irregular com que são feitas, com algumas vigas em betão armado sobre as janelas.

As colunas foram estucadas e pintadas de branco, depois de retirados os mosaicos escuros que as revestiam.

Algumas paredes foram barradas com argamassa de cor creme, para contrastar com o branco de outras paredes e tectos.

Foram retirados os estafes do tecto deixando à vista o madeiramento do telhado, sobre o qual foi feito um forro de madeira clara.

A pedra e a madeira à vista "aqueceram" substancialmente o ambiente da igreja

A pedra e a madeira à vista "aqueceram" substancialmente o ambiente da igreja.

Os corredores laterais (de onde foram retirados os altares hoje não utilizados) são em mármore branco, separados das paredes por uma caleira de gravilha escura solta.

Os bancos corridos assentam num soalho robusto e largo. As grelhas que ocultam as colunas de som são em madeira.

O altar, o ambão, o sacrário são também em madeira clara.

6. Som e água

A acústica e o sistema de amplificação de som ficaram corrigidos. Não são visíveis nem colunas nem microfones.

No silêncio, ouve-se o cair de um fio de água para um pequeno tanque cheio de luz (que atravessa uma janela baixa junto ao altar).

7. O Altar

Grande e lançado para a frente a pedir missão

Grande e lançado para a frente, para a assembleia e para a porta e para fora, a pedir missão. Não tem quatro pés nem é um bloco. Apoia-se numa folha inclinada de madeira, que começa curva no chão e termina recta no tampo. O Ambão segue o mesmo desenho.

8. O crucifixo

Afortunado o que pode olhar para uma imagem do Senhor e dizer: fí-la. Desgraçado também. Quem poderá fazê-la verdadeiramente alguma vez?

Só Deus conseguiu dar corpo humano ao próprio Deus

Só Deus conseguiu dar corpo humano ao próprio Deus.

Aqui a cruz está quebrada, apenas arranca do chão e desaparece, mas o próprio corpo é cruz. Cruz vencida, mas cruz sempre. A ressurreição não escondeu as chagas.

A cabeça está erecta e firme, mas inclina-se, não pela morte, antes para olhar para nós. Os olhos estão bem abertos. Não tem barba, não sei porquê.

E agora?

Obra feita, depois de debates, opções, oração, entusiasmos, canseiras e despesas.

Não agradará a todos. Mas todos receberão de Deus nela. Irá servir.

Olhar sempre longe

Mantê-la é obrigação. E terá sempre muita necessidade do mesmo esforço de discernimento que a gerou. E respeito.

Banir a pressa. Olhar sempre longe.

Manter sempre acesa a chama do Santíssimo.

3 5282 00646 3999

Duquesne University
3 5282 00646 3999

Programa do Colóquio

EDUARDO MIRANDA
Abertura do Colóquio: Missão num Mundo Incerto

MÁRIO SOARES
As Incertezas do Mundo Contemporâneo

TEOTÓNIO R. DE SOUZA
Integração Dhármica e a Globalização

D. JOSÉ POLICARPO
Que Missão para a Europa?

P. PIERRE SHOUVER
A Missão na Fronteira e as Fronteiras da Missão

D. SÉRGIO CASTRIANI
Amazónia, Missão e Espiritualidade da Terra-Água

JERÓNIMO CAHINGA
África, a Missão da Esperança e a Especialidade da Inculturação

MESA REDONDA
Experiências de Missão na América Latina

DOCUMENTOS
Comissão Pastoral da Terra

SECRETARIADO DO ANO ESPIRITANO
Exposição Missionária: Alarga o Espaço da Tua Tenda

ADÉLIO TORRES NEIVA
Seminário da Torre da Aguilha: 50 Anos de História ao Serviço da Missão

LÍBANO MONTEIRO
Remodelação da Igreja do Seminário da Torre da Aguilha